



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

BARBARA LIPINSKI

**MEDIAÇÃO CULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA  
COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO:  
UM ESTUDO DO CENTRO INTEGRADO DE CULTURA (CIC)  
DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS/SC**

Londrina  
2023

BARBARA LIPINSKI

**MEDIAÇÃO CULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA  
COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO:  
UM ESTUDO DO CENTRO INTEGRADO DE CULTURA (CIC)  
DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS/SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para qualificação de Mestrado em Ciência da Informação.

Orientador: Profa. Dra. Luciane de Fátima Beckman Cavalcante

---

Londrina  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

L764	<p>Lipinski, Barbara.</p> <p>Mediação cultural para o desenvolvimento da competência crítica em informação : um estudo do Centro Integrado de Cultura (CIC) do município de Florianópolis/SC / Barbara Lipinski. - Londrina, 2023. 128 f. : il.</p> <p>Orientador: Luciane de Fátima Beckman Cavalcante. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2023. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Bibliotecário - Centros culturais - Tese. 2. Centro Integrado de Cultura - Florianópolis - Tese. 3. Competência crítica em informação - Tese. 4. Mediação cultural - Tese. I. de Fátima Beckman Cavalcante, Luciane. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 02</p>
------	--

BARBARA LIPINSKI

**MEDIAÇÃO CULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA  
COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO:  
UM ESTUDO DO CENTRO INTEGRADO DE CULTURA (CIC)  
DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS/SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para qualificação de Mestrado em Ciência da Informação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Luciane de Fátima Beckman  
Cavalcante  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Sueli Bortolin  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra  
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência  
e Tecnologia – IBICT/UFRJ

Londrina, 27 de março de 2023

Dedico este trabalho àqueles que dele se apropriarão para refletir e agir rumo à transformação social.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão é uma expressão que não cabe em si mesma nem em quem a possui, por isso ela se manifesta em palavras e ações e carrega o mais profundo sentimento: o amor! E por ela não caber em mim é que faço uso das palavras para expressá-la.

A Deus, mestre e doador de todo o conhecimento. O primeiro, o último e o melhor!

À minha família, especialmente aos meus pais, Aloisio e Lúcia e ao meu esposo, Anderson, por todo amor, incentivo e apoio infinitos. Vocês são meus tesouros e a razão de minhas conquistas!

À Universidade Estadual de Londrina e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UEL), por tornarem possível a realização de um sonho – mestrado em uma universidade pública e uma das melhores do país – e por proporcionarem tantos eventos e palestras com excelentes professores e pesquisadores da área.

Aos professores, sábios e acolhedores em seus ensinamentos, com quem tive o prazer de aprender durante as disciplinas cursadas: Profa. Dra. Ana Cristina de Albuquerque, Profa. Dra. Thais B. Zaninelli, Profa. Dra. Luciane de Fátima B. Cavalcante, Prof. Dr. Francisco C. Paletta, Profa. Dra. Rosane S. A. Lunardelli, Profa. Dra. Teresinha E. da Silva, Prof. Dr. Marco A. N. Soares e Profa. Dra. Paula R. V. A. Gonzalez. Grandes mestres!

À minha orientadora, Profa. Dra. Luciane Cavalcante, que me instruiu de maneira prazerosa, por acreditar em meu potencial, por me fazer sair da zona de conforto ao me incentivar a pesquisar acerca de temas que eu tinha pouco conhecimento, pela paciência com minhas dúvidas e ansiedades, e por ser parte significativa da minha formação acadêmica compartilhando comigo seus saberes.

À banca, Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra e Profa. Dra. Sueli Bortolin, pelas instigantes, ricas e belas contribuições à pesquisa. Desconheço banca melhor!

Às professoras Dra. Adriana Rosecler Alcará e Dra. Marta Leandro da Mata por aceitarem ser membros suplentes da banca.

Aos meus colegas de turma que ingressaram comigo em 2021/1, tanto do mestrado quanto do doutorado, por todo apoio, trocas e confidências, além da confiança na minha eleição como representante discente do mestrado. A caminhada acadêmica foi mais leve e prazerosa com vocês.

Ao Centro Integrado de Cultura (CIC), pelo aceite da pesquisa e pela confiança em sua condução.

Aos bibliotecários do CIC, por aceitarem participar da pesquisa, disponibilizando seu tempo e sua atenção, compartilhando um pouco de sua atuação profissional nesse local maravilhoso. Vocês foram demais! Em especial, agradeço à colega Esni que me acolheu desde o início para a realização da pesquisa e, ainda, proporcionou um *tour* por todo o CIC. Você foi fundamental!

Aos meus amigos, os de perto e os de longe, por torcerem e vibrarem por mim durante esse percurso.

Às Instituições nas quais atuo profissionalmente, Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e Faculdade CENSUPEG, pelo apoio e pela liberação do trabalho em momentos necessários para a construção e para a divulgação da pesquisa.

A todos e a todas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho, gratidão!

*Não basta saber ler que 'Eva viu a uva'. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.*

Paulo Freire

LIPINSKI, Barbara. **Mediação cultural para o desenvolvimento da competência crítica em informação**: um estudo do Centro Integrado de Cultura (CIC) do município de Florianópolis/SC. 2022. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

## RESUMO

Os centros culturais são aliados no auxílio da reflexão individual e coletiva a partir da informação por meio da realização de diversas atividades desenvolvidas pelos seus profissionais, considerados mediadores culturais. Dentre os mediadores, a pesquisa deu destaque ao bibliotecário, entendendo que ele pode atuar nesse setor e ser, também, um educador social, promovendo ações para o desenvolvimento da competência crítica em informação na sociedade. O estudo teve como objetivo analisar se a mediação cultural promovida pelos bibliotecários do Centro Integrado de Cultura do município de Florianópolis contribui para a competência crítica em informação na comunidade em que ele está inserido, ou seja, procurou mapear as ações culturais, as quais podem contribuir para a competência crítica em informação da comunidade, com vistas a atribuir mais significado e visibilidade aos centros culturais e ao trabalho do bibliotecário para a formação de cidadãos pensantes e críticos, que possam fazer suas próprias escolhas e tomarem posicionamento. A pesquisa caracterizou-se metodologicamente como básica, qualitativa, descritiva e exploratória, bem como por revisão bibliográfica e estudo de caso, utilizando a entrevista semiestruturada para a coleta de dados e a técnica da análise categorial de Bardin para as análises. Os resultados apontaram que os bibliotecários do Centro atuam na Biblioteca de Arte e Cultura e no Museu de Arte de Santa Catarina, sendo a Biblioteca a promotora de 12 atividades culturais, das quais cinco contribuem para o desenvolvimento da competência crítica em informação. O estudo verificou que a mediação cultural, desenvolvida pelos bibliotecários do referido Centro, promoveu uma reflexão crítica da realidade na sociedade e, a partir disso, a pesquisa pôde refletir acerca do papel do bibliotecário e dos centros de cultura como agentes de (trans)formação social.

**Palavras-chave:** Bibliotecário – Centros culturais. Centro Integrado de Cultura - Florianópolis. Competência Crítica em Informação. Mediação cultural.

LIPINSKI, Barbara. **Mediation spaces for the development of critical information literacy**: a study of the Integrated Culture Center (CIC) in the city of Florianópolis/SC. 2022. 128 f. Dissertation (Masters in Information Science) – Center for Education, Communication and Arts, State University of Londrina, Londrina, 2023.

## **ABSTRACT**

Cultural centers are allies in helping individual and collective reflection based on information through the performance of various activities developed by their professionals, considered cultural mediators. Among the mediators, the research highlighted the librarian, understanding that he can act in this sector and also be a social educator, promoting actions for the development of critical information literacy in society. The study aimed to analyze whether the cultural mediation promoted by the librarians of the Integrated Center of Culture in the city of Florianópolis contributes to the critical information literacy in the community in which it is inserted, that is, it sought to map the cultural actions, which can contribute for the community's critical information literacy, with a view to attributing more meaning and visibility to cultural centers and to the librarian's work for the formation of thinking and critical citizens, who can make their own choices and take a stand. The research was methodologically characterized as basic, qualitative, descriptive and exploratory, as well as a bibliographical review and case study, using semi-structured interviews for data collection and Bardin's categorical analysis technique for the analyses. The results showed that the Center's librarians work at the Art and Culture Library and at the Santa Catarina Art Museum, with the Library promoting 12 cultural activities, of which five contribute to the development of critical information literacy. The study verified that the cultural mediation, developed by the librarians of the aforementioned Center, promoted a critical reflection of the reality in society and, from this, the research was able to reflect on the role of the librarian and the cultural centers as agents of social (trans)formation.

**Key-words:** Librarian – Cultural centers. Integrated Culture Center - Florianópolis. Critical Information Literacy. Cultural mediation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Categorias de análise da pesquisa .....	63
<b>Figura 2</b> – Delineamento metodológico .....	63
<b>Figura 3</b> – Centro Integrado de Cultura (CIC) .....	65
<b>Figura 4</b> – Sala de Cinema Gilberto Gerlach.....	66
<b>Figura 5</b> – Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) .....	67
<b>Figura 6</b> – Museu da Imagem e do Som (MIS-SC) .....	68
<b>Figura 7</b> – Teatro Ademir Rosa .....	69
<b>Figura 8</b> – Biblioteca de Arte e Cultura .....	70
<b>Figura 9</b> – Escolinha de Arte de Florianópolis .....	71
<b>Figura 10</b> – Oficinas de Arte .....	72
<b>Figura 11</b> – Salas Lindolf Bell – Exposição Fissuras na Rede .....	73
<b>Figura 12</b> – Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (ATECOR) .....	74
<b>Figura 13</b> – Fachada da Biblioteca .....	81
<b>Figura 14</b> – Jardim da Biblioteca .....	82
<b>Figura 15</b> – Livros com mais de 10kg .....	83
<b>Figura 16</b> – Parede da Biblioteca com a arte da Xilogravura .....	84
<b>Figura 17</b> – Parte da entrada do MASC .....	93
<b>Figura 18</b> – Núcleo de Pesquisa e Documentação do MASC .....	94

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> –Etapas da mediação cultural .....	44
<b>Quadro 2</b> –Estratégias de mediação cultural .....	45
<b>Quadro 3</b> –Perfil dos entrevistados .....	77
<b>Quadro 4</b> –Atividades culturais .....	90
<b>Quadro 5</b> –Foco das atividades culturais .....	106

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACRL	<i>Association for College and Research Libraries</i>
ALA	<i>American Library Association</i>
ATECOR	Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (ATECOR)
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BPSC	Biblioteca Pública de Santa Catarina
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Portal de Periódicos da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCI	Competência Crítica em Informação
CIC	Centro Integrado de Cultura
ColInfo	Competência em Informação
FCC	Fundação Catarinense de Cultura
IBPEX	Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
INFOCCULT	Informação, Conhecimento e Cultura em Múltiplos Ambientes
MASC	Museu de Arte de Santa Catarina
MIS/SC	Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina
PPGCI	Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação

SBPSC	Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
1.1	OBJETIVOS	21
<b>2</b>	<b>DIÁLOGOS ENTRE A COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>A CULTURA E A MEDIAÇÃO CULTURAL COMO PROMOTORAS À COMPREENSÃO E À APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO</b>	<b>36</b>
<b>4</b>	<b>CENTROS CULTURAIS E BIBLIOTECÁRIOS: AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL</b>	<b>48</b>
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>61</b>
5.1	CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA	63
<b>6</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	<b>76</b>
6.1	CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	76
6.2	DADOS DO CIC	78
6.3	DADOS DA BIBLIOTECA DE ARTE E CULTURA E DO MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA	81
6.3.1	Biblioteca de Arte e Cultura	81
6.3.2	Museu de Arte de Santa Catarina	92
6.4	DADOS ACERCA DA MEDIAÇÃO CULTURAL, DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E DA COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO	96
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>108</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>112</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>123</b>
	<b>APÊNDICE A – Carta de apresentação da pesquisa</b>	<b>124</b>
	<b>APÊNDICE B – Formulário de entrevista semiestruturada</b>	<b>125</b>



## 1 INTRODUÇÃO

No decorrer da história, a sociedade tem passado por amplas e profundas transformações. Essas alterações modificam a maneira como as pessoas agem e relacionam-se, principalmente quando os indivíduos têm acesso a uma gama de informações produzidas e consumidas a todo instante.

A informação é fundamental para o desenvolvimento do corpo social, tanto é que ela é usualmente chamada, a partir da segunda metade do século XXI, de “sociedade da informação”, pautada no acesso à informação por conta das tecnologias da informação e comunicação (TIC); todavia ela é contraditória e exclusivista, visto que não alcança a todas as pessoas, ao menos em se falando da realidade brasileira, na qual muitos não têm acesso à educação, por exemplo.

Apesar dessa realidade, muito se tem feito para promover o acesso à informação, especialmente por meio dos centros de informação, sejam eles bibliotecas, arquivos, museus ou centros culturais, e pelos profissionais que neles atuam. Os centros culturais também são aliados na preservação e disseminação da informação para a transformação da coletividade por meio da realização da mediação cultural ocorrida por intermédio de ações culturais executadas pelos seus profissionais.

Os centros culturais são espaços para refletir a respeito da cultura e da informação, portanto são concebidos como espaços de aprendizagem, visto que por meio da informação e do acesso à educação e à cultura, a comunidade se desenvolve e forma indivíduos críticos e autocríticos.

Nesse contexto, os centros culturais têm se destacado como aliados na formação de um corpo social competente<sup>1</sup> em informação, capaz de buscar a informação, analisar e a utilizar para sua necessidade. No entanto, questiona-se se têm eles contribuído para o desenvolvimento do senso crítico da sociedade?

É responsabilidade dos mediadores culturais, principalmente os bibliotecários – foco desta pesquisa – serem protagonistas sociais e propagarem ações culturais que visem habilitar o indivíduo e a coletividade a serem não somente competentes em informação, mas também críticos em relação a essa.

Ainda que se tenha ciência de que a Biblioteconomia tem um aspecto social e

---

<sup>1</sup> Este predicado é utilizado nesta pesquisa no sentido de exercer o “aprendizado ao longo da vida”, uma vez que “competente” pressupõe que os não enquadrados podem ser vistos como incompetentes.

humanista, infelizmente, percebe-se uma predominância mais tecnicista do fazer profissional, o que implica, por exemplo, a falta de ações culturais que trabalhem com eixos mais voltados para as realidades sociais como uma forma de desenvolver percepções críticas no sujeito acerca da realidade em que está inserido, tendo em vista que atividades culturais não significam somente entretenimento e lazer.

Por outro lado, as unidades de informação que praticam ações culturais, como é o caso dos centros culturais, muitas vezes as praticam e/ou as oferecem na forma de entretenimento, não tendo a intenção de formação e/ou conscientização dos participantes da temática oferecida e essas ações acabam sendo um fim em si mesmas. Isso não significa que elas sejam ruins ou que não tenham valor ou, ainda, que não devam ser feitas, afinal, cada ação programada e realizada possui um objetivo, sendo às vezes o próprio entretenimento; contudo seria ideal que elas fossem pensadas e realizadas visando à melhoria da qualidade de vida, o crescimento pessoal, o desenvolvimento do senso crítico de cada participante, bem como da sociedade local, ou seja, formadoras dos sujeitos como protagonistas sociais.

Desse modo, surgem questionamentos como: os centros culturais auxiliam na disseminação da informação para emancipação do sujeito, com foco na sua formação e/ou conscientização mediante as ações culturais desenvolvidas, uma vez que essas, muitas vezes, aparentam ser apenas recreativas e lúdicas (como teatro, dança, música etc.), mesmo possuindo informação (denúncia, crítica...) em si mesmas?

A partir de um olhar crítico quanto ao funcionamento dos centros culturais, do fazer profissional do bibliotecário nesses locais e da influência social que eles têm, a pesquisa proposta tem como tema as ações do bibliotecário para o desenvolvimento da competência crítica em informação (CCI) dos indivíduos a partir de atividades desenvolvidas nos centros culturais. Isso posto, **busca-se resposta para a seguinte problemática**: a mediação cultural, desenvolvida pelos bibliotecários em centros culturais, por meio de ações culturais, contribui para as reflexões vinculadas à CCI na comunidade em que se inserem?

Outros questionamentos estão introduzidos nessa problemática: de que forma o bibliotecário busca contribuir para desenvolver a CCI da comunidade local? Ele tem feito do centro cultural um instrumento propício para isso? Como, por meio de uma atividade cultural, é possível trabalhar as relações de pensamento crítico nas pessoas?

Não há como mensurar em que medida o sujeito que participou da ação criou

uma consciência crítica daquele tema a partir da ação, mas é possível compreender, a partir dos objetivos dessa ação cultural, que a intencionalidade existe e por meio disso é factível visualizar que há potencial para o desenvolvimento da competência crítica do sujeito.

A partir dessas indagações, acredita-se que é possível refletir no tocante ao potencial impacto social e cultural da informação no desenvolvimento crítico do sujeito, das práticas informacionais dos centros como promotoras da construção individual e coletiva da CCI, e das ações que facilitam a sociedade local ser menos opressora e mais autônoma.

O interesse pelo tema surgiu pela apreciação dos espaços culturais, os mais diversos e pela curiosidade em entender “se” e “como” é trabalhada a competência crítica em informação nesses locais pelos bibliotecários, uma vez que a experiência profissional da autora desse projeto é na área educacional, tanto na educação básica, como bibliotecária, quanto no ensino superior, como bibliotecária e professora da disciplina de normalização. Outra motivação para a pesquisa se deu por não ter encontrado nenhum estudo acerca dos centros culturais e das atividades de mediação cultural realizadas por eles para o desenvolvimento da CCI.

Dessa maneira, acredita-se que a investigação do tema contribui para:

- a) a Ciência da Informação (CI), uma vez que propiciará a reflexão e o estímulo para o desenvolvimento de mais estudos referentes à CCI e à mediação cultural;
- b) o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UEL), por instigar a oferta de programas/disciplinas/cursos de formação de CCI e mediação cultural que auxiliem o bibliotecário em sua formação para exercer o protagonismo social;
- c) a linha de pesquisa escolhida no PPGCI – Compartilhamento da Informação e do Conhecimento – visto que essa desenvolve estudos referentes à informação e ao conhecimento como fenômenos de transformação social, além disso, foi encontrado, no âmbito da UEL, somente um trabalho pertencente à linha com a temática da mediação cultural até o momento da escrita desse projeto, a saber a dissertação de Bárbara Damiane da Silva, defendida em 2018;

- d) o Grupo de Pesquisa Informação, Conhecimento e Cultura em Múltiplos Ambientes (INFOCULT), por contribuir com mais reflexões e estudos voltados à compreensão das relações estabelecidas pelas pessoas com a informação com vistas a possibilitar a criação de significado e a construção da realidade, do qual a autora dessa pesquisa é membro; bem como para outros trabalhos que envolverão as temáticas, uma vez que oportunizará enxergar os elementos culturais que circundam a sociedade a partir de uma observação mais crítica e reflexiva.

Para exemplificar a falta de estudos referente à temática, foi efetuado um levantamento bibliográfico, entre os meses de abril e outubro de 2021, em bases de dados científicas, a saber: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Periódicos da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). Após, por curiosidade e para fins de comparação de quantidade de resultados, foram realizadas pesquisas no Google Acadêmico e no Google.

Na busca avançada disponíveis nas três bases, nos campos do título e/ou assunto/palavras-chave (dependendo do formato de busca disponível em cada uma delas), foram utilizados os termos “competência crítica em informação”, “competência em informação”, “centro cultural”, “centros culturais” e “mediação cultural” – na CAPES foi utilizado o operador *and/e*.

A busca por termos isolados recuperou diversos trabalhos, exceto o termo “competência crítica em informação” que possui acanhados registros por ser uma recente temática de estudos no país (a partir de 2015). É válido destacar que alguns trabalhos não citam “centro(s) cultural(ais)”, mas biblioteca pública, arquivo e/ou museu, os quais podem, ou não, ser centros culturais dependendo dos serviços e da estrutura que oferecem, contudo essa análise não foi realizada por esses termos não fazerem parte do corpo da pesquisa tal como se apresentam - os centros culturais não têm a mesma função de uma biblioteca, embora as bibliotecas possam atuar como centros culturais, assim como há centros culturais que não possuem biblioteca.

Salienta-se, também, que a combinação de dois de alguns desses termos na busca, recuperou alguns registros, no entanto a recuperação não é precisa, como é o caso da busca no Google, por exemplo, por “centros culturais e competência em

informação” que trouxe as dissertações “o centro cultural como disseminador da informação: um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto” e “ação e informação em centros culturais: um estudo sobre o Instituto Tomie Ohtake”, ambos em relação aos centros culturais, porém sob a ótica de disseminar a informação e não da competência em informação; e da busca no Google Acadêmico com os mesmos termos (centros culturais e competência em informação) que exibiu artigos de competência em informação e mediação em biblioteca pública intitulado “a competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública”, por exemplo.

Percebe-se que, embora a temática da competência em informação (CoInfo) tenha avançado ainda há muito a crescer referente aos aspectos culturais e o mesmo se pode dizer em relação à CCI, uma vez que ela está em um crescente também. No Brasil, há muitos centros culturais, todavia eles têm sido pouco explorados, junto aos profissionais que neles atuam, especialmente o bibliotecário. Assim, justifica-se mais uma vez a relevância desta pesquisa.

Mais uma razão para o estudo da temática se deu pela potencialidade de desenvolvimento do trabalho do bibliotecário nos centros culturais, bem como do sujeito como ator social a partir das atividades promovidas por esses centros. Acredita-se que o trabalho contribui para um entendimento melhor a respeito do papel do bibliotecário no centro cultural e no desenvolvimento da CCI.

A justificativa da escolha do local da pesquisa, Florianópolis, concebeu-se por ser a capital catarinense uma cidade turística, possuidora de centros culturais, além de a autora desta dissertação ter residido alguns anos na cidade, o que oportunizou a visita a alguns deles. Referente a essa última questão, é válido ressaltar que em um dos centros havia biblioteca, mas não havia bibliotecário, então, a partir disso, o interesse da pesquisa em incluir os bibliotecários no estudo, ciente do potencial desse profissional em um centro cultural.

Desse modo, a pesquisa pretendeu atribuir mais significado e visibilidade aos centros culturais e ao trabalho do bibliotecário, uma vez que há bibliotecas que possuem vínculo com centros culturais, porém não se tem a visibilidade da atuação desse profissional nesses locais. De outra forma, o estudo procura concebê-los como agentes imprescindíveis para o desenvolvimento da CCI do corpo social, embasada na premissa de que é preciso formar cidadãos pensantes e críticos capazes de conhecerem, analisarem, julgarem as coisas do mundo e a partir disso fazerem suas próprias escolhas e tomarem posicionamento, contribuindo para uma sociedade da

informação mais justa e autônoma por meio da literatura e das ações desenvolvidas pelos centros. Ao mesmo tempo, acredita-se que a pesquisa possibilitará vislumbrar o que bibliotecário faz com o que é, de fato, importante para trabalhar a CCI para que ela se expanda nos indivíduos.

## 1.1 OBJETIVOS

Em decorrência do exposto, a pesquisa tem objetivo geral: Analisar se a mediação cultural promovida pelos bibliotecários do Centro Integrado de Cultura (CIC) do município de Florianópolis contribui para a competência crítica em informação na comunidade em que ele se insere.

Para alcançar tal objetivo, foram delimitados os seguintes objetivos específicos:

- a) levantar, por meio da literatura nacional e estrangeira, os aspectos teóricos concernentes às questões da competência crítica em informação, da mediação cultural e dos centros de cultura;
- b) mapear as ações culturais desenvolvidas no Centro Integrado de Cultura que contribuem para a promoção da competência crítica em informação;
- c) analisar como os elementos desenvolvidos nas ações culturais pelos bibliotecários propiciam compreender aspectos relacionados às particularidades da competência crítica em informação.

A abordagem teórica está fundamentada nos seguintes temas, sob a inter-relação com a informação: Competência Crítica em Informação, Competência em Informação, Cultura, Mediação Cultural e Centros Culturais. Nesse sentido, a dissertação está estruturada da seguinte forma: a seção 2 apresenta um diálogo entre a CCI e a ColInfo; a seção 3 exhibe a cultura e a mediação cultural como processos para a compreensão e para a apropriação da informação; a seção 4 expõe os centros culturais e os bibliotecários como agentes de transformação social; a seção 5 mostra os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa; a seção 6 exhibe os resultados e as análises e a seção 7 apresenta as considerações finais. Após, estão as referências e os apêndices.

## 2 DIÁLOGOS ENTRE A COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Na sociedade hodierna, mais conhecida como Sociedade da Informação, pautada na produção, no uso e na disseminação da informação por meio das tecnologias, o sujeito precisa ser competente em informação, ao mesmo tempo em que necessita ser crítico em relação a ela, uma vez que sua vivência nessa comunidade depende dela e do modo como ele a utiliza. Mas, o que significa ser competente em informação e competente crítico em informação?

A expressão “competência crítica em informação”, oriunda do inglês *critical information literacy*, aparece no começo do século XXI, a partir do ano de 2005, especificamente, nos trabalhos de Simmons (2005), Doherty e Ketchner (2005), Elmborg (2006), Jacobs (2008) entre outros, os quais notaram a falta de uma perspectiva crítica nas pesquisas e nos treinamentos de competência em informação ofertados à comunidade científica, segundo Bezerra (2019b).

A palavra “crítica” foi adicionada a já conhecida expressão “competência em informação” com a intenção de trazer uma avaliação crítica, como o próprio nome apresenta, as práticas e as normas do modelo institucional da ColInfo presentes nos documentos da *American Library Association* (ALA) que servem de base para a maioria das pesquisas no que concerne à ColInfo, uma vez que elas soam de forma mecânica e não ensinam o sujeito a questionar as informações que recebe mediante o regime de informação<sup>2</sup> ao qual está inserido, ou seja, seu foco está no mercado de trabalho, nas vantagens pessoais e ela está pouco preocupada com a desigualdade e com as transformações sociais (BEZERRA, 2019b).

---

<sup>2</sup> Termo proposto inicialmente por Frohmann (1995, p. 21, tradução nossa), para “[...] chamar qualquer sistema ou rede [...] em que a informação flui através de canais determinados de produtores específicos, via estruturas organizacionais específicas, para consumidores ou usuários específicos.” O autor acrescenta que “difusão de rádio e televisão, publicação acadêmica, bibliotecas, fluxos de dados transfronteiriços, infoestradas emergentes: estes todos são os nós de redes de informação, ou elementos de regimes específicos de informação”. Posteriormente, González de Gómez (2002, p. 34) o conceitua como “[...] um modo de produção informacional dominante em uma formação social, conforme o qual serão definidos sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os arranjos organizacionais de seu processamento seletivo, seus dispositivos de preservação e distribuição”. Ela acrescenta que é “um conjunto mais ou menos estável de redes sociocomunicacionais formais e informais nas quais informações podem ser geradas, organizadas e transferidas de diferentes produtores, através de muitos e diversos meios, canais e organizações, a diferentes destinatários ou receptores, sejam estes usuários específicos ou públicos amplos”.

Ainda existem discussões acerca do conceito da CCI, no entanto Bezerra (2019a, p. 1), em verbete da Wikipédia, afirma que ela é

[...] uma proposta de análise reflexiva e revisionista das convenções e normas institucionais da chamada competência em informação (*information literacy*), tendo como destaques o aprofundamento teórico das perspectivas de avaliação crítica e uso ético da informação e o compromisso prático de engajamento na luta contra as estruturas de poder que sustentam a produção e a disseminação dominante da informação, criando obstáculos à autonomia informacional e à emancipação social.

Doyle (2018) corrobora ao declarar que a CCI é uma linha de estudos que: crítica a visão da ColInfo; inclui em suas reflexões elementos da Teoria Crítica e da Pedagogia Crítica (Paulo Freire) e; visa defrontar os efeitos do capitalismo sobre a circulação de informação. Para a autora (p. 27, grifo nosso), “ao integrar essas três dimensões, o conceito de competência crítica em informação **engloba reflexão, crítica e ação**”.

A CCI é diferente da ColInfo, todavia é um complemento dela, em virtude de que nasceu dela, porém propõe uma discussão mais crítica e não “mecânica” a respeito do que a sua precursora apregoa. Bezerra, Schneider e Saldanha (2019) afirmam que a CCI é uma crítica construtiva e reflexiva com relação à ColInfo e diz respeito à uma avaliação crítica da informação e ao uso ético dela, dado que a ColInfo o faz superficialmente.

Entretanto, para compreender a CCI é primordial entender os preceitos da ColInfo, posto que a CCI vem criticar, de modo construtivo, o seu padrão. Embora o termo “competência em informação” tenha aparecido pela primeira vez em 1974, proferida por Paul Zurkowski, relacionado ao excesso de informação oriundo do desenvolvimento tecnológico do pós-guerra e a capacidade dos usuários de bibliotecas de selecionarem a informação correta (ZURKOWSKI, 1974), a ColInfo recebeu sua definição e ampla divulgação apenas em 1989 por meio do Comitê de Competência em Informação, criado pela ALA, e publicado pela *Association for College and Research Libraries* (ACRL) – uma divisão da ALA – que afirma que a

Competência em informação é uma habilidade de sobrevivência na Era da Informação. Em vez de se afogarem na abundância de informação que inundam suas vidas, as pessoas competentes em informação sabem como encontrar, avaliar e utilizar as informações de

forma eficaz para resolver um problema específico ou tomar uma decisão – não importa se a informação selecionada vem de um computador, um livro, uma agência governamental, um filme ou qualquer outro recurso possível (ASSOCIATION..., 1989, p. 1, tradução nossa).

Além de uma definição, foram propostos cinco padrões para a ColInfo os quais podem ser resumidos e descritos em: a) reconhecimento da necessidade de informação, b) habilidades para localizar e identificar a informação, c) avaliação da informação e das fontes e relação com os conhecimentos prévios, d) utilização da informação e, e) resolução de problemas ou criação de conhecimento com uso de forma ética e legal da informação (ASSOCIATION..., 1989; ASSOCIATION..., 2000; DUDZIAK, 2013).

Esses padrões, por mais que pudessem ser observados, em sua plenitude, como um conjunto de habilidades imprescindíveis para os sujeitos em uma sociedade cada vez mais permeada pelas TIC, ainda apresentavam ênfase no acesso, na avaliação e no uso da informação, não contemplando um aspecto reflexivo e crítico da informação.

Com o decorrer dos tempos, a ACRL e a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) fizeram pequenas alterações na definição da ColInfo. Documentos como a “Declaração de Alexandria sobre Competência Informacional e Aprendizado ao longo da vida” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2005), as “Recomendações da IFLA sobre a Literacia Informacional e Mediática” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2011) e a “Declaração de Moscou sobre Alfabetização Midiática e Informacional” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2012, tradução nossa), fortalecem a definição da ACRL quanto à busca, avaliação e uso da informação, acrescentando a elas o pensamento crítico na avaliação e a ética na utilização. A definição mais recente da ACRL declara que a ColInfo é

[...] o conjunto de habilidades integradas que abrange a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada e o uso da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética em comunidades de aprendizagem (ASSOCIATION..., 2016, p. 1, tradução nossa).

É possível observar que, em sua gênese, a ColInfo é vista como uma capacidade que o indivíduo tem para localizar, avaliar e usar a informação de que

necessita e que, com o passar dos anos, sua visão evoluiu para “descoberta reflexiva da informação”, “compreensão de como a informação é produzida” e “participação ética em comunidades de aprendizagem”; contudo é perceptível que os avanços não compreendem uma análise e uma reflexão críticas que instiguem o sujeito a pensar a informação dentro do sistema de informação hodierno. De acordo com Bezerra (2019b, p. 56), essas são expressões estéreis “[...] sem o devido convite às reflexões que estimulem indivíduos a analisar as tensões e contradições do regime de informação contemporâneo<sup>3</sup>”.

Em aprofundamentos na temática da ColInfo, Vitorino e Piantola (2011), baseadas em Rios (2006), identificaram as quatro dimensões da ColInfo: técnica, estética, ética e política. A dimensão técnica diz respeito aos instrumentos e às habilidades para encontrar, avaliar e usar a informação; a dimensão estética se refere à criatividade sensível de compreender e de relacionar a informação com conhecimentos prévios; a dimensão ética concerne ao uso responsável da informação, tais como os direitos autorais (todavia, esse entendimento do uso ético como mero respeito às leis é passível de crítica, pois uso ético não é sinônimo de legalidade, não se resume a ele. Há usos ilegais, mas que são defensáveis do ponto de vista ético como, por exemplo, tirar xerox de um livro para estudar, como apontam Bezerra e Sanches (2018)); e a dimensão política se relaciona com o exercício da cidadania, tendo os sujeitos participação nas decisões sociais. Segundo Vitorino e Piantola (2011), juntamente com Vitorino e Lucca (2020), essas dimensões devem estar em harmonia e complementar-se mutuamente a fim de favorecerem um melhor desenvolvimento da ColInfo.

Apesar da relevância de tais estudos para a CI, e de Vitorino (2007) e Farias e Vitorino (2009) considerarem indispensável o desenvolvimento de estudos no tocante a ColInfo e suas dimensões, bem como no que concerne aos aspectos específicos necessários ao bibliotecário, tanto na percepção de teóricos quanto dos próprios profissionais, para o desempenho eficaz dos trabalhos desenvolvidos na temática,

---

<sup>3</sup> Baseado nos estudos de Frohmann (1995) e González de Gómez (2002), Bezerra (2019, p. 38; 2017, p. 79) apresenta a ideia de regime de informação contemporâneo ou novo regime de informação, que seria “[...] o uso de algoritmos [...] que monitoram e categorizam a navegação do usuário, filtram o conteúdo que será disponibilizado a este usuário em suas plataformas digitais [...] definindo a escolha da informação que será disponibilizada ao usuário de uma plataforma digital [...]” (2017, p. 79). E “as novas possibilidades de raspagem de dados da internet (web scraping), mineração de dados (datamining), filtragem algorítmica (algorithmic filtering) e a análise léxica e psicométrica (lexical and psychometrical analysis) da informação, que ganham corpo através do uso de algoritmos e ferramentas de coleta e organização de dados [...]” (2019, p. 59).

questiona-se se esses estudos compreendem análise e reflexão críticas para estimularem reflexões nos indivíduos acerca da informação dentro do regime de informação contemporâneo, assim como afirma Bezerra (2019b), visto que esses fatores também auxiliariam os cidadãos a serem empoderados e emancipados de suas situações.

É cognoscível que a ColInfo oportuniza o empoderamento do sujeito e a inclusão social, estando diretamente relacionada à aprendizagem ao longo da vida, ao aprender a aprender, uma vez que o capacita para encontrar a informação de que carece, disponível em meio a incontáveis outras, para sanar qualquer dificuldade e usá-la de maneira a ensinar a outros na medida em que permite a si mesmo “conhecer os seus desafios tecnológicos, econômicos e sociais e os das suas instituições e organizações, para compensar as desvantagens, e para promover o bem estar de cada indivíduo”, segundo a International Federation of Library... (2011, p. 1). O empoderamento por parte do sujeito também se refere à habilidade de defesa de melhores interesses democráticos diante de ameaças sociais, uma vez que quem possui controle da informação pode utilizá-la, também, para a desinformação, opressão e manipulação da sociedade, conforme Zurkowski (2014).

Em contrapartida, para Bezerra (2019b, p. 55) a atenção voltada para a “aprendizagem centrada no indivíduo”, essa aprendizagem ao longo da vida, acentuada pela IFLA e outros autores “[...] responde ao desiderato do neoliberalismo dos anos 1980, responsável pela desregulamentação de empresas e instituições financeiras em detrimento das garantias laborais conquistadas pelos trabalhadores ao longo do século XX”.

Para Bezerra (2019b, p. 55), é nesse contexto que “[...] aos indivíduos é concedida a liberdade do empreendedorismo e imputada a responsabilidade pelo eventual fracasso de seus projetos de vida”, ou seja, para o sujeito encarar os desafios tecnológicos e vencer as desvantagens é preciso que ele seja competente em informação quando, na verdade, os responsáveis pelas desigualdades sociais não estão preocupados em promover o desenvolvimento crítico das pessoas, estão impunes e não prestam contas, sendo, então, o sujeito considerado incompetente.

A aprendizagem, ao longo da vida apresentada pela ColInfo exhibe a ideia de que o sujeito tem que estar atualizado com as tecnologias para sobreviver em uma sociedade em que é cada um por si. Em outras palavras, a pessoa aos 75 anos tem que saber usar o celular e o aplicativo do Uber para poder fazer uma renda extra,

senão vai perder o trabalho para os mais jovens que têm a facilidade de utilizar essas tecnologias.

Com esse mesmo pensamento, Seale (2013) enfatiza que ideologia neoliberal é reforçada pelas percepções da ColInfo, dado que ela (ideologia) leva ao entendimento de que se o indivíduo não alcança sucesso em seu trabalho mediante boa remuneração é porque ele não é totalmente competente em informação.

As noções dominantes de competência em informação reforçam e reproduzem a ideologia neoliberal, que investe na consolidação de riqueza e de poder da classe alta, através da espoliação e opressão das não-elites. O neoliberalismo é fundamentalmente antidemocrático e desinteressado na justiça social; um engajamento com críticas da produção de conhecimento e do neoliberalismo por teóricos críticos e estudiosos da educação é o primeiro passo no desenvolvimento de uma noção de competência em informação que seja criticamente envolvida, contextualizada e promova a justiça social (SEALE, 2013, p. 40).

Da mesma forma, Doherty e Ketchner (2005 apud BEZZERA, 2019b, p. 57) enfatizam a crítica às normas da ColInfo e afirmam que ela encobre uma ideologia excludente “[...] e recorrem ao caráter emancipatório da educação para definir a competência crítica em informação como uma ferramenta de ‘empoderamento’ e ‘libertação’ dos indivíduos”. A CCI é considerada uma ferramenta de empoderamento, assim como a ColInfo, e está intrinsecamente relacionada à liberdade do sujeito à medida em que o auxilia a ter domínio de sua vida a partir de uma análise reflexiva e conscienciosa da informação que o circunda e o envolve e, a partir disso, faz com que ele tenha uma mudança de atitude em relação a ela, com vistas a um uso mais consciente e humanizado, objetivando intervir e contribuir da melhor maneira para o desenvolvimento do corpo social.

Dessa maneira, observa-se que a CCI é concebida como uma crítica revisionista da ColInfo, uma vez que se origina a partir dela, não obstante ela sugere que haja um olhar crítico para a informação dentro do contexto social iminente para a formação de uma consciência e de um comportamento críticos nas pessoas, com a intenção de promover a justiça social em uma sociedade que possui uma ideologia tão excludente.

Ao revisar a literatura em língua inglesa a respeito da CCI, dos anos 2005 a 2015, Tewel (2015, p. 25, tradução nossa) afirma que o uso da expressão “*critical information literacy*” centra-se em questionar os padrões e as normas da ColInfo e seu

ensino em ambientes de biblioteca, ao mesmo tempo em que “considera de que maneira os bibliotecários podem incentivar os alunos a se envolverem e agirem sobre as estruturas de poder que sustentam a produção e disseminação da informação”. Alguns dos pesquisadores citados por Tewell utilizam a pedagogia crítica de Paulo Freire, como, por exemplo, Elmborg (2006) e Jacobs (2008). Cabe destacar que a pedagogia crítica, proposta por Freire, relaciona-se a uma consciência crítica do sujeito frente à realidade social vivida, da qual ele não somente adquire conhecimento, contudo se identifica e toma parte na resolução dos problemas, intencionando a sua libertação e a dos demais indivíduos, com vistas a ter uma sociedade mais justa e democrática, ou seja, uma formação crítica que proporciona aos indivíduos a analisarem e a refletirem sua situação e a agirem de forma a criar oportunidades para transformá-la, conscientes de seu agir.

Para Elmborg (2006), quando os estudantes desenvolvem a CCI, eles aprendem a assumir o controle de sua vida e de seu aprendizado para se tornarem seres ativos, questionando as coisas à sua volta que consideram importantes. Jacobs (2008) corrobora acerca da importância de se ter uma prática crítica na Biblioteconomia e uma parte do conhecimento voltada para as reflexões sociais, políticas e econômicas, e que é importante o papel do bibliotecário ao promover o pensamento reflexivo e crítico em relação a si mesmo, a sua biblioteca e ao estudante. Isso se amplia aos cenários de atuação deste profissional como, por exemplo, nos centros culturais, pois por mais que os autores abordem e retratem a classe estudantil ao citarem a CCI, é evidente que o tema não se restringe a ela, mas se estende a toda a sociedade, uma vez que ter acesso à informação e à educação para a socialização é um direito de todos, não só dos que estão presentes na academia. Desse modo, é possível enxergar a ColInfo e a CCI presentes em todos os ambientes que lidam diretamente com promoção de acesso e disseminação de informação para as pessoas como, por exemplo, os centros culturais.

Simmons (2005), apesar de não fazer uso do pensamento da pedagogia Freiriana, corrobora com os autores e destaca a carência do elemento crítico na ColInfo no ensino dela aos estudantes para que eles estejam aptos a questionar as informações mediante o contexto social, econômico e político em que estão inseridos.

A abordagem desses autores demonstra que as normas da ColInfo não são suficientes para refletir acerca das questões sociais que envolvem os sujeitos,

necessitando, assim, de um conhecimento das teorias críticas e de um aprofundamento de sua visão e padrões.

De acordo com Brisola e Ramos Junior (2020, p. 12), o desenvolvimento da ColInfo e da CCI – “que deve necessariamente enfatizar o pensamento crítico, buscando compreender forças sociais, culturais, econômicas etc., que perpassam ou influenciam esta informação” – deve aperfeiçoar “a capacidade de resolução de problemas e de reconhecimento de si e do mundo”. Segundo os autores, o acesso à informação sem o pensamento crítico não é, efetivamente, informação, porquanto não se transforma em conhecimento e nem propicia a CCI. Eles complementam que

para que o sujeito desenvolva seu conhecimento e competência crítica em informação, com potência de absorção, gosto e criticidade, é preciso que trave com a informação uma relação dialógica, que consiga associar a informação às suas vivências e conhecimentos anteriores, seja para confrontá-los, completá-los ou confirmá-los. O usuário precisa se sentir sujeito de sua descoberta (BRISOLA; RAMOS JUNIOR, 2020, p. 12).

Desse modo, percebe-se que para que um indivíduo seja competente crítico em informação ele deve, após possuir uma informação, ter uma interação genuína com ela, conectá-la com conhecimentos e experiências precedentes, confrontá-la com a situação em que está envolvido (social, econômica, cultural etc.), analisá-la de maneira reflexiva e crítica, contemplando sua influência na esfera em que ambos estão inseridos e agir em conformidade com o que julga ser o melhor para si e para o entorno social que será alcançado pela informação analisada.

Bezerra (2019b) e Schneider (2019) abordam a CCI como uma reflexão profunda da ColInfo, em se falando de necessidades de informação, enfocando para além dos padrões e das técnicas de acesso, avaliação e uso, mas centrada na autonomia e liberdade de ação quanto às estruturas opressivas de poder vigentes por meio do senso indagador e analítico dos sujeitos quanto à produção e à disseminação da informação.

Consoante com Schneider (2019), a CCI exige alguns aspectos como competência instrumental, reflexão a respeito das necessidades informacionais, atitude questionadora diante da informação e das fontes de informação, estudo da ética em informação e conhecimento das teorias sociais críticas e das teorias críticas da informação. De acordo com os autores, a CCI contribui para um aprendizado mais

rico, pois a ColInfo pode ser usada como uma ferramenta para fomentar uma sociedade mais democrática, ou não, dependendo do nível de CCI do usuário. Eles conduzem a CCI com um pensamento social e crítico, abordando-a como um complemento, no sentido de ser uma proposta de revisão, da ColInfo.

Verifica-se que ao se falar em ColInfo, não se deveria pensar somente em formar pessoas capazes de buscar, avaliar e usar a informação, mas, também, constituí-las críticas e éticas ao utilizarem a informação, a fim de poderem auxiliar outras a agirem da mesma forma. Como disse Freire (2013, p. 86, grifo nosso) “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, **na ação-reflexão**”, ou seja, reflexão e ação para a transformação.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar o sentido da crítica. No artigo de Bezerra e Beloni (2019, p. 218), a etimologia da palavra “crítica” vem do grego, *kritikos*, e “[...] caracteriza a capacidade intelectual de julgamento e discernimento”. Os autores asseveram que o pensamento crítico data desde a antiguidade clássica, nos ensinamentos de Platão, registrados por Sócrates, há mais de 2.400 anos, e que mais tarde essa ideia se populariza e são produzidas muitas obras por diversos filósofos, como Kant, Engels, Marx - este “conclama os filósofos a não apenas interpretar o mundo, mas, também, a atuarem de forma prática para a sua transformação” (p. 218).

Bezerra e Beloni (2019) afirmam que o pensamento crítico existente no materialismo dialético de Marx influenciou os filósofos alemães da Escola de Frankfurt, na qual o artigo de Horkheimer, intitulado “Teoria tradicional e teoria crítica”, publicado em 1937, é considerado “[...] o documento inaugural da chamada teoria crítica da sociedade” (p. 218). Na opinião de Horkheimer (1980, p. 156), “[...] a teoria crítica não almeja de forma alguma apenas uma mera ampliação do saber, ela intenciona emancipar o homem de sua situação escravizadora”. Ele acrescenta (p. 156) que a teoria crítica “[...] segue conscientemente o interesse por uma organização racional da atividade humana: clarificar e legitimar esse interesse é a tarefa que ela confere a si própria”, uma vez que para ela “[...] não se trata apenas dos fins tais como são apresentados pelas formas de vida vigentes, mas dos homens com todas as suas possibilidades”.

Verifica-se que a teoria crítica é crítica à medida que procura emancipar o sujeito de sua “escravidão informacional” e promover a justiça social, engajada numa práxis transformadora de liberdade, promovendo uma sociedade livre e racional para todos, ao invés de, simplesmente, entendê-la e explicá-la, como o faz a teoria

tradicional. Bezerra (2018, p. 182) acrescenta que a teoria crítica “[...] não se contenta em mostrar como as coisas são; quer, também, imaginar como as coisas deveriam ser. [...] a teoria crítica deve ser capaz de apontar os limites e obstáculos que impedem a realização das potencialidades da realidade”.

Nessa perspectiva, é possível exemplificar melhor o que a teoria crítica apregoa, a partir do exemplo a seguir: um indivíduo assiste a um telejornal brasileiro que retrata a realidade de três personagens: à do João, à da Maria e à do José. A reportagem discorre que João se mantém ativo aos 75 anos de idade, porque ainda trabalha para ter renda extra; a Maria é uma mãe exemplar, pois atua em três empregos para poder manter os filhos; o José tem 10 anos de idade e caminha 5 km todos os dias para ir à escola, faça chuva ou faça sol. Após ouvir tais relatos, o indivíduo que é competente crítico em informação observará e analisará tais informações e contextos a fim de compreender o porquê de tais realidades, questionando: são pessoas trabalhadoras? São sujeitos ativos e determinados a melhorarem sua qualidade de vida? Essas situações devem ser vistas da forma como são apresentadas? Ou em tudo isso se está apenas romantizando a desigualdade e vendendo-a como superação? O que pode ser feito para mudar essa realidade? Como agir para provocar tal mudança? Quais são as causas de tais realidades?

Conforme Melo, Alves e Brasileiro (2022, p. 97) acrescentam a teoria crítica “[...] aponta para uma produção de conhecimento que tem em si o compromisso de modificar a realidade a partir da exposição das contradições e tensões existentes no campo social”. Além disso, “[...] as contradições sociais não são algo que devemos aceitar como dado; pelo contrário, devemos ter consciência dessas contradições e agir de forma a transformá-las em possibilidades de emancipação dos sujeitos”. Nesse sentido, os centros culturais podem desenvolver atividades voltadas ao entendimento de tais contradições sociais.

No Brasil, Paulo Freire, um dos grandes pensadores da educação, reconhecido mundialmente, propõe uma abordagem semelhante à da teoria crítica em sua pedagogia crítica ao observar e analisar o sistema educacional, bem como ao desenvolver um método próprio de alfabetização. Alguns autores, como Elmborg (2006), Jacobs (2008) e Tewell (2015), ao abordarem a CCI, utilizam a pedagogia Freireana (Pedagogia do Oprimido) para se aproximarem da teoria crítica, segundo Bezerra (2019b). É em Freire que muitos autores, inclusive brasileiros, pautam-se para dissertar acerca da consciência crítica para a CCI, por exemplo:

Freire postula uma pedagogia alternativa, projetada para criar “consciência crítica” nos alunos. Em vez de se concentrar na aquisição de conhecimento, os alunos identificam e envolvem problemas significativos no mundo. Ao desenvolver a consciência crítica, os alunos aprendem a assumir o controle de suas vidas e seu próprio aprendizado para se tornarem agentes ativos, fazendo e respondendo perguntas que importam para eles e para o mundo ao seu redor (ELMBORG, 2006, p. 193, tradução nossa).

De acordo com Bezerra (2019b), é a partir de 2015 que foram publicados os primeiros estudos no Brasil acerca da CCI, tendo como base e característica singular o uso da teoria crítica da Escola de Frankfurt e da pedagogia crítica Freireana. Todavia, o autor ressalta que a primeira tradução do termo CCI no país, traduzido como “competência informacional crítica”, foi feita por Vitorino e Piantola (2009) em uma das seções de seu artigo, entretanto sem discussão aprofundada a respeito.

Bezerra, Schneider e Saldanha (2019), ao utilizarem e se basearem na teoria crítica e na pedagogia crítica, questionam as normas da ColInfo e argumentam que é preciso ter uma abordagem diferente, uma educação direcionada para cada sujeito, a fim de que a informação faça sentido para ele, de acordo com a realidade dele, uma vez que, conforme complementam eles e Bezerra (2020), uma pessoa pode ter competência crítica em informação, porém não ter ferramentas para acessar a informação ou, por outro lado, ela pode ter competência em informação, contudo não ter competência crítica em informação.

Isso pode ser visualizado na prática quando, por exemplo, o sujeito recebe ou busca uma informação, especialmente na internet, e a transmite sem questionar e verificar a sua veracidade. Outro exemplo, já no aspecto desta dissertação, seria uma visita a uma exposição de arte, num centro cultural, com o tema da escravização. O que essa exposição transmite ao espectador? O que ele percebe, a partir dela, quanto à vida em sociedade no regime de informação da época retratada? Quais aspectos oriundos dessa exposição podem ser percebidos e combatidos na atual comunidade? De que forma o corpo social é oprimido hoje e como poderia promover a justiça social?

Ao fazerem uso da teoria crítica e da pedagogia crítica de Freire, os autores que discorrem a respeito da CCI entendem que “[...] o sentido crítico aliado à competência em informação deve apresentar mais do que formulações teóricas gerais, indicando critérios e propondo ferramentas e estratégias para tal avaliação crítica”, e que “importa a produção de diagnósticos a respeito das formas e dos canais

pelos quais a informação circula, seus condicionantes sociais [...] e os obstáculos que se impõem contra a autonomia dos indivíduos no regime de informação vigente”, consoante Bezerra e Beloni (2019, p. 223). Os referidos autores (2019, p. 223, grifo dos autores) consideram que “é desse modo que a perspectiva de uma competência *crítica* em informação pode impulsionar a reflexão teórica e a práxis emancipatória que lhe conferem sentido”.

Conforme corroboram Bezerra e Schneider (2022, p. 268),

[...] a competência crítica em informação que se manifesta nas mais diversas práticas informacionais não pode ser vislumbrada em sua dimensão meramente técnica, estando necessariamente vinculada à consciência crítica que orienta a ação ético-política. Não obstante, ações e práticas eficazes e eficientes que estejam orientadas a interesses de valorização de capital político ou econômico, em franco descompromisso com o combate às desigualdades e formas de opressão, não são expressão, e sim alvo da crítica da competência crítica em informação.

Dessa maneira, observa-se que a CCI se preocupa com a formação de uma consciência reflexiva e crítica do sujeito acerca da informação dentro do regime de informação em que ele se encontra, com a finalidade de fazê-lo pensar, avaliar e entender o porquê as coisas são como são e como poderiam ser, quais são os interesses por trás de tudo e, a partir disso, oportunizar a emancipação desse sujeito, com vistas a contribuir para a transformação social em todos os sentidos (raça, gênero, classe social etc.), sem opressão e mais cidadania, a partir de um uso mais consciente da informação, já que a CCI pode propiciar o enfrentamento em relação às opressões. Destarte, a CCI não é somente teoria, mas lhe interessa a práxis<sup>4</sup>; ela tem compromisso com a ação. Em publicação recente, Bezerra e Schneider (2022, p. 268) propõem uma definição sintética da CCI que aborda esses elementos: “Competência crítica em informação é a práxis emancipatória atuante em práticas informacionais mediadas pela consciência crítica”.

Diante disso, a pesquisa procura destacar, também, o papel dos profissionais que podem contribuir para o desenvolvimento da CCI, especialmente em centros de cultura, espaços pouco explorados quando comparados aos educacionais e que possuem diferenciais no público que atendem e nos serviços que oferecem, dando

---

<sup>4</sup> “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2013, p. 41).

ênfase ao bibliotecário, o qual atua com e desde a preservação da informação até a sua disseminação, junto ao propósito de atender às necessidades de informação da sociedade.

Considera-se que o bibliotecário, como agente cultural, que atua em um centro cultural, precisa trabalhar a CCI ao disseminar informação por meio das atividades culturais que promove, obviamente que não somente ele, mas todos os demais agentes de cultura que atuam no local. Ao promoverem ações culturais, tais profissionais contribuem não somente para a percepção da sociedade sobre os seus fazeres, mas se tornam coparticipantes das situações cotidianas, uma vez que podem estar vulneráveis às mesmas circunstâncias, e assim contribuem para o amadurecimento dessa comunidade.

O compartilhamento da informação e do conhecimento pelos bibliotecários e agentes nos centros culturais, seja por meio da literatura, de exposições, de musicais, de teatro, de oficinas ou de outros eventos, é fundamental para a coletividade e esses profissionais devem participar ativamente das atividades propostas, como mediadores, de modo a desenvolver reflexões e habilidades que tornem a comunidade competente e crítica em informação. Concomitantemente, é importante que os profissionais desenvolvam as atividades de acordo com a realidade em que estão inseridos os centros em que atuam, a fim de que elas alcancem e façam sentido para o público que o frequenta.

É sob a apresentação e apreciação dos pensamentos de todos os autores supracitados que a autora desta pesquisa busca refletir acerca da temática nos centros de cultura, ambientes pouco explorados na literatura mesmo com um contínuo crescimento, uma vez que os padrões estabelecidos pela ColInfo para tornarem um cidadão competente em informação, muitas vezes, não levam em consideração as condições de acesso à informação e à educação, bem como às diferenças sociais e culturais em que ele está inserido. Conforme questionam Bezerra, Schneider e Saldanha (2019) e Bezerra (2020), ser competente em informação é saber usar as TIC ou é ter uma avaliação crítica desse uso e fazer a aplicação ética dessa informação a partir do regime de informação contemporâneo?

Conforme acrescenta Miranda (2022, p. 42), é primordial considerar a realidade em sua totalidade e o cidadão “[...] como sujeito histórico-social não deve se dispor psicologicamente a adaptar-se às instabilidades sociais, mas a compreender essa realidade, apropriar-se e agir sobre ela no sentido de transformá-la”. De que forma

agir assim se não pela CCI e pelo conhecimento e pela compreensão da cultura em que se está inserido?

A seção a seguir versará acerca da cultura e da mediação cultural como fomentadoras à compreensão e à apropriação da informação pelos sujeitos, citando, inclusive, a mediação cultural da informação.

### 3 A CULTURA E A MEDIAÇÃO CULTURAL COMO PROMOTORAS À COMPREENSÃO E À APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Cultura é uma palavra que remete à história e à tradição. É um termo que evoca o modo de viver das sociedades. É um vocábulo simples em sua grafia, mas ao mesmo tempo tão complexo em sua definição, pois remete a múltiplos significados. A cultura é objeto de vários estudos e a sua devida compreensão pode mostrar em que medida ela é o elemento potencializador de questões democráticas, socioculturais, de pensamento crítico, de ações de mobilização e de desenvolvimento de senso crítico.

O termo “cultura” é amplo e bastante explorado na área da Antropologia e da Sociologia. Sua origem do latim, *colere*, está associada à agricultura, ao cultivo, ao lavar a terra, a algo que se constrói com as mãos. De acordo com Botelho (2001, p. 74), no sentido antropológico, “a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas”, ou seja, é o modo como as pessoas vivem e se relacionam – como elas se vestem, cozinham, trabalham, estudam, constroem, jogam etc.

No sentido sociológico, Botelho (2001, p. 74) afirma que a cultura “é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão”, em outras palavras, refere-se às artes, à expressão e às produções artísticas - literatura, música, teatro, pintura, escultura, dança, fotografia etc. - ou seja, é o que o senso comum entende por cultura.

Paschoal (2009, p. 31) aproxima esses dois sentidos e entende a cultura “[...] como um sistema de significações que se realiza por meio de linguagens, objetos, processos, procedimentos, modos de sentir, pensar e agir existentes sob múltiplas e variadas formas”. Já Marteleto (2007, p. 18), os resume em: “a) como toda produção ou obra humana – na antropologia; b) como elevação e refinamento do espírito – nas artes”.

Para além de tais conceitos, Feitosa (2016) expõe que a cultura é um complexo de símbolos, sentidos e significados que se dá ao mundo e as coisas; é algo que não se sustenta se os processos culturais não forem entendidos como meios de mediação entre os sujeitos e os fenômenos.

Para Laraia (2008), o conceito de cultura, como conhecido e utilizado hoje, foi cunhado por Edward Tylor, no ano de 1871, em *Primitive Culture*, no vocábulo inglês, significando um comportamento aprendido ou adquirido pelo indivíduo como membro de uma sociedade:

[...] em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (LARAIA, 2008, p. 25).

Todavia, para Laraia (2008), a cultura não é um termo com precisão de significado, pois uma compreensão exata dele traria uma compreensão precisa da natureza humana, a qual é um tema de infatigável reflexão. Para o autor, a cultura é um processo complexo que surge da interação das pessoas mediante a inteligência e a comunicação, na qual cada uma delas influencia e é influenciada. Laraia (2008) argumenta que a cultura é o que é devido às diferentes interpretações de mundo que cada indivíduo tem, ou seja, a cultura jamais é formada por fenômenos biológicos ou geográficos como alguns acreditam.

Haja vista que a cultura congrega diversos significados e se desenvolve socialmente ao longo do tempo. Ainda que seja um conceito complexo, faz-se necessário conhecê-lo a fim de que haja uma melhor compreensão da importância da mediação cultural nos centros culturais para o desenvolvimento da CCI. Desse modo, entende-se que a cultura é algo estabelecido no seio da constituição dos povos, ou seja, é um produto coletivo da interação dos seres humanos, permeando diversos fatores. Conforme Barros (1999, p. 32) “[...] a cultura é ponto de onde se avista e se constitui a realidade; é condição para a construção da história e da memória de um povo e, portanto, formadora de sua identidade”.

As situações que acontecem em certa sociedade ou grupos de pessoas ao longo do tempo, configuram-se em hábitos e cotidianos que explicam a forma como a cultura se define. No entanto, essa ligação com a história é o que de fato conceitua os aspectos de cultura. “Se cultura significa a procura ativa de crescimento natural, a palavra sugere, então, uma dialética entre o artificial e o natural, aquilo que fazemos ao mundo e aquilo que o mundo nos faz” (EAGLETON, 2000, p. 13).

A interação entre as pessoas e o mundo preenche os requisitos conceituais e de fundamentação da cultura, ou seja, o que uma determinada cultura faz ou deixa de

fazer, afeta o meio social de toda uma coletividade. Entretanto, existem barreiras que o mundo contrapõe em relação aos aspectos culturais das sociedades e nesse ponto é fundamental o entendimento no que tange a essa definição, visto que a cultura não se cria, mas se constrói ao longo do tempo por todas as civilizações.

A cultura provém da história de uma civilização. É um conjunto de costumes, crenças, religiões, folclore, rituais, e cada povo possui uma cultura diferente. Cada civilização compõe sua cultura de acordo com os membros que a formam. Não se pode dizer que exista uma receita ou método para criar culturas, elas são construídas historicamente, podem vir até da miscigenação de várias culturas que formam outra, sua característica é a mobilidade (PERUFO; CAVALLI, 2010, p. 323).

Desse modo, a cultura se configura no componente fundamental para o estabelecimento dos conceitos de mundo. Cada indivíduo, pertencente a uma determinada comunidade, possui atitudes e qualidades que são expressas em hábitos e em habilidades.

De acordo com Eagleton (2000), a cultura tem um entendimento epistemologicamente realista, visto que presume a existência de uma natureza ou matéria-prima para além do ser humano, ao mesmo tempo em que tem uma dimensão construtivista, dado que essa matéria-prima tem que ser trabalhada até atingir uma forma humana com significado.

O desenvolvimento dessa dimensão a que se refere ao autor tem a ver com os aspectos dos fatores que compõem o progresso de uma sociedade na história. O ser humano é quem determina seus aspectos culturais, pois a cultura só existe mediante a ação do indivíduo. O processo de construção histórica de um povo é percebido como resultado do que ele é culturalmente e, a partir disso, forma-se a composição do conceito cultural de uma comunidade ou local.

Na visão de Laraia (2021, p. 24),

o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade.

O patrimônio cultural seria o legado de um povo, ou seja, a definição expressa

e materializada de cultura em seu âmago, na busca por conquistas históricas e sociais que moldam uma sociedade. Para Silva (2005, p. 11), a cultura, conforme conceito antropológico, alude à personalidade e à vida social do sujeito, sendo conceituada “[...] como o conjunto de características que estabelecem normas comuns de comportamento, identificando um ser ao grupo”.

As características dos costumes, remetidos a um modo de agir geral, e dos hábitos, referidos a um agir particular, dos indivíduos, vão se moldando a um determinado grupo de pessoas e essa formação é vital para caracterizar os aspectos culturais do grupo. Conforme Silva (2005), a cultura estipula normas básicas de comportamento, ao mesmo tempo em que é regulada por regras, permitindo, dessa maneira, variações dentro de uma mesma cultura. Esse complexo de regras é que define como os indivíduos veem e classificam o mundo ao seu redor.

Observa-se que as diferenciações culturais, mesmo que dentro de uma cultura única, são essenciais para o entendimento e o comportamento dos indivíduos dentro de uma sociedade, o que pode ser visto na história ao longo dos séculos com as diversas civilizações.

Segundo Canedo (2009), no pensamento iluminista francês, a cultura caracteriza o estado de espírito cultivado pela instrução, estando associada à ideia de progresso, educação e razão. “Cultura e civilização andavam de mãos dadas, sendo que a primeira evocava os progressos individuais e a segunda os progressos coletivos” (CANEDO, 2009, p. 2).

A cultura é importante para o entendimento quanto às civilizações e à evolução histórica dos povos, dessa maneira a cultura e suas particularidades têm uma visão multidisciplinar, em que cada um dos saberes e habilidades compartilhados são importantes para o desenvolvimento de um corpo social.

Não é intuito desta pesquisa definir o que é cultura, todavia o conhecimento e a visão de mundo são maneiras bem significativas para o sujeito entender os propósitos conceituais da cultura, mais do que isso, impulsionam para a formação de uma sociedade que tem a consciência da relevância que sua cultura representa para o mundo.

A integração entre culturas, estabelecendo relação de compreensão entre si, oportuniza troca de vivências, informação e, por conseguinte, o conhecimento, todos os quais são igualmente importantes e necessários para o crescimento individual e coletivo de uma sociedade e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de uma

sociedade mais crítica.

A partir desse entendimento inicial no tocante à cultura, é possível dialogar acerca da mediação cultural, pois ela está intrinsecamente unida à cultura. Entretanto, assim como termo “cultura” porta uma infinidade e complexidade de interpretações, assim ocorre com o termo “mediação” também.

O termo mediar, do latim, *mediare*, significa dividir em dois, estar ao meio, de acordo com o Dicionário Priberam (MEDIAR, 2022). A mediação, de maneira geral, é então entendida como uma intervenção entre duas partes, em que há a presença de um mediador – ou mediano, mediatário, conforme mencionam Bortolin e Almeida Júnior (2008).

Na visão de Feitosa (2016), mediar é afirmar a liberdade e o exercício de as pessoas pensarem juntas a fim de terem as suas necessidades supridas. Existem vários tipos de mediação, embora a pesquisa dará destaque à mediação cultural.

Nunes e Cavalcante (2017) asseguram que a mediação cultural, na CI, nasceu com os centros de informação ao promoverem ações culturais para envolver o público em atividades de caráter cultural, nas quais há a presença de um mediador que oportuniza as leituras e as apropriações dos significados das obras e das ações junto aos sujeitos.

De acordo com Teixeira Coelho (1997), a mediação cultural é o ato de promover a aproximação entre os sujeitos e as obras de cultura e arte, com vistas a iniciá-los na prática de uma atividade cultural e facilitar a compreensão da obra, em outras palavras, colocar a produção artística em contato com o público; contudo, para que ocorra essa mediação, a ação cultural<sup>5</sup> é necessária, dessa maneira a ação cultural é uma atividade dentro da mediação cultural. Já Perrotti e Pieruccini (2007) abordam a mediação cultural como uma ação de construção de sentidos, na qual os objetos de informação são objetos de mediação que estão carregados de significado e, portanto, narram, contam, além de “[...] um conjunto de elementos de diferentes ordens (material, relacional, semiológica) que se interpõem e atuam nos processos de significação” (p. 82).

Perrotti e Pieruccini (2007, p. 84) consideram a mediação cultural como uma categoria inerente ao processo de significação. A mediação cultural “[...] é, pois, ação

---

<sup>5</sup> Ação cultural é um conjunto de procedimentos composto por recursos humanos e materiais que põe em prática os objetivos de uma política cultural definida (TEIXEIRA COELHO, 1997).

de produção de sentidos e não mera intermediação ou transmissão anódina de signos”.

Para Davallon (2003, p. 4) a mediação cultural pode ser definida no âmbito funcional, uma vez que:

visa fazer acender um público a obras (ou saberes) e a sua ação consiste em construir uma interface entre estes dois universos estranhos um ao outro (o do público e o objeto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro. Mas na prática, ela não deixa de cobrir coisas tão diversas como a prática profissional dos mediadores; uma forma de ação cultural por oposição à animação cultural; a construção de uma relação com a arte; produtos destinados a apresentar ou a explicar a arte ao público; etc.

Rasteli e Caldas (2019) fazem um apanhado histórico do termo “mediação cultural” sob a ótica da CI. Segundo eles, a mediação cultural é uma construção dos processos sociais, culturais, artísticos e informacionais, cuja interação com as pessoas pode promover significado e sentido à realidade a partir de um conjunto de atividades pensadas e construídas de maneira coletiva. Rasteli e Caldas (2017) declaram que na mediação cultural a comunidade constrói significado enquanto vivencia as intervenções por meio das práticas ofertadas.

Nessa direção, pode-se observar que a construção de significado está presente na mediação cultural, mas também está presente na CCI, uma vez que as duas permitem e levam os sujeitos a perceberem e compreenderem o que ocorre em seu entorno, favorecendo, dessa forma, uma melhor interpretação dos acontecimentos à sua volta, haja vista que a compreensão da realidade que os envolvem oportuniza a apropriação e a ação sobre ela com o intuito de transformá-la.

Já Martins (2010), faz uma síntese acerca do termo “mediação” na CI e entende-se a mediação cultural como uma atividade que possibilita a aproximação e o acesso dos indivíduos a produtos culturais (livros, obras de arte, exposições, espetáculos etc.), tendo como responsável por essa aproximação o mediador. Esse deve promover o elo entre as instituições de bens culturais e a comunidade, fornecendo a ela a oportunidade de apropriação dos feitos culturais e “[...] estimular mediações que de fato transformem as pessoas onde o conhecimento pode ser construído e não apenas produzido e que no final [elas] possam também fazer parte dessa construção” (NASCIMENTO; SALCEDO, 2016, p. 43).

Levando em conta as concepções dos autores, é possível compreender a mediação cultural como um processo que possibilita a aproximação e a construção de sentido entre o bem cultural e o sujeito que o aprecia a partir de um mediador, que como aponta Ford (2016, p. 152) “o mediador é um ator social que convoca a compartilhar o palco outros atores”.

Fourcade (2014, p. 9, tradução nossa) acrescenta que a mediação cultural combina diversos objetivos, a saber:

- a) oportunizar acesso e tornar a cultura acessível a todas as pessoas;
- b) fomentar a diversidade de expressões e formas de criação;
- c) incentivar a participação cidadã;
- d) desenvolver a construção de vínculos nas comunidades e
- e) contribuir à realização pessoal das pessoas e ao desenvolvimento do senso de comunidade.

Aliado a isso, acrescenta-se que, para que faça sentido e crie significado para o sujeito, é necessário entender a cultura na qual ele está inserido e as questões socioculturais que o circundam para propor uma ação cultural que o acolha. Como dito anteriormente, o entendimento da cultura provê o entendimento do mundo, destarte é importante ressaltar que cada sujeito apresenta diferença na sua forma de apropriação e ressignificação da informação para a construção de conhecimento e transformação individual e social.

Todavia, não é possível dizer que a mediação cultural é um ato simples, pelo contrário, ela requer estratégias a fim de que os sujeitos envolvidos na ação tenham condições de interpretar e se apropriar da informação a fim de que faça sentido e crie significado com vistas ao desenvolvimento cognitivo e sociocultural. Como afirma Paschoal (2009, p. 19):

[...] os processos de mediação implicam sempre discursos, isto é, significações, interpretações, codificações do mundo e dos seres que o habitam. Tais atos estão, portanto, entremeados de sentidos e de valores, não sendo, portanto, os processos de mediação simples instrumentos ou ferramentas tendo em vista a realização uma finalidade ou objetivo. Ou seja, o caráter diferencial da mediação aqui apresentada é que ela é constitutiva, intrínseca a todo processo de significação, de apropriação simbólica dos conteúdos culturais.

Para Paschoal (2009), as ações de mediação não ocorrem ao acaso, mas implicam sujeitos, objetos, suportes e linguagens em uma relação dinâmica, em que todos eles dialogam e criam estratégias e performances. O mediador tem papel essencial na relação entre produção e apropriação da informação pelo sujeito; sua função não deve ser somente técnica, mas participativa, dado que essa ação enreda a percepção de si mesmo e do outro. Fourcade (2014, tradução nossa) acrescenta que o mediador é responsável por conectar, estabelecer vínculo entre o ambiente cultural e o público. Para isso, ele precisa conhecer o próprio ambiente e o público, bem como ter a capacidade de elaborar, organizar e acompanhar os projetos culturais.

Nessa perspectiva, Wendell (2013) expõe que a mediação cultural é composta por um conjunto de ações que se dividem em três etapas - antes, durante e depois do encontro do público com as obras culturais - e destaca a importância do mediador em todas elas, o qual tem como atribuições:

- a) identificar e mobilizar o público, seja por meio de contato direto, redes sociais, canais oficiais de comunicação etc.;
- b) desenvolver atividades artísticas-pedagógicas com os mais variados tipos de públicos e nos mais diferentes espaços;
- c) produzir materiais didáticos que serão direcionados para o trabalho artístico-pedagógico e para qualificar a mediação;
- d) preparar e integrar a equipe do projeto, seja ela artística, técnica, de produção, de comunicação etc. para que todos compreendam e atuem conjuntamente;
- e) criar uma base de dados de públicos atingidos, visando a uma rede de contatos para futuros projetos;
- f) desenvolver uma avaliação para coleta de informações do público acerca da atividade oferecida e
- g) elaborar relatórios com resultados acerca da mediação para que sirvam para o fortalecimento das políticas públicas em cultura.

O mediador, ao desempenhar essas atribuições, contribuirá para: uma atividade cultural mais acertada; conduzir o público a uma vivência mais enriquecedora, fazendo desse um coautor das experiências culturais; além de divulgar e dinamizar o centro de cultura ou o espaço em que desenvolve a atividade.

Wendell (2013) pontua que antes do contato direto do público com a atividade ou bem cultural, a mediação cultural já ocorre, bem como depois. Ela não existe somente no momento da ação, mas antes, durante e depois dela. Essas etapas podem ser visualizadas no Quadro 1:

**Quadro 1** - Etapas da mediação cultural

ANTES	DURANTE	DEPOIS
<p><b>MOBILIZAÇÃO</b></p> <p>O público é incentivado pela divulgação.</p>	<p><b>ENCONTRO</b></p> <p>A mediação prioriza a qualidade de um encontro único entre obra e público, organizando o momento com todas as facilidades de acesso.</p>	<p><b>REVERBERAÇÃO</b></p> <p>A mediação ajuda que a obra continue a reverberar na vida pessoal e social do público.</p>
<p><b>SENSIBILIZAÇÃO</b></p> <p>Se desenvolve pela própria força e valor do produto cultural.</p>	<p><b>APROPRIAÇÃO</b></p> <p>Momento de o público se apropriar da obra e recriá-la a partir de seus conhecimentos, tornando-a integrada à sua história.</p>	<p><b>INTERNALIZAÇÃO</b></p> <p>O público guarda as sensações e reflexões do momento vivido com a obra. A mediação abre um espaço para que ela seja mais internalizada numa proposta de recriação posterior dos elementos da obra.</p>
<p><b>PREPARAÇÃO</b></p> <p>Há um acesso aos conceitos, técnicas e estéticas que envolvem o produto cultural, em que o público aprende a reconhecer os elementos da obra que ele terá contato.</p>	<p><b>REFLEXÃO</b></p> <p>Devem ser criados meios livres de reflexão acerca da obra e o que ela traz ou apresenta para o público.</p>	<p><b>RECONHECIMENTO</b></p> <p>Existem muitos elementos vivenciados no encontro com a obra que necessitam ser reconhecidos esteticamente e tecnicamente. O público torna-se mais consciente e autônomo no seu reconhecimento da obra.</p>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022) com base em Wendell (2013).

Nessas etapas, é possível perceber a profundidade da mediação cultural e tudo o que ela implica, não sendo realizada ao acaso. No entanto, quais estratégias o mediador pode utilizar para que o público interprete e se aproprie da informação que aquele produto cultural quer passar?

Wendell (2013) descreve algumas ideias que podem ser aplicadas como estratégias para a mediação cultural. Ele as distingue dentro de cada etapa já apresentada e aqui estão destacadas cinco delas, conforme apresenta o Quadro 2:

## Quadro 2 - Estratégias de mediação cultural

ANTES	DURANTE	DEPOIS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visita ao local onde será realizada a atividade.</li> <li>- Seminários, mesas-redondas ou conferências com temas referentes à atividade.</li> <li>- Oficinas de criação artística associadas à estética do produto cultural.</li> <li>- Enquetes e campanhas nas redes sociais vinculadas à atividade.</li> <li>- Distribuição de material informativo ou interativo que estimule a curiosidade acerca do tema.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recepção feita pelo próprio mediador, gerando um diálogo inicial com o público acerca do que acontecerá.</li> <li>- Apresentação do espaço cultural e seu funcionamento.</li> <li>- Passar por uma sequência de contato com a obra com a presença do mediador, o qual realiza questionamentos no momento apropriado.</li> <li>- No caso de alguma exibição ou apresentação, pode-se ter um debate entre os produtores e o público.</li> <li>- No local, pode-se ter algum lugar reservado para o público deixar suas interpretações e sensações referentes ao que vivenciou. Pode ser por meio de textos, pinturas etc.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criação de grupos de discussão nas redes sociais.</li> <li>- Visitação dos artistas aos públicos nas instituições que eles fazem parte.</li> <li>- Produção e exposição de textos, pinturas, esculturas etc. a partir do que foi vivenciado.</li> <li>- Debates com os fazedores culturais em eventos posteriores.</li> <li>- Construção de uma nova obra cultural com a participação do público mediado.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022) com base em Wendell (2013).

Entretanto, para que não haja dúvida quanto à mediação cultural, é importante distingui-la da mediação da informação - apesar de a informação ser um fenômeno indissociável da cultura, uma vez que ela é produto, mas também colaboradora dela, conforme asseveram Mendonça, Feitosa e Dumont (2019, p. 3): “[...] cultura e informação são, pode-se dizer, fios de um mesmo tear, sentidos de uma mesma tessitura notadamente humana”.

Para Almeida Júnior (2009), a mediação da informação diz respeito à interferência do mediador para sanar uma necessidade específica de informação, ou seja, da interlocução do sujeito com a informação em si. Para o autor, a mediação da informação está presente em todo o fazer do bibliotecário e ele a subdivide em implícita e explícita. A mediação implícita é aquela que é feita sem que haja a presença direta do usuário, como o processamento técnico, por exemplo; já a explícita ocorre com a presença direta do usuário e, portanto, com maior interação, como a busca por um livro quanto a determinado assunto no acervo, por exemplo.

Gomes (2017) defende a mediação da informação como primordial para o protagonismo social, o qual representa a direção humanizadora do mundo. O protagonismo social permite a construção das relações sociais que garantem o

espaço da criticidade, do diálogo e da criatividade. Gomes afirma que nesses espaços há oportunidade para que os indivíduos exponham seus pensamentos, argumentos e promovam o debate, o qual culminará em novas ideias, em metas sociais e até em verdades científicas.

Para Gomes (2020, p. 17), a mediação da informação está posicionada na valorização do coletivo, dos interesses do coletivo, dos valores e princípio inclusivos e de justiça social, o que evidencia o alcance de suas dimensões, entendendo-as como instâncias do cuidado com o outro, com a sociedade e com a cultura.

Mendonça, Feitosa e Dumont (2019) afirmam que a mediação da informação é produto da mediação cultural, posto que ela nasce junto à cultura e que não há cultura sem informação e sem comunicação, por isso apresentam o conceito de “mediação cultural da informação”. Nesse sentido, é possível compreender que a mediação da informação e a mediação cultural ocorrem juntas, visto que a própria informação é produto da cultura. Quando se faz mediação da informação, inevitavelmente e indiretamente, faz-se a mediação cultural.

Alicerçados nessas ideias, Bezerra e Cavalcante (2020) defendem a concepção de mediação cultural da informação a partir de uma perspectiva sociológica, assim como Mendonça, Feitosa e Dumont (2019).

Para Bezerra e Cavalcante (2020), a mediação cultural da informação é o diálogo entre a mediação da informação e a mediação cultural, no entanto se diferencia ao envolver e proporcionar uma compreensão intercultural dos fatos introduzidos na lógica dos processos das relações informacionais e culturais que envolvem as pessoas para além de um contato específico com a informação ou bem cultural. Mendonça, Feitosa e Dumont (2019) alegam que a mediação cultural da informação é capaz de acessar as diversas relações simbólicas da cultura e da informação de maneira indissociável.

A informação existe apenas inserida em um contexto sociocultural. É por meio da mediação cultural da informação que o indivíduo pode adquirir enriquecimento reflexivo e crítico. Dessa maneira, compreende-se que o entendimento acerca da cultura e a realização da mediação cultural pelos mediadores são aspectos essenciais a serem considerados nas atividades oferecidas, especialmente em centros de cultura, a fim de que haja compreensão e apropriação da informação pelo sujeito que os visita e/ou faz uso dessas atividades, pois como afirma Ford (2016, p. 151) “não há como não considerar a mediação dentro do funcionamento simbólico da sociedade”.

Ademais, como dito, o entendimento acerca da cultura exhibe em que medida ela é um componente fortalecedor da compreensão de questões sociais, sejam elas quais forem (educação, saúde, emprego, moradia, violência, raça, gênero etc.), especialmente, na direção desta pesquisa, de pensamento reflexivo e crítico. Como afirma Ford (2016, p. 151) “a mediação cultural vai além da aparentemente simples equação, público + obras/saberes + ação mediadora = apropriação. A mediação é técnica, social, política, pedagógica e institucional; complexa e por isso mesmo não neutra”.

Conforme apontam Bezerra e Cavalcante (2020, p. 6), “a mediação cultural pode propiciar novos atos de significação no sujeito interagente em contextos de práticas informacionais e culturais, uma vez que permite a apropriação dos elementos simbólicos ali desenvolvidos”.

Nessa perspectiva, é possível relacionar a cultura e a mediação cultural com a CCI, posto que esses dois primeiros elementos podem ser considerados um conjunto de expressões humanas que traduzem a realidade da sociedade, mas que simultaneamente, e inconscientemente, apresentam anseio por sua transformação: uma sociedade cidadã, em que o sujeito tenha todos os direitos que esta palavra lhe confere e possa contribuir de maneira ativa, criativa, reflexiva e crítica para o seu desenvolvimento, por meio do acesso e uso mais conscientes da informação.

É sob essa ótica que a pesquisa procura analisar se e como a mediação cultural promovida pelos centros de cultura contribui para o desenvolvimento da CCI na comunidade em que estão inseridos, podendo, dessa maneira, contribuir também para a transformação social, uma vez que, segundo Civallero (2009), a mediação cultural em meio ao processo de compartilhamento de informação oportuniza mais envolvimento dos sujeitos, fazendo com que eles se apropriem do seu protagonismo ante a sua própria cultura.

A próxima seção abordará os centros de cultura e os bibliotecários como agentes de transformação social, uma vez que esses atuam como mediadores culturais, promovendo o acesso à cultura a todos.

## 4 CENTROS CULTURAIS E BIBLIOTECÁRIOS: AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A história dos centros culturais é antiga e está relacionada às bibliotecas e aos museus. Os centros de cultura são considerados espaços importantes para a preservação e para a disseminação da cultura e da informação, proporcionando lazer, reflexões e discussões a partir da mediação de um artefato cultural ou de atividades propostas.

Alguns estudiosos, entre eles Milanesi (1990) e Silva (1995), consideram a Biblioteca de Alexandria, ou "*mouseion*", na Grécia Antiga, como o primeiro centro cultural do mundo, mesmo sem ela apresentar esse nome em sua identificação, porquanto ela era considerada um complexo cultural e possuía acervo, anfiteatro, refeitório, jardim, salas de estudo e até mesmo um observatório, em outras palavras, diversos espaços.

De acordo com Milanesi (1990), os centros de cultura como conhecidos hoje surgiram na França, especificamente em Paris, nos anos 1970, com a inauguração do Centro Cultural Georges Pompidou, também conhecido como Beaubourg (referente à sua localização na cidade). O Beaubourg tem cinco pavimentos e três subterrâneos, possui 100 mil metros quadrados, sendo 70 mil de área útil. Sua construção de aço e vidro "comunica", permitindo que o visitante se envolva por meio dos seus sentidos, vivendo experiência que movimentam a imaginação.

Milanesi (1990) apresenta os principais espaços do Beaubourg: Biblioteca, Museu, Centro de Criação Industrial e o Instituto de Música, com ênfase para a Biblioteca: possui 15 mil metros quadrados, espaço para mais de 1 milhão de obras, abriga mil e trezentos usuários ao mesmo tempo, tem local exclusiva para crianças, projeção de filme e *showroom* de atualidades – jornais, revistas e discos. Milanesi afirma que na biblioteca ocorrem mostras, encontros musicais e discussões. Além desses espaços principais, o Centro ainda dispõe de salas administrativas, auditório, cinemateca, sala de reuniões e até restaurante. O Centro Cultural Georges Pompidou influenciou a criação de muitos outros ao redor do mundo, inclusive no Brasil, com a sutil diferença que, para os franceses, "cultura é um investimento com retorno garantido", como bem observa Milanesi (1990, p. 26).

Segundo Marti (2007, tradução nossa), o Centro foi planejado para receber 7 mil visitantes por dia, mas tinha alcançado mais de 20 mil por dia durante 25 anos.

Marti acrescenta que o Beaubourg surpreendeu a todos pela sua arquitetura, seu caráter multidisciplinar e sua proposta de utilização. Ele descreve:

Pela primeira vez você poderia ir a um museu e, sem entrar em nenhuma de suas salas, comprar livros, desenhar objetos, participar de um debate e almoçar ou jantar em um restaurante com a melhor vista de Paris. Ou, simplesmente, encontrar os amigos no Beaubourg, aproveitar o espaço para as crianças deixarem a prole brincar e entrar num dos seus cinemas, teatros ou espaços de dança. O Beaubourg ou Pompidou tornou-se uma referência obrigatória [...] (MARTI, 2007, p. 1, tradução nossa).

Arnaldo (2017, p. 1, tradução nossa) acrescenta que o Pompidou é um centro cultural diferenciado: “um dispositivo absolutamente surpreendente, destinado à exibição, pesquisa, artes cênicas, ensaio interdisciplinar, encontro, custódia e produção [...] atribuições e vontade até então não conhecidos em nenhum projeto museológico do mundo”.

Já no Brasil, as coisas não aconteceram dessa forma e com todo esse planejamento. Conforme Teixeira Coelho (1986), os centros culturais brasileiros começaram a surgir na década de 80, na cidade de São Paulo/SP, patrocinados pelo governo brasileiro, sendo os dois primeiros o Centro Cultural Jabaquara, inaugurado em julho de 1980, apresentado como o primeiro da América Latina, e o Centro Cultural São Paulo, inaugurado em maio de 1982. De acordo com Teixeira Coelho (1986), esses dois centros foram projetados para serem bibliotecas e não centros de cultura, de fato, isso porque não havia isolamento acústico neles, o que impedia, ou tornava sofrível, que ocorressem eventos simultâneos, mesmo que em espaços distintos; além disso não havia ventilação adequada para a realização de atividades culturais e eles não conseguiam assumir as feições de um centro de cultura, culturalmente falando. Esses dois centros, em seus primeiros anos, não apresentavam uma política de ação cultural. Nesse sentido, Milanesi (1990, p. 25) colabora ao afirmar que, no Brasil, os centros culturais se proliferaram no anseio de estar na moda: “ostentar uma placa com os dizeres ‘Centro Municipal de Cultura’ é mais charmoso do que repetir o velho letreiro ‘Biblioteca Pública Municipal’ [...]”.

Para Milanesi (1997, p. 97), os ambientes que hoje são conhecidos como culturais, a exemplo dos teatros, bibliotecas e museus, sempre existiram como instituições separadas, cada qual cumprindo sua função, todavia, a partir dos anos

1970, a união dessas organizações e de suas funções se multiplicou com diversos nomes, integrando então os “centros de cultura”.

Conforme Milanesi (1990), os centros culturais têm sua origem nas bibliotecas públicas, a exemplo da Biblioteca de Alexandria. Cardoso e Nogueira (1994, p. 205), corroboram ao afirmarem que “o entendimento da cultura como processo se fazendo no cotidiano [...] juntamente com a percepção da explosão informacional [...] impulsionaram a criação de inúmeros centros de cultura por todo o mundo”. Segundo os referidos autores (1994), os centros originaram-se em coleções bibliográficas e buscam responder às exigências da atual sociedade que é lançar-se rumo às variadas maneiras de interpretar e representar o mundo, ultrapassando os objetivos e acervos tradicionais das bibliotecas modernas.

Em 1975, a França definiu o centro cultural como:

este estabelecimento público favorece a criação das obras de arte e do espírito; contribuí para o enriquecimento do patrimônio cultural da nação, da informação e da formação do público, da difusão da informação artística e da comunicação social. [...] Ele assegura o funcionamento e a animação, com os organismos públicos e privados que lhe são associados, de um conjunto cultural consagrado a todas as formas de criação artística, notadamente no âmbito das artes plásticas, da pesquisa acústica e musical, da estética industrial, da arte cinematográfica, assim como à leitura pública (MILANESI, 1997, p. 53).

Até o momento, não existe um modelo ou referência padrão para a construção arquitetônica na CI e significado dos centros culturais, entretanto Teixeira Coelho (1997, p. 167) os define como “uma instituição [...] com acervo e equipamento permanentes (salas de teatro, de cinema, bibliotecas etc.), voltada para [...] atividades que se desenvolvem sincronicamente e oferecem alternativas variadas para seus frequentadores, de modo perene [...]”.

Os centros de culturais são entidades que possuem ambientes diversos e oferecem as mais diversas atividades como formas de interpretação, criação e representação da cultura, com vistas à formação do público.

Para Silva (1995, p. 13), os centros de cultura não têm a pretensão de serem locais especializados, necessariamente, “[...] mas sim, a ser um lugar diferente dos tradicionais, onde as atividades não permaneçam de exclusividade desta ou daquela área do conhecimento, mas um lugar onde barreiras possam ser quebradas, um lugar

alternativo”. Teixeira Coelho (1986, p. 124) acrescenta que o centro cultural deve “[...] permitir a liberdade de chegar ao conhecimento e de discuti-lo”.

Nesse sentido, Neves (2013, p. 2) corrobora e acrescenta que os centros de cultura são organizações que possuem o objetivo de “[...] produzir, elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos [...] para se fazer cultura viva, por meio de obra de arte, com informação, em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico”.

Entende-se que os centros culturais possuem características como: acervo, seja ele de livros, peças de museu, pintura etc., e espaços, como salas e auditório, para a realização de atividades culturais e informacionais. Tais atividades são as mais diversas e incluem dança, teatro, canto, exposições, oficinas, palestras, debates, conferências entre outras.

Em vista disso, as bibliotecas, os museus e os arquivos podem ser considerados centros culturais se possuírem diversos ambientes e promoverem atividades informacionais e culturais, dado que acervo eles já possuem. Não obstante, é imprescindível que a existência de um centro de cultura em determinado local, bem como as atividades que ele proporciona, façam sentido para a comunidade ao redor, caso contrário ele será apenas um prédio com determinada importância cultural. É fundamental que desde a criação do prédio, a concepção do acervo até o horário de atendimento e as atividades oferecidas, tudo seja pensado e refletido sob o olhar das necessidades do público-alvo. Tudo deve ser realizado pensando em mudar a realidade e o futuro do público-alvo, tendo em vista a informação e a cultura.

A guisa disso, observa-se que os centros culturais são instituições que objetivam o lazer, a preservação e a disseminação de bens e produtos culturais, além de disporem de espaços para a prática de atividades culturais e informacionais, manifestando-se como locais de aprendizagem a partir da reflexão da cultura e da informação.

Milanesi (1990) ratifica ao expor os centros culturais como espaços para discussão e criação de conhecimento mediante a informação, a qual, segundo ele (2002, grifo nosso), **só tem sentido quando é capaz de transformar a realidade e levar a uma nova informação**, isto significa que é preciso que o sujeito se aproprie da informação e a ressignifique para que ela modifique o seu modo de pensar, e então a utilize em seu agir e a dissemine para transformar o mundo ao seu redor.

Consoante com Teixeira Coelho (1986), a cultura e a informação são duas faces de uma mesma moeda, sendo que elas são construídas pelos próprios sujeitos inseridos em um processo crítico, o que, no contexto desta pesquisa, tende às conexões estabelecidas entre as atividades culturais que são desenvolvidas para despertar a criticidade das pessoas envolvidas nas ações.

Um dos cerne para a existência dos centros culturais é o acesso ao lazer e à informação, no entanto, para que isso ocorra, é necessário oportunizar, de fato, o acesso, especialmente para indivíduos com necessidades especiais e em condições de vulnerabilidade social, sejam elas oriundas de questões educativas, econômicas, gênero etc., uma vez que a própria sociedade os exclui e, por vezes, de modo inconsciente.

Nesse sentido, esse tipo de ação pode ser notado na construção do Beaubourg, quando Rogers, um dos arquitetos do Beaubourg, afirmou que a criação do Centro foi pensada como um local público, de acesso a todas as pessoas e não a uma parte seletiva da população, como ocorrem com os museus, as academias, as universidades, por exemplo. Rogers comentou que o projeto propunha inclusive um espaço livre em frente ao Centro para quem não quisesse adentrá-lo. “No nosso projeto para o Pompidou a oferta é diversificada: o pai pode ir ao museu enquanto o filho sobe as escadas” (FLORIA, 1987, p. 1, tradução nossa).

É dever do Estado prover a todos os cidadãos a possibilidade de interação com os diversos mecanismos de cultura, sejam eles teatros, bibliotecas, museus ou centros de cultura, por exemplo.

O acesso à cultura e ao lazer é direito previsto na Constituição da República Federativa do Brasil, vigente desde 1988. Esses elementos são importantes para formação da sociedade, bem como à composição da identidade local e ao desenvolvimento das relações de pertencimento da comunidade. A função de um centro cultural é concentrar e promover essa cultura local, por meio da oferta de atividades que propiciem lazer, conhecimento e educação para a sociedade (CARNEIRO, 2019, p. 19).

Todavia, o entretenimento tem o aspecto além do direito do cidadão; ele se configura nos aspectos de ludicidade, em que a pessoa se diverte mediante absorção de informação e conhecimento, que são tão importantes para a sua formação humana, isto é, os centros culturais oportunizam acesso ao lazer e ao conhecimento concomitantemente.

Para Milanesi (1997, p. 28) o que caracteriza os centros culturais é a “reunião de produtos culturais, sejam de que natureza forem, a possibilidade de discuti-los e a prática de criar novos. São, portanto, espaços para conhecer, discutir e criar”. Segundo o autor (1997, p. 28), a caracterização dos centros culturais se dá pelos “[...] produtos culturais, a possibilidade de discuti-los e a prática de criar novos produtos”.

Para Flusser (1983, p. 165), de um ponto de vista tradicional, um centro de cultura é uma ampliação de uma biblioteca, pois além de livros ele oferece informação em formato de teatro, cinema, música etc., ou seja, há consumo de cultura; entretanto existe a possibilidade de uma visão não tradicional, na qual há criação de cultura, tanto para o centro quanto para a biblioteca: “sua função não será mais de dar, oferecer cultura a um grupo de pessoas, mas a de propiciar e desenvolver uma dinâmica cultural, de favorecer uma ação cultural, com um grupo de pessoas (não para um grupo, mas com ele)”.

As características e atributos desses espaços variam de acordo com as informações e ações que se querem repassar para a sociedade naquele determinado local, apesar disso, pode ser qual tipo de cultura for, o importante é levar as pessoas ao conhecimento e, de preferência, sendo ele compartilhado de modo prazeroso. Todavia, as ações dos centros culturais precisam estar em harmonia com uma visão holística, em que o corpo social não seja dividido por razões sociais, mas sim que os atributos desses centros sejam tangíveis para todas as pessoas, de todas as classes sociais e desenvolvido com eles, não somente para eles.

De acordo com Silva (2017), a presença de instituições culturais e de memória refletem e intervêm nas relações sociais e o modo como elas são mantidas e geridas tem o poder de provocar e mobilizar as pessoas para uma reflexão das suas atitudes, posições sociais e das categorias de poder na sociedade.

Milanesi (1997) utiliza com veemência três verbos para caracterizar os centros de cultura: informar, discutir e criar. Cada um deles remete às ações mais frequentes realizadas em um centro cultural.

O verbo “informar” diz respeito aos procedimentos que levam o público a ter acesso à informação por meio de um acervo bibliográfico e midiático organizados e por intermédio da tecnologia, tal atividade atribuída, costumeiramente, às bibliotecas, com destaque para os bibliotecários - profissionais preparados para a formação de acervo, busca e disseminação da informação. Esse verbo “enfim, informa sobre tudo que for emergencial ou básico para garantir os direitos e a segurança dos indivíduos,

o desenvolvimento da cidadania, procurando sempre dar respostas [...]”, consoante Milanesi (1997, p. 179).

A informação é o elemento base do centro de cultura, está materializada em seus bens culturais, que são produzidos por intermédio dela, não importando o suporte, o formato, nem tampouco a tipologia. Entretanto, vale ressaltar que a informação por si só não é suficiente, mas precisa do sujeito para que se aproprie dela e construa conhecimento, o qual pode transformar a sua realidade e a das pessoas ao redor. Todo esse processo requer também alguém que atue no processo de mediação, como, por exemplo, a pessoa bibliotecária.

O verbo “discutir” se refere à oportunidade de análise, à reflexão e à crítica de determinado assunto por meio de seminários, palestras, debates etc. com vistas a potencializar a informação. Discutir a informação é uma atividade essencial. “Sem ela, as pessoas estarão inexoravelmente submersas nas respostas prontas, previamente dadas pelo contexto social”, segundo Milanesi (1997, p. 180).

Já o verbo “criar” concerne à expressão ou materialização dos dois verbos anteriores, o qual é causador de novos estímulos, discursos, propostas, expressos por meio da fala, da escrita, do desenho, dos sons entre outros, eliminando obstáculos à liberdade de expressão.

Com a exposição dos verbos acima e a decorrente discussão em torno deles, Milanesi (1997) critica as escolas e seu modo de padrão de ensino focado no “reproduzir conhecimento”, ao invés da reflexão e ação, assim como fez Paulo Freire, bem como avalia a falta de investimentos nas bibliotecas públicas, as quais têm poder para (trans)formar as pessoas por meio da informação contida nos livros. Para Milanesi (1997), a grande expansão dos centros culturais modernos está atrelada a falta de valorização e investimento dos governos nas bibliotecas públicas, especialmente em países subdesenvolvidos, assim como o simples fato de que os países desenvolvidos estão construindo esses centros - “então vamos construir também” - além de os dirigentes públicos buscarem outras maneiras para erguer a Cultura local, com atividades mais “emocionantes” e “prazerosas”: “não importa para que serve [centro cultural], [...] mas é importante que exista” (MILANESI, 1997, p. 45).

Levando em conta essas afirmações, é importante que a sociedade reflita acerca dos motivos e intenções para (ou que levaram à) criação de um centro de cultura em sua localidade, bem como analisar as atividades que são propostas por ele, a fim de que o centro não seja apenas um “monumento”, mas que, de fato,

contribua para o desenvolvimento da sociedade.

Parafraseando Almeida Junior (2021) ao abordar as bibliotecas públicas como ingênuas, astutas e críticas, os centros de cultura não devem ser ingênuos (trabalharem apenas com seu acervo, de modo tradicional, reproduzindo um sistema – seja político, econômico ou outro) e nem astutos (impondo as ideias que defendem de maneira consciente), mas críticos (que interferem, que propiciam debates, que criam demandas, interesses e desejos) em seu modo de agir, a fim de que os sujeitos não apenas acessem a informação, mas se apropriem dela visando à sua transformação. Assim como destaca Flusser (1980, p. 137, grifo do autor) ao falar da biblioteca-ação cultural, que tem acervo, informação, mas trabalha com o público, e não somente para ele: **“sua vocação é a de vir a ser o centro cultural de sua comunidade e um instrumento de libertação”**.

Diante disso, é importante que o profissional que atua nesse espaço desenvolva seu papel para difundir e viabilizar o centro cultural como uma ferramenta que contribui para a transformação social por meio da disseminação da informação mediante a cultura. Um desses profissionais é o bibliotecário, cuja profissão tem natureza sociocultural e humanística - ainda que se perceba um enraizamento profundo no caráter tecnicista - que tem potencialidade para tornar o centro, de fato, um centro cultural crítico. Dentre as diversas possibilidades de atuação do bibliotecário, traz-se à tona a sua atuação enquanto mediador cultural, agente cultural, ou bibliotecário-mediador, como nomeiam Bortolin e Almeida Júnior (2008).

Milanesi (1997) também dá ênfase aos bibliotecários enquanto profissionais que atuam em um centro cultural e aponta que eles devem propor ações que contemplem os três verbos supracitados - informar, discutir e criar. Para o referido autor (1997, p. 55), os bibliotecários precisam fazer mais do que organizar acervos, precisam “organizar estímulos”, a fim de que haja espaço para discussões, palestras, projeções de filmes, encontros musicais, contação de histórias entre outros. Esses profissionais necessitam deixar de ser centrados em técnicas de organização e dialogar com o público, entendendo suas necessidades, a fim de ultrapassar as deficiências do meio e reverter a situação, não deixando que o centro cultural e outros serviços culturais sejam “meros atavios decorativos” (p. 128).

Dessa maneira, é possível avistar melhor a ideia desenvolvida por Almeida Junior (2021) ao dissertar a respeito do trabalho “ingênuo”, “astuto” e “crítico” do bibliotecário, pois esse necessita realizar muito mais do que o habitual trabalho técnico

e centrar-se em ações que conversem com o público e provoquem mudanças em seu modo de pensar e agir, isto é, ser um profissional “crítico”.

Milanesi (1997, p. 223) ainda destaca que quando o meio pede uma relação mais unida e forte entre o “texto e o contexto” “[...] vale mais num espaço de informação/ação cultural um indivíduo que saiba menos catalogar/classificar e mais aquele que atua na intermediação do conhecimento com o meio em que vive, participando intensamente da vida coletiva”.

O bibliotecário, ao exercer sua função de agente cultural, deve ser dialógico e respeitoso com o intuito de exercer uma boa aproximação e mediação com o público. É por meio da ação cultural e da mediação cultural que o bibliotecário pode demonstrar melhor seu papel social, dado que elas possibilitam explorar mais as suas capacidades de pensar e auxiliar no tocante à transformação social.

É a esse tipo de profissional que Flusser (1982, p. 231) se referiu, uma década antes de Milanesi, como o “novo bibliotecário” ou “bibliotecário-animador”, sendo a animação<sup>6</sup> a prática política de uma profissão, “[...] a sua modificação profunda”. O autor afirma que esse para ser esse “bibliotecário-animador”, o bibliotecário precisa colocar o seu conhecimento à disposição da sociedade, e acrescenta: “e colocar à disposição não é ‘dádiva’, mas trabalho de continua síntese entre teoria social, conhecimento técnico de Biblioteconomia, e uma prática profissional, dialógica”. Flusser (1982) chama a atenção para a importância da relação dialética entre a realidade cultural da comunidade e o saber bibliotecário, pois o conhecimento do bibliotecário acerca da cultura local é que proporcionará um melhor planejamento e desenvolvimento das ações culturais para atrair e atingir o público.

Flusser (1980, p. 137) afirma que embora a função de maior importância de um bibliotecário seja “ajudar” os sujeitos no manuseio de livros e orientá-los quanto à sua necessidade de informação, isso não é suficiente em uma biblioteca-ação cultural, pois nela ele não está simplesmente à disposição da comunidade, porém faz parte dela. O autor salienta que ser bibliotecário-animador em uma biblioteca-ação cultural “[...] é desenvolver de uma maneira política a sua profissão”.

Flusser (1982) leva em consideração três eixos para a completa formação do novo bibliotecário ou que ele chama de bibliotecário-animador: formação técnica, humanística e prática. A formação técnica diz respeito à qualificação, e de preferência

---

<sup>6</sup> Flusser (1983, p. 151) diz que a animação “é a prática da ação cultural [...]”.

cada vez mais aprofundada; a formação humanística se refere à valorização do ser humano e de sua condição (análise social, cultural, econômica etc.); a formação prática alude à aplicação e à transformação seu do conhecimento em meio às diversas realidades socioculturais com vistas à transformação social.

É dessa forma, atuando junto à comunidade e não apenas para a comunidade, no sentido de participar com, que os bibliotecários podem entender melhor as necessidades dela e desenvolver ações culturais que enfatizem os três verbos, inclusive propiciando o desenvolvimento de uma consciência crítica por meio dessas ações. Isso porque, de acordo com Teixeira Coelho (1997), a ação cultural se propõe fazer a ponte entre os sujeitos e os objetos/serviços culturais para que eles possam extrair aquilo que os permitirá participar do universo cultural como um todo e se aproximarem das outras pessoas mediante objetivos em comum. Essa relação entre os sujeitos e as obras, e deles entre si por meio das obras, permitirá a ampliação dos seus universos pessoais.

Conforme contribui Flusser (1982, p. 236, grifo do autor),

[...] o fundamental da animação não é estabelecer um novo esquema de biblioteca ou uma nova profissão para o bibliotecário, mas incorporar na prática cotidiana da biblioteconomia a **dimensão da procura**, para que a biblioteca se transforme em um instrumento dinâmico e dialógico, contribuindo assim para a realização de uma democratização cultural.

É mister destacar que a democratização cultural, de acordo com Fourcade (2014, p. 4, tradução nossa), tem dois grandes objetivos referentes à produção, à difusão e à recepção: “trata-se, em primeiro lugar, de promover, ao maior número de pessoas, o acesso às obras de arte e aos tesouros patrimoniais; depois, estimular e apoiar a criação artística contemporânea”. Dessa maneira, a democratização cultural busca “levar cultura” por meio da distribuição e popularização dos bens culturais, bem como mediante a promoção do acesso a todos os indivíduos à arte e aos espaços culturais.

Como coaduna Almeida Júnior (1997, p. 23), enquanto os bibliotecários continuarem voltados exclusivamente para o livro e para o suporte e não para as necessidades dos sujeitos, o conceito de democratização da cultura, do acesso à biblioteca, ao centro de cultura, ao museu, seja qual for o espaço, “[...] continuará a ser uma balela como tantas outras que povoam nossa área”. Para ele, é essencial que

o bibliotecário propicie “[...] condições para o acesso da comunidade à informação, permitindo, principalmente, que ela possa também, gerar e produzir, não só informação, mas cultura, veiculando seus interesses, suas ideias, suas propostas, suas soluções”.

Uma dessas maneiras é por meio da mediação cultural. O bibliotecário precisa agir como tal e estabelecer uma relação mais próxima e afetiva com o público, fazendo com que o público seja um parceiro também, não somente um espectador. Assim como o bibliotecário pode ser um agente de transformação social, ele pode formar esse público para ser também, ou seja, ele é um multiplicador.

Em vista disso, acredita-se que no contato com os centros culturais, a maioria com entrada gratuita, visto que são mantidos pelo Estado, os sujeitos se aproximam da informação e das diversificadas formas artísticas de expressão cultural, as quais os auxiliam a ver o mundo que os rodeia de forma diferente, uma vez que propiciam o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e oportunizam condições para o aprendizado, aumentando a possibilidade de inserção na sociedade que, constantemente, os exclui.

Dessa maneira, é possível considerar os centros culturais como importantes espaços presentes na sociedade para preservarem e disseminarem cultura e informação, proporcionando reflexões e discussões a partir da mediação de um produto cultural, seja ele qual for. Entretanto, mesmo com seu caráter de socialização da cultura, não é só a mera existência de um centro cultural que fará com que seus objetivos sejam alcançados, não obstante é necessário o desenvolvimento de políticas e planejamentos específicos para acesso e uso pelos sujeitos, além dos profissionais capacitados que contribuem ao desenvolvimento de todas as formas de mediação. Nessa direção, Almeida Junior (1997, p. 92) afirma que é preciso que o bibliotecário seja outro bibliotecário. Para o autor, o bibliotecário precisa ser “[...] consciente da sua real função social; é preciso que ele saiba que o seu trabalho pode e deve alterar pensamentos e comportamentos; é preciso que ele vá até a população, que ele procure o povo, que ele trabalhe com a comunidade”, em outras palavras, articular o trabalho cultural com as necessidades de informação do público.

Portanto, é possível compreender que o bibliotecário é um dos expoentes centrais para o desenvolvimento de ações informacionais nos centros culturais que visem a construção de uma coletividade mais competente e crítica a partir da mediação cultural da informação, sendo ele capaz de ser um agente de

(trans)formação ética, política e social. Como afirmou Flusser (1982, p. 232, grifo do autor): **“o bibliotecário-animador deve ser um constante criador de uma nova biblioteca. Como todo agente social, o bibliotecário-animador é um criador, pois somente a criação<sup>7</sup> é meio e meta do engajamento político da ação cultural”**,

Nessa direção, é possível relacionar os centros culturais e os bibliotecários com a mediação cultural e com a CCI, porquanto os centros são espaços de cultura, informação, reflexão, discussão e ação a partir da informação com a interferência do bibliotecário, oportunizando a aprendizagem, a formação e a conscientização dos indivíduos por meio de ações culturais, as quais impactam diretamente a sociedade, pois conforme afirma Milanesi (1997, p. 47) “a atividade cultural instiga, perturba, incomoda [...] a casa deve atrair as pessoas para o desconforto do ano e a reflexão”.

Considerando o exposto e parafraseando Doyle (2018) no contexto do conceito da CCI, propõe-se que os três verbos apresentados por Milanesi (1997) para caracterizar os centros culturais - “informar”, “discutir” e “criar” -, sejam interpretados e compreendidos como “refletir”, “criticar” e “agir”, respectivamente, uma vez que o sentido e o significado iniciais de cada um não são alterados e se aproximam mais do contexto de atuação que os centros culturais hodiernos buscam (ou deveriam buscar): auxiliar as pessoas a serem empoderadas e emancipadas de suas situações sociais. Dessa maneira, os centros se caracterizam por levar os sujeitos a “refletir” acerca da informação recebida dentro do regime de informação vigente, “criticar” essa informação e “agir” a partir dela em direção à transformação social.

Pensar os centros culturais e os bibliotecários no contexto da sociedade da informação é pensar em todos os elementos que fazem parte dela – social, político, econômico e cultural – e refletir na missão de cada um, isto é, pensar nesses espaços e profissionais como instrumentos e ferramentas, respectivamente, para promoção da democratização da cultura e da informação para a transformação social, não como simplesmente preservadores de uma cultura ou perpetuadores de um passado, mas transformarem-se a cada dia para contribuir de maneira mais significativa nos processos de disseminação da informação e da formação humana os quais visam à transformação da realidade da sociedade. É como expõe Arnaldo (2017, p. 1, tradução nossa) ao referir-se ao Centro Cultural Georges Pompidou: “os centros de cultura,

---

<sup>7</sup> Nota do autor: Criação é empregado aqui como sendo a inter-relação entre invenção (criatividade) e formulação (know-how), ou como a superação da “cultura do silêncio”.

artefatos modernos, transformam-se permanentemente e pode mesmo dizer-se que são agentes notáveis de transformação social”.

Tendo em vista o referencial teórico apresentado, as seções subsequentes darão continuidade aos temas apresentados até aqui, expondo os procedimentos utilizados para a pesquisa e os resultados obtidos por meio dela.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de encontrar respostas para a problemática da pesquisa, utilizou-se a metodologia descrita abaixo, tendo como base os estudos de Gil (2008) e dos autores Hernández Sampieri, Fernández Collado e Baptista Lucio (2013). Nesse sentido, a natureza da pesquisa é básica, por proporcionar novos conhecimentos, consoante Gil (2008).

A abordagem do problema foi qualitativa, devido à prática interpretativa de investigação. A pesquisa com enfoque qualitativo busca explorar os fenômenos em profundidade em relação ao contexto, extrai os significados dos dados e não se fundamenta em estatísticas (HERNÁNDEZ SAMPIERI; FERNÁNDEZ COLLADO; BAPTISTA LUCIO, 2013). Os autores sugerem que esse tipo de abordagem seja utilizado quando a temática da pesquisa ainda é pouco explorada.

A realização dos objetivos foi descritiva e exploratória, por descrever as características dos sujeitos e por aprimorar as ideias do objeto investigado, respectivamente, conforme afirma Gil (2008). Hernández Sampieri, Fernández Collado e Baptista Lucio (2013) complementam que as pesquisas cujos objetivos são exploratórios examinam temáticas que são pouco estudadas.

Os procedimentos técnicos foram de revisão bibliográfica, por utilizar materiais já publicados como livros e artigos em língua nacional e estrangeira (inglesa); e de estudo de caso, por estudar profunda e detalhadamente o objeto dentro da sua realidade, permitindo um amplo conhecimento acerca dele (GIL, 2008).

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista que, conforme Gil (2008), é uma forma de interação social que possibilita o encontro entre pessoas a fim de obter informações que interessam à pesquisa. A entrevista foi presencial e do tipo semiestruturada, pois contou com algumas questões preestabelecidas (APÊNDICE B), ou seja, com um roteiro de perguntas e no qual o entrevistador tem a liberdade de realizar outras questões para entender melhor ou obter mais informações dos bibliotecários (HERNÁNDEZ SAMPIERI; FERNÁNDEZ COLLADO; BAPTISTA LUCIO, 2013). O formulário foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UEL para avaliação e validação.

O universo de pesquisa foi composto pelo Centro Integrado de Cultura (CIC) Professor Henrique da Silva Fontes, localizado na capital catarinense - Florianópolis. O CIC, inaugurado em 1982, é vinculado à Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e

objetiva difundir a cultura artística de Santa Catarina.

Os dados foram analisados a partir da técnica da Análise de Conteúdo, de Bardin (2011), que é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44). Frankfort-Nachmias e Nachmias (1996, p. 324-330 apud FREITAS; JANISSEK, 2000, p. 29) corroboram ao afirmarem que a “análise de conteúdo consiste em uma leitura aprofundada de cada uma das respostas, onde, codificando-se cada uma obtém-se uma idéia sobre o todo”.

Dentro da análise de conteúdo foi utilizada, especificamente, a técnica da Análise Categorial, a qual desmembra o conteúdo das mensagens, que no caso desta pesquisa se constituirá das mensagens contidas nas entrevistas. A análise por categorias “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”, conforme Bardin (2011, p. 201).

De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo é dividida em três fases, sendo elas:

- a) pré-análise: organização do material que se tornará útil para o desenvolvimento da pesquisa;
- b) exploração: codificação e categorização do material. É nesta fase que se definem as categorias;
- c) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação: os dados são trabalhados e interpretados, ou seja, é o momento da análise e busca de significação das mensagens.

A partir disso, para a exploração do material foram definidas três categorias de análise a partir do referencial teórico apresentado, conforme ilustra a Figura 1.

**Figura 1 -** Categorias de análise da pesquisa

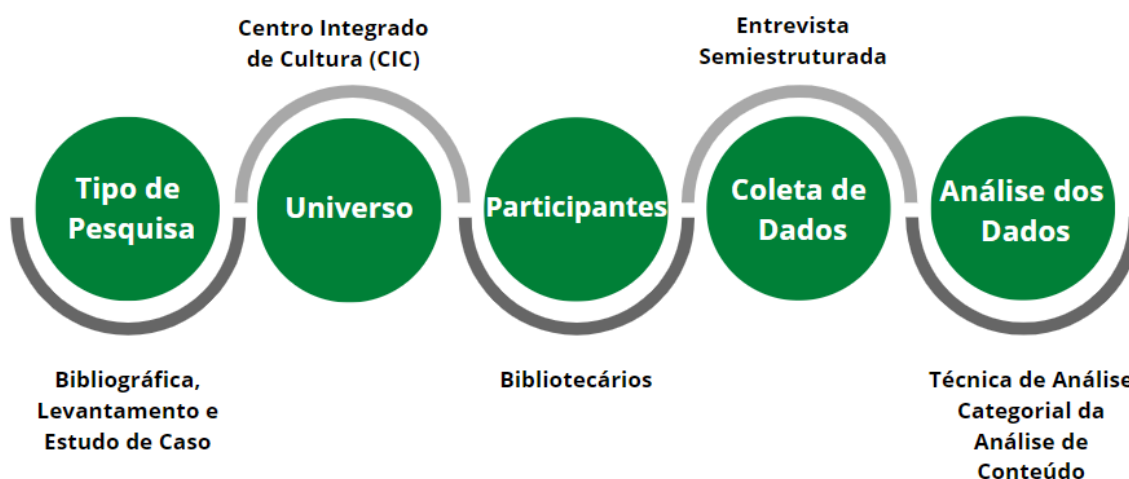


Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A metodologia escolhida visou levantar dados que elucidem as questões apresentadas e os objetivos específicos propostos, com o intuito de interpretar a realidade e atribuir significados.

A Figura 2 mostra, de maneira objetiva, o delineamento metodológico:

**Figura 2 -** Delineamento metodológico



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

## 5.1 CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DE PESQUISA

O CIC é administrado pela FCC, órgão que administra os diversos espaços de cultura do Estado de Santa Catarina. Atualmente, a administração da FCC funciona junto ao CIC, com sala própria.

A FCC foi criada 1979<sup>8</sup> e trabalha com o patrimônio cultural do Estado, com ações efetivas na área museal, tombamentos de edificações e objetos com valor histórico-cultural, restauração, conservação de bens culturais, além do registro e da valorização de bens culturais de natureza imaterial. A difusão artística, também, é uma das suas áreas de atuação, por meio de oficinas, publicações especializadas e eventos artísticos como teatro, dança, música, pintura, fotografia entre outros.

A FCC tem sob sua responsabilidade 11 espaços<sup>9</sup>:

- 1) Museu Histórico de Santa Catarina (mais conhecido como Palácio Cruz e Sousa);
- 2) Museu Nacional do Mar (em São Francisco do Sul);
- 3) Museu Etnográfico Casa dos Açores (em Biguaçu);
- 4) Casa de Campo Governador Hercílio Luz (em Rancho Queimado);
- 5) Casa da Alfândega - Galeria do Artesanato;
- 6) Casa da Literatura Catarinense Poeta Cruz e Sousa;
- 7) BPSC;
- 8) Casa José Boiteux;
- 9) Teatro Álvaro de Carvalho;
- 10) Teatro Pedro Ivo e
- 11) CIC.

O CIC está localizado na Beira Mar Norte da Ilha de Santa Catarina, na Avenida Governador Irineu Bornhausen, 5600 – bairro Agrônômica, próximo as duas grandes universidades públicas - UFSC e UDESC. Seu horário de atendimento ao público é diariamente das 10h às 21h.

A Figura 3 mostra a fachada do CIC:

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/sobre/historico>. Acesso em: 28 dez. 2022.

<sup>9</sup> Dados obtidos na entrevista e que podem ser visualizados no site da FCC. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos>. Acesso em: 28 dez. 2022.

**Figura 3 - Centro Integrado de Cultura (CIC)**



**Fonte:** Instagram da FCC.

O CIC possui diversos espaços (Questão 2b) e abaixo há uma pequena descrição de cada um dos ambientes principais, com suas respectivas fotos, de acordo com as informações disponibilizadas na página da FCC<sup>10</sup>. Os espaços são:

- 1) Sala de Cinema Gilberto Gerlach;
- 2) Museu de Arte de Santa Catarina (MASC);
- 3) Museu da Imagem e do Som (MIS/SC);
- 4) Teatro Ademir Rosa;
- 5) Biblioteca de Arte e Cultura;
- 6) Escolinha de Arte de Florianópolis;
- 7) Oficinas de Arte;
- 8) Salas Lindolf Bell; e
- 9) Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (ATECOR).

A Sala de Cinema Gilberto Gerlach<sup>11</sup> tem programação semanal, exibindo filmes selecionados pelos parceiros (docentes e discentes) do curso de Cinema da

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/cic/o-cic>. Acesso em: 8 dez. 2021.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/cic/cinema>. Acesso em: 8 dez. 2021.

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e da Mostra de Cinema Infantil. Também recebe sessões de lançamentos, pré-estreias e mostras com apoio do MIS/SC. O cinema possui capacidade para 137 pessoas.

A Figura 4 exibe o espaço do Cinema:

**Figura 4** - Sala de Cinema Gilberto Gerlach



Fonte: Site da FCC.

O MASC<sup>12</sup> foi criado em 18 de março de 1949, por meio de um Decreto Estadual, com o nome de Museu de Arte Moderna de Florianópolis e está presente no CIC desde 1983. Em 1970, o espaço que era municipal, passou a ser estadual e ganhou o nome que permanece até hoje: Museu de Arte de Santa Catarina. A formação do acervo teve início com a Exposição de Arte Contemporânea, trazida à Florianópolis, em 1948, pelo escritor carioca Marques Rebelo. A mostra foi apresentada no Grupo Escolar Modelo Dias Velho, hoje Escola Básica Antonieta de Barros, no centro da cidade. Na oportunidade foram feitas importantes doações de obras por parte do próprio escritor, de artistas participantes, e de aquisições oficiais. A intenção do idealizador era que a exposição resultasse na criação de um museu, e

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/espacos/masc/o-museu>. Acesso em: 8 dez. 2021.

junto ao apoio de um grupo de intelectuais de Florianópolis, conhecido por Grupo Sul, essa intenção deu certo. O acervo do MASC conta com mais de 2 mil obras.

A Figura 5 ilustra parte do Museu:

**Figura 5** - Museu de Arte de Santa Catarina (MASC)



**Fonte:** Facebook do MASC.

O MIS/SC<sup>13</sup> foi criado com a finalidade de preservar, documentar, pesquisar e comunicar acervos audiovisuais de relevância nacional e preferencialmente do Estado de Santa Catarina. A necessidade de reunir em um local as peças audiovisuais pertencentes ao Estado de Santa Catarina que se encontravam espalhadas pelas secretarias e gabinetes da administração estadual e a necessidade de ter um local para armazenar e conservar peças audiovisuais oriundas da sociedade catarinense que representasse um valor histórico para o Estado foram observadas pelos idealizadores quando propuseram a criação de um Museu de Imagem e Som. Em

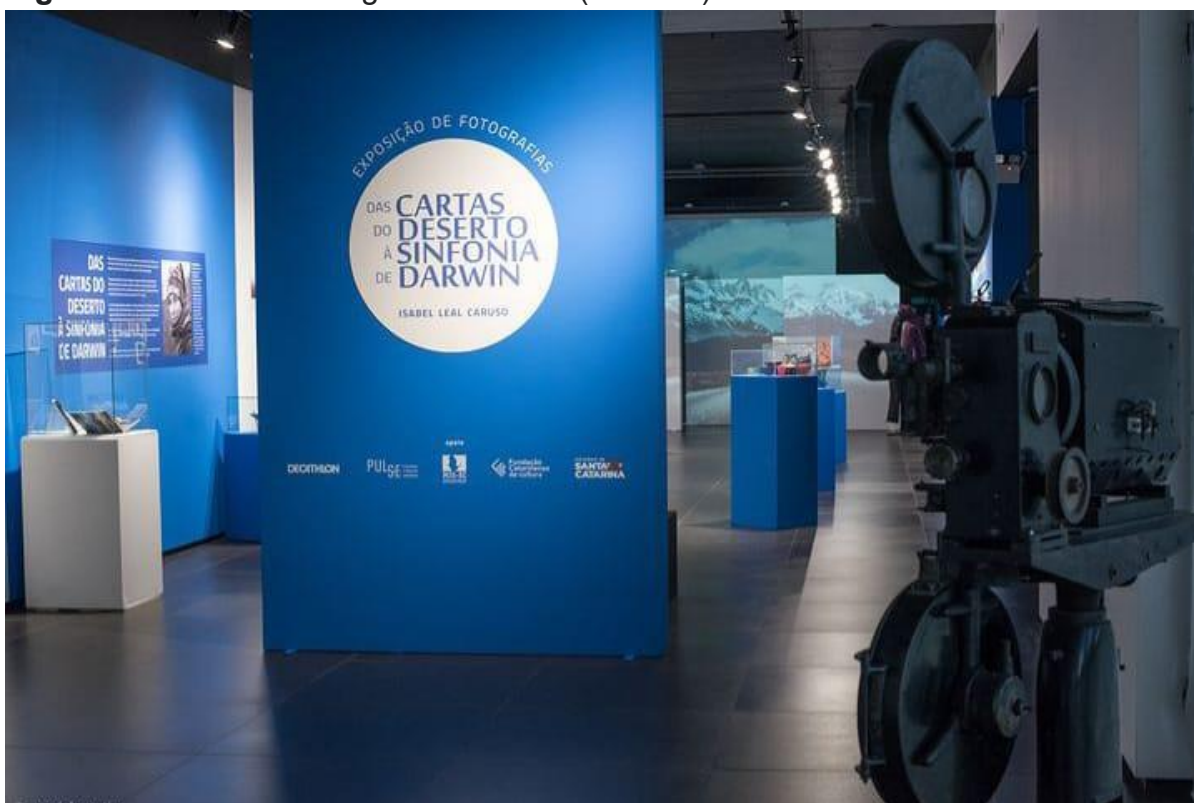
---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/espacos/mis/o-museu/8705-8705-historico-e-apresentacao>. Acesso em: 8 dez. 2021.

1998, o Governo do Estado criou oficialmente o Museu da Imagem e do Som. Atualmente, o MIS/SC conta com um setor Educativo para atender ao público que busca apreciar e ampliar seus conhecimentos na área do audiovisual. O foco é dirigido para as áreas do Cinema, do Vídeo, da Fotografia e das Novas Mídias. O acervo do MIS/SC é composto por cinco gêneros de coleções: filmes, som, imagem, equipamentos e registros textuais.

A Figura 6 expõe parte da entrada do MIS-SC com a exposição atual (12/2022) de fotografias: “Das cartas do deserto à sinfonia de Darwin”.

**Figura 6** - Museu da Imagem e do Som (MIS-SC)



**Fonte:** Instagram MIS.

O Teatro Ademar Rosa<sup>14</sup> foi inaugurado em 14 de novembro de 1982 e batizado em 1997 como Teatro Ademar Rosa. Ele tem o maior palco de Santa Catarina e capacidade para 906 pessoas na plateia. A abertura oficial do Teatro ao público ocorreu no dia 25 de julho de 1983, com a apresentação do espetáculo "O Grande Circo Místico", do Ballet do Teatro Guaíra, de Curitiba. Desde então, tem recebido

<sup>14</sup> Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/espacos/tar-teatro-ademar-rosa/o-teatro>. Acesso em: 8 dez. 2021.

espetáculos estaduais, nacionais e internacionais. O nome dado ao Teatro é uma homenagem ao ator catarinense Ademir Rosa - que morreu de câncer em 1997. Nascido em Florianópolis, ele formou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e fez pós-graduação/especialização em Teatro-Educação pela Universidade do Estado (UDESC). Foi professor de História na rede estadual de ensino, no Colégio de Aplicação da UFSC e em cursos pré-vestibulares. Também deu aulas de Sociologia Rural na UFSC. No cinema, Ademir Rosa atuou em cinco curtas-metragens e documentários e, como figurante, no longa Prata Palomares, de André Farias. Também trabalhou em um vídeo e num programa de televisão sobre a vida e a obra dos escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros<sup>15</sup>.

O Teatro pode ser visualizado na Figura 7:

**Figura 7** - Teatro Ademir Rosa



**Fonte:** Site da FCC.

A Biblioteca de Arte e Cultura<sup>16</sup> possui um acervo especializado em artes

---

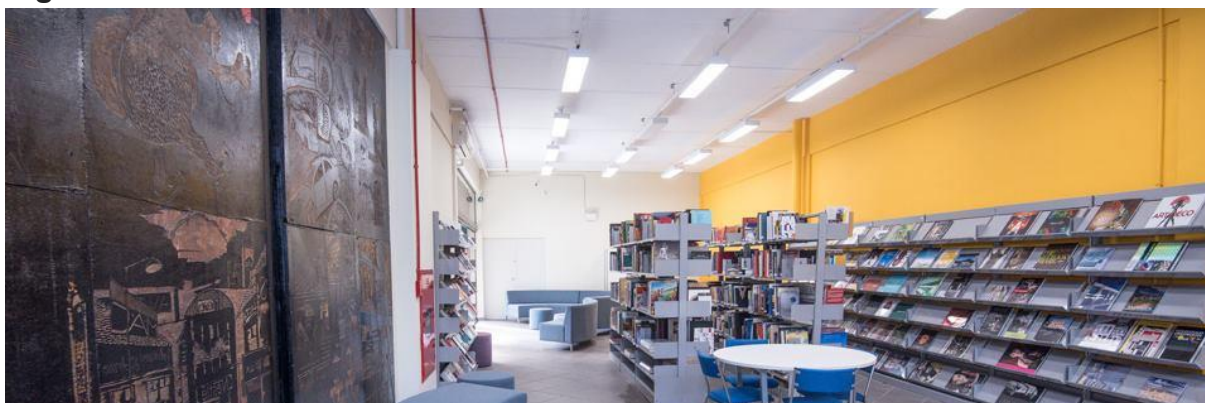
<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/diretoria-de-arte-e-cultura/teatro-ademir-rosa>. Acesso em: 24 jan. 2023.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/cic/biblioteca-de-artes>. Acesso em: 8 dez. 2021.

visuais, cinema, música, teatro, dança, patrimônio cultural, arquitetura e fotografia, com cerca de 2.000 obras. As obras (livros) foram selecionadas especialmente para esta biblioteca pela Diretoria de Difusão Artística da FCC. O acervo foi comprado com recursos do Edital ProCultura de Estímulo às Artes Visuais, da Funarte e, aos poucos, ele vai crescendo com o auxílio de doações. A Biblioteca é aberta ao público, porém não permite empréstimo, apenas consulta local.

A Biblioteca pode ser vista na Figura 8:

**Figura 8** - Biblioteca de Arte e Cultura



Fonte: Facebook da biblioteca.

A Escolinha de Arte de Florianópolis<sup>17</sup> foi criada em agosto de 1963 pelo Departamento de Cultura da Secretaria da Educação e Cultura e, em 1989, tornou-se subordinada à FCC. Em março de 2008, passou a funcionar nas dependências do CIC com atividades junto à comunidade por meio de sorteio público das vagas e com o Projeto Escola na Escolinha, atuando com as instituições parceiras. Atualmente, a Escolinha de Arte oferece atividades arte-educativas para crianças de 5 a 12 anos, que frequentam o espaço uma vez por semana nos períodos matutino e vespertino.

A Figura 9 ilustra o espaço da Escolinha:

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/cic/escolinhadearte#sobre-a-escolinha>. Acesso em: 8 dez. 2021.

**Figura 9** - Escolinha de Arte de Florianópolis



**Fonte:** Site da FCC.

As Oficinas de Arte<sup>18</sup> foram criadas por José Silveira d'Ávila, em 1981, na época diretor do Museu de Arte de Santa Catarina, sediado no prédio da Alfândega, Florianópolis. A gravura foi o núcleo inicial, especificamente com pesquisa em litografia, seguida pela xilogravura, o desenho e a tapeçaria. Em 1983, com a transferência do Museu para o prédio do CIC, as Oficinas ganharam espaço adequado, porém obtiveram ação efetiva somente a partir de 1987 com o ensino contemporâneo das artes plásticas. Abrangendo a teoria e a prática, as Oficinas desenvolvem-se em várias modalidades, tais como: Oficina Base, Oficinas Espécie e Oficinas Breve. O objetivo fundamental das Oficinas é a formação do artista por meio da experimentação e da discussão dos processos artísticos.

A Figura 10 mostra a entrada e uma exposição das Oficinas:

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/cic/oficinasdearte/sobre-as-oficinas#sobre-as-oficinas>. Acesso em: 8 dez. 2021.

**Figura 10 - Oficinas de Arte**



**Fonte:** Site da FCC.

As Salas Lindolf Bell<sup>19</sup> são duas salas disponíveis para a realização de exposições, lançamentos de livros, feiras, entre outras ações artísticas e culturais; juntas elas totalizam 636,41 metros quadrados.

Na Figura 11, pode ser visualizada uma das salas:

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/diretoria-de-arte-e-cultura/salas-lindolf-bell>. Acesso em: 8 dez. 2021.

**Figura 11** - Salas Lindolf Bell - Exposição Fissuras na Rede



**Fonte:** Site da FCC.

O Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (ATECOR)<sup>20</sup> atua na conservação-restauração do patrimônio cultural móvel do Estado, com enfoque especial à restauração de pintura de cavalete e escultura policromada. Contribui com instituições públicas, religiosas e particulares, orientando na conservação-restauração de seus acervos. Presta assessoria e acompanhamento às intervenções em bens integrados, pinturas, murais e altares, dentre outros, de bens tombados pelo Estado.

O ATECOR pode ser visto na Figura 12:

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/patrimoniocultural/atecor>. Acesso em: 8 dez. 2021.

**Figura 12** - Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (ATECOR)



**Fonte:** Fotografia tirada pela autora (2022).

Como forma complementar de caracterização do universo, segundo dados extraídos das entrevistas, **a estrutura organizacional do CIC (Questão 2a)** divide-se em: administração própria; sucedida da Diretoria de Arte e Cultura e a Diretoria de Patrimônio, seguida das gerências. A Biblioteca, o SBPSC e o MASC pertencem à Diretoria de Arte e Cultura, assim como a Escolinha de Arte, as Oficinas de Arte, o Teatro Ademir Rosa e as Salas Lindolf Bell.

Também de acordo com os entrevistados, **o CIC oferece as mais diversas atividades culturais (Questão 2c)** tais como: oficinas de arte, oficinas de escrita, exposições (de arte e audiovisual no Museu da Imagem e do Som), teatro, palestras, cursos (de litografia, gravura, xilografia, artes gráficas na pintura), aulas de canto, cinema (para o público infantil e adulto), lançamento de livros, e feiras que correspondem com alguma atividade que o CIC está oferecendo. Toda a programação

do CIC é divulgada nas redes sociais e no site da FCC.

A amostra foi composta por três bibliotecários que atuam no CIC, especificamente na Biblioteca de Arte e Cultura e no Museu de Arte de Santa Catarina (MASC).

Pela descrição do universo de pesquisa, é possível conhecer, de forma geral, as atividades desenvolvidas pelo CIC, bem como compreender a potencialidade de tais espaços para a promoção da mediação cultural. No entanto, foi preciso verificar como as ações desenvolvidas em tais espaços contribuem para a mediação cultural que permita o desenvolvimento de uma consciência crítica.

## 6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para que seja possível verificar a importância dos centros culturais como espaços de mediação da cultura no desenvolvimento da competência crítica em informação a partir dos seus profissionais, esta seção será apresentada em quatro partes para melhor entendimento dos dados coletados, assim como se apresenta o formulário de entrevista semiestruturada (APÊNDICE B).

A primeira parte aborda os dados gerais acerca dos entrevistados (Questões 1a - 1g), a segunda parte exibe os dados coletados em relação ao CIC (Questões 2a - 2e), a terceira quanto ao setor de atuação dos bibliotecários (Questões 3a - 3f) e a quarta parte em relação aos temas centrais da pesquisa (Questões 4a - 4c): competência crítica, mediação cultural e centros culturais.

A análise dos dados seguirá as três categorias descritas na seção 5 – procedimentos metodológicos. Para tal finalidade, as principais falas dos entrevistados foram transcritas quase que em sua totalidade por conta da importância dos detalhes das ações realizadas e por fundamentarem os dados qualitativos analisados a seguir. As perguntas foram pontuadas em negrito, bem como trechos das respostas para melhor visualização, de modo a fazer referência à ordem do formulário de entrevista e facilitar o desenvolvimento da análise.

### 6.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Realizou-se uma entrevista semiestruturada, de forma presencial, no dia 12 de dezembro de 2022, no CIC, com três bibliotecários, sendo dois deles do sexo feminino e um do sexo masculino, cujos nomes foram mantidos em sigilo e são representados pelas letras A, B e C respectivamente. Destaca-se que o CIC possui quatro bibliotecários, porém um está em licença para tratamento de saúde e atualmente exerce sua função no setor administrativo.

O Quadro 3 apresenta o perfil dos entrevistados (**Questões 1a – 1f**):

**Quadro 3** - Perfil dos entrevistados

ENTREVISTADO	IDADE	FORMAÇÃO	ÁREA DE ATUAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO NO CIC
A	49 anos	Especialização	Biblioteca	11 anos
B	44 anos	Mestrado	Biblioteca e Sistema de Bibliotecas Públicas de SC	9 meses
C	45 anos	Graduação	Pesquisa e Documentação do MASC	9 anos e 3 meses

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Conforme o Quadro 3, dos nove espaços que o CIC possui, citados na caracterização do universo da pesquisa, somente dois espaços possuem bibliotecários atuantes, a saber a Biblioteca de Arte e Cultura e o MASC, sendo que o entrevistado B coordena de dentro da Biblioteca o Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina (SBPSC)<sup>21</sup>.

A média de idade dos entrevistados é de 46 anos e a maior parte deles tem formação base pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com especialização em Gestão da Informação e Inovações Tecnológicas pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão (IBPEX). O entrevistado que possui mestrado e está terminando o doutorado é na área de Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Os entrevistados fizeram concurso público para FCC, em que dois (entrevistados A e B) foram lotados na Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC) e um no próprio CIC (entrevistado C). O entrevistado A atuou durante alguns meses do ano de 2010 na BPSC e, em 2011, assumiu o cargo de coordenador SBPSC, instituído em 2008, o qual foi, em seguida, transferido para trabalhar na Biblioteca de Arte e Cultura do CIC, porém na mesma função; já o entrevistado B atuava na BPSC desde

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/diretoria-de-arte-e-cultura/701-sistema-de-bibliotecas-publicas-de-santa-catarina/sobre-o-sbp-sc>. Acesso em: 28 dez. 2022.

2010 e foi transferido em março deste ano (2022) para colaborar no CIC, coordenando dali o SBPSC, cargo que começou a exercer desde 2020. Os bibliotecários A e B exercem as atividades inerentes à profissão, com destaque para as atividades culturais.

É interessante que quando questionados acerca da **sua história e relação com o CIC (Questão 1g)**, a resposta dos três entrevistados foi a mesma: apenas uma relação de trabalho. O entrevistado B acrescentou que frequentou o local algumas vezes por conta das exposições do MASC e do Teatro Ademir Rosa.

É importante destacar que o entrevistado C atua em um setor específico dentro do MASC (Pesquisa e Documentação), portanto sua contribuição para o que a pesquisa propôs não foi de todo alcançada. Dessa forma, não foi possível considerar todas as questões do formulário de entrevista elaborado pela pesquisadora, uma vez que o participante não atua com atividades culturais, foco desta pesquisa.

## 6.2 DADOS DO CIC

Os centros de cultura são espaços que aglutinam diversos ambientes e ofertam variadas atividades culturais. Os centros são conhecidos como locais de cultura, lazer e conhecimento. Apresentam três características fundamentais, como atesta Teixeira Coelho (1997): diferentes espaços, equipamentos permanentes e a oferta constante de diversas atividades. Tais aspectos foram evidenciados no CIC e puderam ser comprovados pela visita da autora desta pesquisa e pelos relatos colhidos dos entrevistados.

**O centro cultural de Florianópolis possui nove espaços (Questão 2b)** distribuídos entre biblioteca, museus, cinema, teatro, escolinha e oficinas de arte, espaços para exposições e ateliê de restauração, além de **oferecer atividades culturais continuamente (Questão 2c)**, como teatro, cinema, aulas de canto, pintura, oficinas, palestras etc., como já mencionados na caracterização do universo da pesquisa.

**Cada atividade oferecida pelo CIC tem sua periodicidade específica (Questão 2d)**. Por exemplo, as exposições no MASC permanecem em torno de dois a três meses; as próprias exposições de objetos do MASC ficam até um ano; as oficinas de escrita promovidas pela Biblioteca, mantiveram-se durante todo o ano e assim por diante.

A maioria das atividades culturais oferecidas não são de autoria do CIC, uma vez que ele aluga os espaços ou os cede gratuitamente aos produtores de arte, dependendo do evento, conforme expressa o entrevistado A: *“a Fundação tem o espaço, mas não tem, digamos assim, artistas para fazer os espetáculos [...] então a gente cede os espaços”*.

Todas as atividades culturais que o CIC oferece são gratuitas, exceto as produções externas de artistas, como as que são apresentadas no Teatro e no Cinema - para esses ambientes normalmente são cobrados ingressos para os espetáculos - e o lançamento de livros - mais detalhes na próxima seção.

Conforme traz a literatura (TEIXEIRA COELHO, 1986; MILANESI, 1990, 1997, 2003; SILVA, 1995; RAMOS, 2007), um centro cultural deve oferecer o tempo todo variadas atividades aos seus frequentadores, sejam elas pagas ou gratuitas, de modo a promover a arte e a cultura, sem, no entanto, desconsiderar o desenvolvimento humano. Isso ficou evidente na fala dos entrevistados quando questionados acerca da **relevância das atividades culturais do CIC para o seu público e/ou para a comunidade de Florianópolis (Questão 2e)**, quando unanimemente afirmaram que elas são muito importantes. Nesse sentido, *“A importância está na possibilidade de você ter, sim, vários espetáculos pagos [...], mas também ter a gratuidade do acesso à cultura. [...] você tem uma comunidade que tem acesso ao canto gratuito, à pintura, à escrita, tem a escolinha de arte para crianças, também gratuita. Elas fizeram exposição, então a comunidade além de participar da oficina, também tem possibilidade de se apresentar ou dispor no espaço do CIC as suas artes”*, afirma o entrevistado B.

Essa fala apresenta tanto a promoção da arte quanto ao desenvolvimento humano por meio da participação do próprio público na ação cultural, o que exhibe também como um centro cultural pode ser um instrumento para o desenvolvimento da comunidade em que está inserido.

Por outro lado, o entrevistado A, que atua há mais de 10 anos no Centro, afirma que, por mais que as atividades culturais ofertadas sejam importantes para a comunidade, o CIC ainda é considerado elitizado: *“é um espaço de cultura muito elitizado, você não consegue atrair realmente o povão, digamos assim. Tem um morro aqui do lado sabe, esse público está aqui? Não está; então, de repente, falta uma política melhor, com ações efetivas da Fundação para estar atraindo esse público, porque [o CIC] é público, é para todos, não é só para poucos, só para quem*

*pode comprar ingressos de R\$ 200,00 [...]”. E continua: “eu não vi pessoas mais simples da comunidade usando o espaço, a não ser quando vem escolas né, que vem ver exposição, que normalmente o MASC faz esse tipo de ação”.*

Essa observação mostra de forma clara que por mais que os bibliotecários compreendam o centro cultural como espaço muito importante de promoção da cultura, ele ainda não alcança a todas as pessoas, não integra a comunidade, o que não condiz nem com o próprio objetivo da FCC que é “[...] realizar suas ações de modo a democratizar o acesso à cultura no Estado de Santa Catarina [...] e integrar a comunidade às atividades culturais”<sup>22</sup> e nem com os objetivos de um centro cultural, como argumenta Neves (2013, p. 1): “o centro de cultura é um espaço que deve construir laços com a comunidade e os acontecimentos locais [...] proporciona cultura para os diferentes grupos sociais, buscando promover a sua integração”.

Teixeira Coelho (1986) e Milanesi (1997) também discorrem que um centro cultural deve estar conectado ao meio em que está inserido, com ações voltadas para a realidade da comunidade, não sendo destinado a uma determinada classe social, ao mesmo tempo em que não deve ser apolítico<sup>23</sup> ou neutro, antes precisa atender às demandas da sociedade, bem como promovê-las, e propiciar o encontro entre os sujeitos e a cultura.

Da mesma forma, Almeida Júnior (1997, p. 92) destaca que os bibliotecários precisam se interessar mais pelas pessoas, pela comunidade, especialmente pelos “carentes de informação”, não de uma maneira assistencial, mas como um dever social da profissão.

Destarte, é imprescindível que o CIC reveja suas políticas e ações de democratização de acesso à cultura, a fim de que toda comunidade, inclusive a considerada “excluída”, como expõe Freire (2013), possa adentrá-lo e, de fato, participar das atividades culturais que ele oferta. Conforme expõe Milanesi (1997, p. 269), “nenhuma sociedade faz a cultura essencial porque lhe sobram recursos, mas, ao contrário, porque há carências a serem superadas”.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/a-fcc/sobre/historico>. Acesso em: 12 jan. 2023.

<sup>23</sup> “Por não ser de uma camada ou de uma classe, a Casa não será apolítica ou neutra. Pela sua própria proposta, ela será desde o início *contra o estado de coisas*. Isto já lhe dá seu tom político” (TEIXEIRA COELHO, 1986, p. 113).

### 6.3 DADOS DA BIBLIOTECA DE ARTE E CULTURA E DO MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA

Bibliotecas e museus são os dois espaços culturais mais citados quando se fala em centros culturais, especialmente no que tange ao histórico de criação deles. Esta seção apresentará os dados referentes à Biblioteca de Arte e Cultura e ao MASC.

#### 6.3.1 Biblioteca de Arte e Cultura

A Biblioteca de Arte e Cultura foi inaugurada em 2017 e possui acervo especializado, no entanto é aberta ao público e promove as mais diversas atividades. O público é composto por curiosos e pesquisadores, além dos que participam das atividades propostas. Faz parte das suas dependências um lindo e aconchegante jardim.

A Figura 13 exibe a fachada da biblioteca:

**Figura 13** – Fachada da biblioteca



**Fonte:** Fotografia tirada pela autora (2022).

A Figura 14 mostra o jardim:

**Figura 14** – Jardim da Biblioteca



**Fonte:** Fotografia tirada pela autora (2022).

O acervo da Biblioteca é composto por obras muito específicas (dança, cinema, música, teatro, artes plásticas etc.), portanto ele é somente para consulta local, não havendo empréstimo de obras: “[...] são obras muito específicas e muito caras também, são livros muito pesados, tem livros que pesam mais de 10kg, então a gente não empresta [...]”, diz o entrevistado A.

O acervo de cerca de 2 mil exemplares ainda não é informatizado, porém já houve iniciativas para tal, entretanto sem muito sucesso até o momento, pois há detalhes que dependem de outros setores e até mesmo de recursos financeiros. Uma das iniciativas pode ser conferida no site da FCC - plataforma on-line para curadoria<sup>24</sup>.

A Figura 15 mostra os maiores e mais pesados livros do acervo, com cerca de

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/20480-20480-biblioteca-de-arte-e-cultura-do-cic-lanca-plataforma-on-line-para-curadoria-de-acervo>. Acesso em: 23 dez. 2022.

10kg a 15kg:

**Figura 15** – Livros com mais de 10kg



**Fonte:** Fotografia tirada pela autora (2022).

A Biblioteca possui uma linda parede decorada com a arte da xilogravura, feita pela própria Oficina de Arte do CIC, conforme a Figura 16 ilustra:

**Figura 16** – Parede da Biblioteca com a arte da Xilogravura



**Fonte:** Fotografia tirada pela autora (2022).

**As atividades culturais que a Biblioteca oferece (Questão 3a),** conforme informadas pelos entrevistados, são:

- 1) Ateliê de Escrita: arte, literatura e psicanálise<sup>25</sup>;
- 2) Oficina Experimental de Textos Curtos<sup>26</sup>;
- 3) Projeto Quartas Italianas<sup>27</sup>;
- 4) Oficina Leitores & Escritores: interações<sup>28</sup>;

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/22355-biblioteca-de-arte-cultura-divulgacao-selecionados-atelie-de-escrita>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/1416-noticias-cinema-cic/22430-divulgada-lista-de-sorteados-para-oficina-experimental-de-textos-curtos-2>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/21327-biblioteca-de-arte-e-cultura-recebe-projeto-quartas-italianas>. Acesso em 15 dez. 2022.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/23048-oficina-virtual-que-promove-interacoes-entre-leitores-e-escritores-tem-inscricoes-abertas>. Acesso em: 15 dez. 2022.

- 5) Oficina Escrita Criativa<sup>29</sup>;
- 6) Palestra O Pequeno Príncipe;
- 7) Biblioteca Humana;
- 8) Encontro Amigos do Origami<sup>30</sup>;
- 9) Biblioterapia;
- 10) Clube de Leitura do Pelicano<sup>31</sup>;
- 11) Mostra de Livros Voadores: leitura e acessibilidade em foco<sup>32</sup>; e
- 12) Lançamento de livro<sup>33</sup>.

Ademais, foram encontradas três ações culturais no site da FCC que envolveram a Biblioteca de Arte e Cultura, contudo não foram mencionadas pelos bibliotecários no momento da entrevista:

- 1) Sarau Poético e Musical de encerramento da semana comemorativa dos 40 anos das Oficinas e Arte, realizado no jardim da Biblioteca<sup>34</sup>;
- 2) Oficina de Curadoria Colaborativa e Memória Afetiva<sup>35</sup>; e
- 3) Memória e Educação<sup>36</sup>.

Em contato posterior, via *WhatsApp*, com o entrevistado A, no dia 11/01/2023, foi confirmada a realização da ação 1 (Sarau Poético e Musical no jardim da Biblioteca), bem como a não realização das ações 2 e 3. Os motivos não foram informados.

A seguir estão descritas todas as atividades culturais discriminadas pelos entrevistados, algumas contendo pequenos excertos que explicam os respectivos

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/1424-noticias-biblioteca-publica-de-sc/22366-oficina-de-escrita-criativa-tera-inscricoes-em-fevereiro>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/23528-encontro-amigos-do-origami-sera-realizado-na-biblioteca-de-arte-cultura>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/23560-biblioteca-de-arte-e-cultura-do-cic-sedia-encontro-de-clube-de-leitura>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/23474-biblioteca-de-arte-e-cultura-do-cic-recebe-mostra-livros-voadores>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>33</sup> Exemplo de um lançamento de livro. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/1416-noticias-cinema-cic/22280-biblioteca-de-arte-e-cultura-do-cic-recebe-lancamento-de-livro-sobre-biblioteca-do-mundo>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/oficinas-arte/23720-aberta-semana-comemorativa-aos-40-anos-das-oficinas-de-arte-da-fcc>. Acesso em: 20 dez. 2022.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/oficinas-arte/21136-biblioteca-de-arte-cultura-do-cic-oferece-oficina-de-curadoria-de-pequenos-acervos-e-colecoes-particulares>. Acesso em: 23 dez. 2022.

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/oficinas-arte/21265-biblioteca-de-arte-cultura-inicia-programacao-em-memoria-educacao>. Acesso em: 23 dez. 2022.

projetos.

O **Ateliê de Escrita: arte, literatura e psicanálise** (oficina de escrita com uma psicanalista) (1) “*essa é uma oficina que tinha uma psicanalista, ela ajudava a escrever, [era] com pessoas de mais idade, juntando as memórias da pessoa, foi um trabalho muito lindo*”, diz o entrevistado A. O projeto ocorreu, presencialmente, a cada 15 dias, com o objetivo de escrever acerca das memórias dos participantes.

A **Oficina Experimental de Textos Curtos** (2) era presencial, também com encontros quinzenais e ocorreu antes da pandemia, porém irá retornar; segundo o entrevistado A essa oficina era “[...] *de movimento do corpo, oficina de escrita que trabalhava comunicação, digamos vídeo, fala, gestos, comunicação [...]*. Segundo o entrevistado A, a oficina teve muitas inscrições, cerca de 180, e foi preciso fazer sorteio, pois tinham apenas 20 vagas. Entre os objetivos estavam a produção de crônicas, contos, poemas impressos e audiovisuais digitais; vivenciar um grupo tarefa – no contexto da educação permanente – tendo por foco a conquista e a manutenção do direito à arte, pelo viés da literatura e do cinema e conhecimento das diversas formas de divulgação, adequando-as à propagação das produções realizadas nas oficinas, segundo informações divulgadas pela FCC<sup>37</sup>.

O **Projeto Quartas Italianas** (3) foi uma parceria feita com o Núcleo de Estudos de Literatura Italiana da UFSC. Os objetivos foram promover discussões acerca das obras lidas, identificar diferenças e semelhanças entre as línguas italiana e portuguesa etc. De acordo com o entrevistado A “[...] *foi feita até uma exposição na biblioteca sobre as obras traduzidas do italiano*”. Os encontros foram quinzenais.

A **Oficina Leitores & Escritores: interações** (4) é um clube de leitura que envolvia a leitura e discussão de textos de diversos autores e até de contos produzidos pelos próprios integrantes do clube. A intenção era promover a leitura, a reflexão crítica, o conhecimento dos gêneros textuais etc. A oficina era on-line devido a pandemia e ocorria semanalmente. “[...] *tinham pessoas de vários lugares, desde aqui de Santa Catarina até de outros estados [...]* esse encontro foi muito rico, muito produtivo [...] *tinha muita gente com pensamento crítico muito mais forte daí né, então ali que vem toda essa questão que você falou do pensamento crítico, esses encontros foram muito ricos pra isso*”, comenta o entrevistado A.

---

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/1416-noticias-cinema-cic/22430-divulgada-lista-de-sorteados-para-oficina-experimental-de-textos-curtos-2>. Acesso em: 15 dez. 2022.

Todos esses quatro projetos aconteceram de forma presencial antes da pandemia da COVID-19, mas aos poucos estão sendo retomados. Eles foram realizados em parcerias com outros profissionais e instituições; eram abertos ao público, alguns com filtro nas inscrições como, por exemplo, o Ateliê de Escrita: arte, literatura e psicanálise - para pessoas mais velhas - e as inscrições foram gratuitas. A média de participantes foi de 15 pessoas em cada um. Os encontros ocorriam, semanal ou quinzenalmente, e aconteceram durante todo o decorrer do ano. De acordo com o entrevistado A, os projetos vêm acontecendo desde 2017, ou seja, desde a criação da Biblioteca.

A **Oficina Escrita Criativa** (5) (contos curtos - módulo 2 da oficina) foi realizada pelo próprio entrevistado B. Conforme informações prestadas pelo entrevistado, ela faz parte do projeto Oficina Literária Boca de Leão, a qual existe desde 2012 na BPSC e que desde março de 2022 começou a ser realizada no CIC. Essa Oficina Literária abarca três iniciativas: escrita criativa, biblioterapia e formação de contadores de histórias. Para os profissionais da SBPSC, foram ofertados dois encontros no modo on-line. A Oficina teve encontros a cada dois meses com 15 participantes. O objetivo da oficina foi iniciar o processo de escrita, escrever textos de Escrita Criativa e compartilhar a produção literária desenvolvida com a comunidade.

A **Palestra O Pequeno Príncipe** (6) foi realizada de modo presencial para estudantes de escolas públicas do ensino médio e de modo on-line para os profissionais que fazem parte do SBPSC. Foram feitas cerca de 10 palestras no decorrer de 2022, as quais também foram realizadas pelo entrevistado B. A quantidade de participantes variou de 15 a 30. O objetivo era trabalhar o livro em seu contexto de escrita, com um olhar diferente para o texto. *“A palestra do Pequeno Príncipe a gente reflete muito sobre a sociedade e a história né [...] porque a gente discute não só a história da humanidade, mas a questão de ela poder ser repetida né, e também a gente refletir sobre, aí é proposital né, refletir sobre o real sentido da vida, que no príncipe ele está em busca desse sentido da vida, como, por que que eu estou nesse planeta? [...]”*, afirma o entrevistado B. As palestras ocorreram mensalmente.

A **Biblioteca Humana**<sup>38</sup> (7) foi uma ação desenvolvida em parceria com outra profissional a partir de um projeto chamado Releituras, na BPSC, uma exposição com

---

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/1424-noticias-biblioteca-publica-de-sc/23523-programacao-especial-marca-comemoracoes-dos-168-anos-da-biblioteca-publica-de-santa-catarina-2#31-de-maio-terca-feira>. Acesso em: 22 dez. 2022.

acessibilidade visual feita na biblioteca. A Biblioteca Humana contou com 10 personagens falando acerca da sua história de vida. Ela ocorreu durante alguns dias no período vespertino e foi preciso realizar inscrições. *“A biblioteca humana nós tivemos 10 livros humanos que eram pessoas falando a sua história. Então teve o garoto que falou sobre ele ser da comunidade LGBT e as dificuldades que ele teve né, não por ser só da comunidade LGBT, mas ser negro, então toda problemática né, ele ser um negro e homossexual. Então ele trouxe essa experiência, como é que foi vencendo os obstáculos, então ele é um livro aberto, a história dele estava sendo contada, aí as pessoas se inscreveram para ouvi-lo, outros se inscreveram para ouvir um outro que também era da comunidade LGBT, mas que se veste com algumas vestimentas que são consideradas femininas, então ele veio de batom, bigode, meio Fredy Mercury assim, salto alto, blusa de babado, brilho... e teve uma taróloga, que veio falar sobre a leitura do tarô, como que ela interpreta aquela história [...]”*, descreve o entrevistado B. O entrevistado acrescenta: *“teve uma artista que desenvolveu uma síndrome, ela ficou paralisada e está voltando a ter movimento. Ela fazia dança cigana, ela é poeta, então ela falou dessa experiência de se tornar uma pessoa paralisada e aos poucos retomar os movimentos que a síndrome de Guillain Barré, acho que foi isso [...] teve uma dançarina que também começou a perder os movimentos, então essas histórias de vida né, de superação”*, descreve o entrevistado B.

O **Encontro Amigos do Origami** (8) é uma oficina gratuita e destinada a todos os interessados por essa arte milenar. Ocorreu em todo último sábado de cada mês, às 15h, para cerca de 15 participantes. Ela foi uma atividade feita em parceria com um grupo da cultura nipônica de Florianópolis.

A **Biblioterapia** (9), parte do projeto Oficina Literária Boca de Leão, ocorreu uma única vez, enquanto CIC, pois se dava na BPSC, e se deu na Casa da Literatura Catarinense Poeta Cruz e Souza para um público de 10 pessoas, porém será realizada na biblioteca em breve. *“Eu fiz a biblioterapia na Casa da Literatura Cruz e Souza, que é uma casa nova, aí fiz de novo né, como projeto de extensão”*, diz o entrevistado B. O objetivo da biblioterapia é melhorar a saúde mental e emocional por meio da leitura e de atividades lúdicas.

O **Clube de Leitura do Pelicano** (10), segundo o entrevistado B, *“[...] era um clube do livro de uma escritora catarinense que ela não tinha uma sede, porque antes era na casa dela e ela queria fazer isso numa biblioteca, aí ela veio perguntar se a*

*gente poderia liberar o espaço da biblioteca para ela fazer essa reunião. Eu falei: 'claro que sim'. A gente abriu essa oportunidade, que é o espaço público que deve ser realmente tomado e utilizado né [...]".* De acordo com o site da FCC<sup>39</sup>, o Clube é um parceiro convidado para o primeiro encontro da ação cultural Mediação da Leitura Literária. A ação foi promovida pelo SBPSC com o objetivo de promover a leitura e o diálogo.

A **Mostra de Livros Voadores: leitura e acessibilidade em foco** (11) foi de iniciativa do Projeto Releituras envolvendo dois dias de atividades ligadas à literatura, não obstante com a acessibilidade em foco, entre elas palestras, lançamentos de livros etc., de acordo com a FCC<sup>40</sup>. O entrevistado B conta: “[...] a idealizadora [...] veio procurar um espaço para fazer uma exposição [...] com esse projeto que se chama Releituras, de acessibilidade visual”.

O **Lançamento de Livro** (12) é uma atividade que a Biblioteca oferece para os escritores com a seção do ambiente para a divulgação e venda de sua obra.

Algumas dessas ações são promovidas pelo SBPSC, sendo o piloto na Biblioteca de Arte e Cultura, tendo o entrevistado B a frente e o entrevistado A como apoio, e outras são trabalhadas em conjunto. O entrevistado B fala que: “[...] é uma ação cultural do Sistema dentro da biblioteca, que como eu falei, o Sistema usa a Biblioteca de Arte daqui como um espaço para testar as possibilidades de criação de projetos [...]”.

De modo geral, a **periodicidade das atividades culturais (Questão 3b)** que a Biblioteca e o SBPSC oferecem é mensal, algumas delas possuem inscrição, e outras possuem filtro para participação, dependendo do objetivo da ação. Além disso, o **público-alvo (Questão 3c)** varia conforme cada atividade, mas, no geral, são para adultos, e a **quantidade de participantes (Questão 3d)** fica em torno de 15 pessoas.

Todas as atividades foram gratuitas, “[...] foi com a cara e a coragem, com voluntariado, com pessoas parceiras da biblioteca [...]”, diz o entrevistado A; exceto o Lançamento de Livro em que é cobrada uma taxa do escritor caso haja venda da obra lançada, conforme relata o entrevistado B: “[...] lançamento de livro a gente acaba cobrando uma taxa porque vai ter a cobrança do valor do livro, então quando há

---

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/23560-biblioteca-de-arte-e-cultura-do-cic-sedia-encontro-de-clube-de-leitura>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/23474-biblioteca-de-arte-e-cultura-do-cic-recebe-mostra-livros-voadores>. Acesso em: 15 dez. 2022.

*cobrança de taxa o espaço público é obrigado a cobrar uma taxa por causa do decreto, aí é R\$50,00 a taxa de uso do espaço”.*

O Quadro 4 resume as atividades citadas pelos entrevistados e detalhadas no site da FCC:

#### **Quadro 4 - Atividades culturais**

<b>REALIZAÇÃO</b>	<b>ATIVIDADES</b>
Biblioteca de Arte e Cultura	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ateliê de Escrita: arte, literatura e psicanálise;</li> <li>- Oficina Experimental de Textos Curtos;</li> <li>- Projeto Quartas Italianas;</li> <li>- Oficina Leitores &amp; Escritores: interações;</li> <li>- Encontro Amigos do Origami;</li> <li>- Mostra de Livros Voadores: leitura e acessibilidade em foco;</li> <li>- Lançamento de livro.</li> </ul>
Sistema de Bibliotecas Públicas de SC	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oficina Escrita Criativa;</li> <li>- Palestra O Pequeno Príncipe;</li> <li>- Biblioteca Humana;</li> <li>- Biblioterapia;</li> <li>- Clube de Leitura do Pelicano.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Embora algumas atividades sejam promovidas pela própria Biblioteca ou pelo Sistema de Bibliotecas Públicas, é mister lembrar que os dois bibliotecários trabalham juntos para o desenvolvimento e consecução delas desde que o bibliotecário B veio atuar na Biblioteca de Arte e Cultura, conforme citou o entrevistado B (relato na página 90).

Todas essas 12 atividades realizadas e relatadas pelos participantes da pesquisa convergem com o que atesta Ramos (2007, p. 99) ao afirmar que “os centros culturais atuam como espaço de encontro, experimentação e reflexão, mas, também como equipamento disseminador de informação”. A autora acrescenta que isso ocorre “[...] quando a casa divulga suas atividades [...]; quando promove seminários e debates; quando [...] disponibiliza para seu público uma biblioteca [...] quando promove lançamento de livros [...] etc.”.

É dessa forma que os centros precisam agir, preocupados em disseminar a informação ao mesmo tempo em que estão engajados com o público mediante a profusão de atividades, fazendo do centro um “território privilegiado da ação cultural”, em concordância com Ramos (2007, p. 92).

Quando os entrevistados foram interrogados acerca da **interação entre a biblioteca e os demais setores do CIC (Questão 3e)**, as respostas foram que a comunicação é precária e não há parcerias de atividades entre eles. O entrevistado A diz: *“não existe, essa é uma crítica que eu faço nas internas aqui”*. O entrevistado B acrescenta: *“a única relação que tem é do pedido suporte né, dos terceirizados para carregar a cadeira, mesa, porque a gente não tem na biblioteca esse material, esse apoio”*.

Essa informação merece ser observada, pois a comunicação e a interação dentro de uma instituição, ainda mais quando esta dispõe de vários setores, é importante para o bom desenvolvimento dos serviços que ela oferece. Como explica Curvello (2012, p. 22), essa comunicação é significativa porque objetiva “[...] ouvir, informar, mobilizar, educar e manter coesão interna em torno de valores que precisam ser reconhecidos e compartilhados por todos e que podem contribuir para a construção de boa imagem pública”. Ou seja, a comunicação propicia partilhar informações e trocar ideias e opiniões que podem ser importantes para influenciar o comportamento das pessoas, integrar os setores e o conseqüente crescimento de cada um, especialmente em um órgão público.

Ademais, essa ausência de interação pode causar a falta de envio de recursos para fazer ações, contratação de pessoal, desmotivação por parte dos servidores (querem fazer e não tem como) - às vezes se quer tanto que o bibliotecário tenha uma visão mais humanista e social, mas, simultaneamente, as estruturas em que ele atua o acabam forçando a ser mais tecnicista – entre outras coisas.

**Quanto às atividades que promovem, os entrevistados do setor consideram importantes (Questão 3f)** e acreditam que deve haver mais delas. O entrevistado A diz: *“Eu acho de **suma importância**, a gente tinha que fazer mais esse tipo de encontro [...] fazer mais esse tipo de evento, fazer mais aberto, tentar alcançar mais a população”*. O entrevistado B comenta: *“[...] considero de **extrema importância**, porque nós estamos oferecendo serviços que são gratuitos, que fazem o contato com a cultura, seja ela a literatura, a arte [...] e o serviço do Sistema também nas bibliotecas públicas municipais, ainda há o apoio para bibliotecas que não tem bibliotecário e tem essa necessidade né, de uma assessoria, de uma orientação [...]”*.

Mediante as atividades culturais descritas acima e na seção 6.3.1, bem como expressa importância delas nas palavras dos entrevistados A e B, é possível perceber o que discorrem Rasteli e Caldas (2019) acerca da cultura e da biblioteca, de modo a

refletir a respeito de suas dimensões e engrandecerem o poder e o papel que elas têm como equipamentos culturais e de informação a fim de transformarem suas comunidades. Dessa maneira, depreende-se que as 12 atividades oferecidas pela biblioteca, bem como pelo Sistema de Bibliotecas Públicas, são ferramentas que auxiliam na divulgação da biblioteca, ao mesmo tempo em que proporcionam o encontro dos sujeitos com a cultura.

Nessa acepção, as descrições dos entrevistados também convergem com o que afirmam Rasteli e Caldas (2019, p. 10) ao versarem que as ações orientadas pelos mediadores culturais em equipamentos culturais (biblioteca, museu, centro cultural etc.) devem “[...] priorizar as bibliotecas como espaços de construção permanente da cultura, cujo potencial está em influenciar, modificar e transformar o modo de vida das pessoas em direção à qualidade de vida e ao desenvolvimento sociocultural”.

### 6.3.2 Museu de Arte de Santa Catarina

O MASC é aberto à comunidade, com entrada gratuita, assim como o setor em que o entrevistado C atua, Núcleo de Pesquisa e Documentação – funciona em uma sala anexo ao Museu. As **atividades desenvolvidas pelo MASC (Questão 3a)** são apenas exposições de arte, como pintura e escultura. Geralmente, a **periodicidade das exposições (Questão 3b)** gira em torno de três meses, já as que são do próprio Museu costumam ficar expostas durante um ano, contudo são contínuas.

O **MASC recebe diversos públicos (Questão 3c)**, desde crianças até idosos, inclusive escolas, e **muitos visitantes (Questão 3d)**, “[...] a última exposição que teve deu um público bem alto assim, mais de 5 mil visitantes, entendeu, num período de 3 meses [...]”, afirma o entrevistado C, entretanto o setor de pesquisa não, pois é voltado para a preservação da memória do Museu e atende pesquisadores com agendamento prévio.

A Figura 17 exhibe parte da entrada do MASC:

**Figura 17** – Parte da entrada do MASC



**Fonte:** Fotografia tirada pela autora (2022).

As atividades que o profissional desenvolve no Núcleo de Pesquisa e Documentação são relacionadas à memória do Museu, ou seja, à documentação das exposições e dos seus respectivos artistas. De acordo com o site da FCC<sup>41</sup>, o Núcleo tem um acervo aproximado de 8 mil exemplares, com livros, catálogos, periódicos, monografias, cartazes e um importante e raro arquivo de documentos e fotografias que registram a trajetória dos artistas catarinenses, nacionais e internacionais com obras no acervo do MASC, a história do Museu e memória das artes visuais do Estado. Tem por objetivo servir de fonte de pesquisa para as publicações do Museu, pelos seus técnicos, estudantes, professores e pesquisadores da área.

A Figura 18 mostra o Núcleo:

---

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/masc/indicador-catarinense-das-artes-plasticas>. Acesso em: 23 dez. 2022.

**Figura 18** – Núcleo de Pesquisa e Documentação do MASC



**Fonte:** Fotografia tirada pela autora (2022).

Tudo o que acontece no MASC passa pelo bibliotecário C de maneira documentada. O entrevistado C diz: “[...] eu fotografo toda a exposição, porque eu faço um dossiê [...] eu sou obrigada a saber o que que tem ali”. E continua: “tudo que sai em mídia, tudo que sai em jornal, a gente faz a pasta da memória. Todo ano abre uma pasta e tudo que acontece no museu e tudo que sai na mídia está dentro dessa pasta. E, também, a gente faz a pasta dos artistas que tem obra [...] no acervo; então tudo que sai na mídia sobre esse artista a gente coloca, ou ele pode vir trazer também porque, por exemplo, às vezes eu não tenho o acesso [...] às exposições que ele está expondo, aí eles trazem também esse material para gente estar colocando na memória deles”. É interessante ressaltar que algumas exposições/dossiês acabam sendo registradas e publicadas em formato de catálogos, quando a FCC possui verba disponível.

As questões relacionadas à organização de uma exposição e tudo o que ela

envolve - agenda de visitação, as visitas guiadas, assim como **a mediação** - são de responsabilidade da administração do Museu. O entrevistado C afirma: *“o museu tem o setor de pesquisa e documentação, tem o setor de acervo [...] que é responsável pelas obras de arte do museu, tem o setor administrativo e o **setor do NAE [Núcleo de Ação Educativa], que são eles que fazem a mediação com o público**”*. Sendo assim, não foi possível questionar o bibliotecário C a respeito das ações culturais envolvendo a mediação cultural, a ColInfo e a CCI, pois ele não promove e nem está inserido em nenhuma atividade cultural em si.

Assim como a Biblioteca de Arte e Cultura, o MASC não possui um sistema próprio para arquivamento e para gerenciamento dos seus documentos, tudo é feito em planilha de Excel, e ele também **não possui uma interação com outros setores (Questão 3e)**, exceto quando é preciso dos serviços de outrem ou o próprio uso do espaço, por exemplo, para uma filmagem.

Quando indagado **referente à importância das atividades que desenvolve no MASC (Questão 3f)**, o entrevistado C acredita ser de grande importância a sua função e explica: *“É que não vem só pesquisador de Florianópolis, às vezes vem gente de São Paulo, de Brasília, que às vezes mandam um e-mail querendo uma pesquisa, saber sobre alguma coisa e a gente envia, e às vezes até de fora. Uma vez tinha uma artista [...] ela estava em Buenos Aires [...] ela precisava e a gente enviou para ela. Eu acho que é de **grande importância**, não só o que eu acho, mas o pessoal que pesquisa aqui também fala”*.

Assim sendo, observa-se que as falas apresentadas, tanto pelos bibliotecários que atuam na Biblioteca quanto pelo bibliotecário que trabalha no Museu, evidenciam que o trabalho que esses profissionais desenvolvem é importante para o Centro Cultural em questão, tanto para salvaguardar a sua memória, bem como para divulgar a arte e propiciar o encontro dos sujeitos com a cultura. Apesar disso, os participantes apontaram que há dificuldades em trabalhar em conjunto com outros setores e promover ações em parceria, fato que se ocorresse, traria muitos benefícios para o CIC como um todo.

Nesse sentido, é importante que o Centro Cultural, tanto no todo como em cada espaço que possui, seja Biblioteca, Museu ou outro, desenvolva laços entre si com vistas a um melhor desenvolvimento comunicacional e, conseqüentemente, cultural. A sinergia de todos os setores que fará a diferença na promoção da cultura, na ampliação do conhecimento e no alcance do público.

#### 6.4 DADOS ACERCA DA MEDIAÇÃO CULTURAL, DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E DA COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO

O entendimento a respeito da cultura é primordial para instituir os conceitos de mundo, facilitar a compreensão dos aspectos culturais de determinada comunidade e, concomitantemente, contribuir para o conhecimento da importância que ela significa para o mundo. Como afirmam Rasteli e Caldas (2019), a ampla percepção do papel da cultura é “[...] fator de desenvolvimento econômico, direito do cidadão, instrumentos de inclusão social e ação integradora com potencial transformador”.

A cultura, materializada na arte, pode ser propulsora do desenvolvimento humano quando mediada, pois a mediação cultural é capaz de fazer interlocução entre os indivíduos e as obras de arte, com vistas a incitá-los ao conhecimento, estimular a participação cidadã e auxiliar no desenvolvimento do senso de comunidade. Nesse sentido, para Teixeira Coelho (1997), as pessoas podem participar do universo cultural e se aproximarem umas das outras mediante a invenção de objetivos em comum.

Foi com essa perspectiva em mente que os entrevistados foram questionados quanto à **relação das atividades oferecidas e à cultura do público a que elas se destinam (Questão 4a)**. Os dados coletados mostram que há intenção de relação entre as atividades ofertadas pela Biblioteca e pelo SBPSC e a cultura do público a que se destinam, entretanto isso não tem sido alcançado. O entrevistado A afirma: *“quando a gente planeja, pensa alguma coisa nesse público total, mas a gente não está conseguindo acessar esse público, acho que é uma falha da gente não conseguir acessar, a intenção é realmente atingir esse público. De repente, com uma interação maior com todos os setores aqui, se todos abraçassem a mesma causa, de repente, mudaria, mas como eu te falei, cada um fica trabalhando nos seus espaços e não tem uma agenda compartilhada, não tem um movimento para dizer: ‘agora não, vai ser essa diretriz, agora vamos pensar um jeito coletivamente para a gente pensar nessas atividades’”*.

Quando questionado se os setores do CIC, de modo geral, pensam na comunidade carente ao proverem as ações (Questão 4a), o entrevistado A responde: *“eu sinto que não, eu acho que se todos pensassem assim mais gente tentaria [...] fazer algo para realmente atingir a todos”*. Novamente é possível observar a falta de integração com a comunidade e nesse sentido cabe evidenciar Flusser (1980, p. 132) quando diz que por meio de uma política de democratização

cultural é que se conseguirá atingir todos os públicos.

[...] graças a uma política de democratização cultural, conseguir-se transformar o público potencial em público efetivo, o não público não será transformado. Este continuará a ser marginalizado e esquecido. Para que uma biblioteca possa vir a ser uma biblioteca-ação cultural é necessário que ela se volte para o não público<sup>42</sup>.

Já o entrevistado B acredita que algumas atividades possuem essa relação com a cultura local ou com o público: “[...] *na Escrita Criativa eu trago, sim, autores catarinenses que eu gosto e que eu confio na qualidade; então eu trouxe **poesia de autores catarinenses**, eu trouxe conto de uma autora catarinense que participou também da Oficina Literária Boca de Leão [...]. Eu trouxe também para esse ano uma **fala de um cinegrafista catarinense** que ele estava com projeto muito legal sobre a cultura açoriana em Santa Catarina [...]. Então é nesse sentido sabe, de às vezes **fazer uma palestra, trazer um escritor local e a gente socializar aquilo que a gente conhece, mas foi só nesse sentido**”.*

Pelas falas dos bibliotecários, observa-se que existe a intenção de alcançar a toda a comunidade com as atividades culturais, inclusive a carente economicamente, e que a mediação cultural é feita, porém, a princípio, de modo inconsciente e ainda incipiente. Pela fala do entrevistado B, a cultura catarinense é divulgada e colocada a sua produção artística em proximidade com o público para seu conhecimento e apropriação; e essa mediação cultural e a interação da obra com o público dá maior significado e sentido à realidade, conforme asseguram Rasteli e Caldas (2019).

No que tange à **oferta de atividades para o desenvolvimento da ColInfo (Questão 4b)**, o entrevistado A diz não pensar: “*não, não tenho pensado nessa linha da competência em informação*”. Já o entrevistado B acredita que as atividades da Oficina Escrita Criativa, da palestra O Pequeno Príncipe e da Biblioterapia **trabalham a ColInfo e a CCI (Questões 4b e 4c)**: “[...] *as três, **elas têm esse cunho de competência***”. O entrevistado comenta as duas primeiras: “*a Escrita Criativa, porque a gente faz leitura de textos e a gente faz reflexões para depois pensar como trazer essas questões sociais para o texto deles [dos participantes] [...]. A palestra O Pequeno Príncipe [...] a gente reflete muito sobre a sociedade e a história né, conta*

---

<sup>42</sup> O não público é definido por Francis Jeanson como “a grande maioria da população: todos aqueles a quem a sociedade quase não fornece (ou recusa) os meios para optar livre-mente” (JEANSON, 1973, p. 30 apud FLUSSER, 1980, p. 132).

a história que **nós somos manipulados** e eles fizeram muita atrelagem com a questão política, que foi no período de eleição também que eles vieram né, então eles: ‘ah, olha, agora está havendo isso aí com o governo’, então eles faziam essa associação”.

Depois o entrevistado B acrescenta que a Colnfo também esteve presente na Biblioteca Humana: “[...] ela também **esteve presente ali na Biblioteca Humana** né, porque **as pessoas puderam, sim, ter informações que não eram só do texto, era da oralidade**, e ali, também, de alguma forma, **responder à sua necessidade de informação**. Teve gente que veio só para ouvir a taróloga para entender como funciona a leitura do tarô, essa era a necessidade daquela pessoa e ela veio ouvir, oral, mas ela saiu daqui satisfeita. Teve gente que veio para entender como é a vida de uma pessoa que teve movimentos, que contou histórias, que dançou, participou de vários eventos e, de repente, está ali paralisada, numa cadeira de rodas, que hoje só consegue ficar em pé por alguns instantes né, é uma informação para você ou para alguém da tua família para entender aquele alguém da tua família, então eu vejo essa possibilidade [...] então havia necessidade de ouvir, que era uma **necessidade de informação**”.

Nesse sentido, percebe-se que essa afirmação coaduna com as perspectivas de Flusser (1980, p. 133) quando esse autor argumenta que “a biblioteca verdadeiramente pública é a transformação estrutural da biblioteca tal como existente hoje, em uma que participe do processo de dar a palavra [...]”, e de Freire (1981, p. 69, grifo do autor): “[...] **dizer a palavra**: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, num sentido verdadeiro é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar”. Portanto, é possível perceber que o entrevistado B tem uma tendência em trabalhar essas demandas e percepções, o que é enriquecedor para a comunidade e para os próprios sujeitos participantes da ação.

Em vista disso, infere-se que a CCI está presente na atividade “Biblioteca Humana” também, pois a ação praticada pelos “livros abertos” demonstra que eles buscam o empoderamento e a emancipação social. Nessa perspectiva, Doyle e Brisola (2022, p. 85) corroboram com a ideia: “a CCI está sempre e impreterivelmente associada com a transformação da realidade, com a emancipação e com a justiça social”. As autoras complementam que a CCI “[...] busca provocar questionamentos, necessidades e encontrar soluções a partir da problematização crítica da informação

e da vida, evidenciando as disputas, opressões e discriminações, atenta às lutas de classe e à promoção da transformação social”.

Ao discorrer sobre a Escrita Criativa, o entrevistado B diz: *“a escrita eu falo: ‘gente, nós não vamos contar uma história sem ter um sentido social’. Então eu preciso trazer alguns textos que despertem [...], por isso que eu uso o texto da Marina Hadlich que é escritora catarinense, porque ela faz um olhar que até traz um pouco da cultura local né, que são as mulheres da Lagoa da Conceição, um local de praia né, então ela traz uma reflexão sobre uma pessoa que está sentada olhando o que está acontecendo, e essa pessoa está olhando a pessoa do carro, a pessoa do carro está olhando a pessoa da bicicleta, a pessoa da bicicleta está olhando quem está no mar, a pessoa que está no mar está olhando essa pessoa sentada, então assim todo mundo está olhando a vida do outro, não tá olhando a sua própria, então às vezes a gente cuida tanto da vida dos outros e não cuida da nossa vida, aí a discussão de [...] ‘a grama do vizinho é sempre mais verde’. Então é nesse sentido que eu levo esse texto para o grupo de escrita para que eles percebam que não é contar uma história que não tem cabimento, não tem um sentido de ser contado, mas que tenha um **cunho social e acaba sendo uma discussão cultural também**”.*

É perceptível nessa fala a presença da mediação cultural e da CCI. Essas ações de mediação propiciam fortalecer a cultura catarinense ao trazerem autores e textos que são da cultura local. Como afirmam Rasteli e Caldas (2019, p. 9), “o conceito de mediação cultural aponta para as interações sociais e apropriações simbólicas, caracterizando-se como um processo de intersubjetividades, permitindo aos sujeitos interpretar sentidos e gerar novas significações”.

A CCI pode ser vista nessa ação, porque a Escrita Criativa busca ler, refletir e agir (no sentido da escrita) acerca de questões sociais. O pensamento reflexivo concernente a assuntos sociais e a posterior elaboração de um texto, demonstra o que ele contribui para a construção de conhecimento e transformação do sujeito – reflexão, crítica e ação - características essas que fazem parte da CCI, conforme Doyle (2018). Isso também converge com o que Ramírez Roncancio (2012, p. 21) arrazoar no tocante ao pensamento reflexivo: “[...] constitui-se em um meio que favorece a contínua revisão dos nossos posicionamentos e gera uma atitude crítica na proposição e reconstrução de alternativas para a resolução das diferenças de opinião”.

Ao descrever acerca da Palestra O Pequeno Príncipe, o entrevistado B detalha:

*“[...] porque eu trago um olhar diferente para O Pequeno Príncipe, porque a gente conversa sobre cada personagem e a gente visualiza ali muito da Segunda Guerra Mundial que as pessoas em primeira leitura não vão encontrar, **então eu mostro para eles a possibilidade de olhar diferente do texto** e de você voltar para aquele texto com esse novo olhar, observando traços da 2ª Guerra Mundial, do nazismo ali inserido. Por exemplo, a obra O Pequeno Príncipe ela abre, não pelo texto escrito, mas pelo texto pictórico, que é aquela ilustração do rato sendo engolido pela jiboia, ali o Antoine de Saint-Exupéry ele queria dizer que as pessoas que foram levadas para os campos concentração, que eram perseguidas pelo nazista, eram aquele animal que estava sendo sufocado, apertado, até ser engolido pela morte, pelo nazista, que era a representação da serpente, da cobra engolindo aquele animal; e quando a gente tem ali O Pequeno Príncipe no deserto, a falta de água, a sede, ele indo no poço, ali a gente tem uma representação da formação cristã do Antoine, porque ele traz: ‘dá-me de beber que tenho sede’, ele fala isso perto do poço e está na Bíblia. Então [...] os adolescentes [...] conseguiram ver essa **questão que estava nas entrelinhas e eles começaram a levantar questões que eu não via**”.*

Ao contextualizar a 2ª Guerra Mundial e suas consequências, ao observar e trabalhar questões referentes às ilustrações e às determinadas falas de Antoine de Saint-Exupéry, é possível visualizar a ocorrência da mediação cultural estabelecida como fenômeno comunicacional e multidisciplinar, ao mesmo tempo em que promoveu a interação, apropriação e criação de significado pelos participantes. É nessa perspectiva que Rasteli e Caldas (2019, p. 9) afirmam que “o encontro entre bibliotecário e usuário torna a mediação cultural uma ação de compartilhamento simbólico, cuja proposta está em participar, interagir e construir significados, redundando na apropriação cultural”.

Essa palestra também possibilitou trabalhar a reflexão, o senso crítico, pois ela traz várias questões críticas presentes na sociedade, como as guerras, a submissão ao poder, a pobreza etc. Além disso, a frase “eles começaram a levantar questões que eu não via” dita pelo bibliotecário, evidencia que a argumentação também pode ser instigadora do pensamento reflexivo. Portanto, percebe-se que na fala apresentada existe, nas entrelinhas, a questão da CCI, ainda que os sujeitos não o façam com essa intencionalidade.

Destaca-se que essa atitude do bibliotecário B, de provocar um olhar diferente para o texto, é um começo para ocasionar a reflexão, a qual possibilita um

aprofundamento das questões percebidas. Isso se harmoniza com o que Bezerra, Schneider e Brisola (2017, p. 9) julgam acerca de “provocar a reflexão instigando a curiosidade e despertando o interesse através de possíveis soluções para questões é um caminho para o exercício do pensamento reflexivo”. De igual modo, Ramírez Roncancio (2012, p. 21) expõe que “[...] dentro da dimensão argumentativa, o pensamento reflexivo se converte num processo metacognitivo que contribui para a transformação e construção de conhecimento no sujeito”.

Ao comentar referente à atividade da Biblioterapia, o entrevistado B afirma: *“aí na biblioterapia [...] eu levei [o texto] ‘Para falar de amor’, então a gente viu as várias formas de amor, até o amor que sufoca, continua sendo amor? Então eu levo os textos para que eles falem, eu só faço a mediação, quando eu vejo que a coisa está esfriando eu faço uma pergunta, que é uma disparadora né, [...] geralmente eu levo uma poesia e uma crônica, uma poesia e um conto. E eu trabalhei também a raiva. Foram dois temas que eu consegui trabalhar e eles perceberam, nesses dois momentos, como estavam presente na vida deles. Observar o amor por esses outros prismas, o amor diferente, que não é o amor só carnal, o amor de homem e mulher, [...] o de homem com homem, mulher com mulher, a possibilidade do diferente está presente também, porque é amor, independente de eu aceitar ou não. A gente viu o amor materno, e teve o amor incondicional também, a pessoa se doar até o último momento [...]”*.

Pelas palavras do entrevistado, é possível perceber que toda ação medeia algo, direta ou indiretamente. Aqui é possível observar a mediação explícita, em que o entrevistado interfere para que haja interlocução entre os participantes da ação, ou seja, o bibliotecário tem contato direto com as pessoas na promoção da mediação, como afirma Almeida Júnior (2015). Pode-se inferir que essa atividade de leitura com fins terapêuticos instiga o público a participar e a internalizar o tema que está sendo trabalhado, tornando possível o enfrentamento de seus sentimentos e problemas. Esse tipo de ação faz com que o bibliotecário desenvolva mais de perto o lado humanista da profissão, estando mais próximo do público ao promover uma ação que se preocupa com o bem-estar do sujeito, outorgando maior relevância ao ser humano e seus sentimentos e capacidades.

Ao citar o uso do livro *A Bolsa Amarela*, de autoria de Lygia Bojunga Nunes, na Biblioterapia, o entrevistado B comenta: *“quando eu trabalho A Bolsa Amarela [...] eles perceberam, os participantes da roda de biblioterapia, que o amarelo é a cor do*

*Setembro Amarelo, que se você não cuida de como está o teu interior, você pode ir para esse caminho, que é o do suicídio, porque a personagem Raquel ela é muito sufocada pela família mesmo sendo uma adolescente. Ela é a última filha de uma família, [...] ela guarda três grandes desejos, que quando esses desejos crescem quase estouram a bolsa dela, que é de ser homem, porque homem pode tudo, ser adulto, porque o adulto pode tudo a qualquer hora, e ser escritora. Então eles foram analisando ali esses desejos e dizendo: ‘eu vivi isso’; então **eles começam a ser críticos quando eles trazem a literatura para sua vivência e observar**”.*

E adiciona: *“quando eu comecei a falar que ali tinha a interpretação de uma mulher sendo acamada, de uma mulher esperando os restos [...] eles começaram a trazer muito da vivência deles e eles **começaram a criticar a questão da mulher não empoderada, eles criticaram a estrutura paternalista e do homem sendo provedor da casa, porque mostra muito ali a questão da família também, a questão social da família ficar com o resto da tia rica. E na biblioterapia [...] eu li uma poesia e eles mesmos começaram a falar: ‘poxa né’, às vezes a gente ouve uma poesia e a gente começa a pensar o que eu faria, como eu faria, então a competência em informação, por exemplo, está primeiro nesse sentido, que eu vejo, de a pessoa perceber o mundo que ela está habitando e o papel dela nessa sociedade, que foi que eles acabaram percebendo né, e assim ‘poxa, eu preciso me informar mais sobre isso’, aí onde vem a necessidade, a busca né.***

Aqui novamente, é possível perceber a presença da mediação cultural, da ColInfo e, ao mesmo tempo, do senso crítico na atividade de Biblioterapia, dado que a leitura e a mediação incitam os participantes a visualizarem, pensarem e refletirem a respeito de questões sociais do dia a dia como, por exemplo, o empoderamento da mulher, inclusive na necessidade de se informar mais acerca da questão, desenvolvendo a ColInfo. Conforme discorrem Bezerra, Schneider e Brisola (2017, p. 10), esse pensamento reflexivo é fundamental para que indivíduos tenham “[...] orientações para realizar o “ato de pesquisa”, tanto na busca das fontes quanto na avaliação e no uso das informações pesquisadas, o que faz deste tipo de pensamento uma ferramenta indispensável para a competência em informação”. Portanto, é relevante que mais ações com essas sejam desenvolvidas no universo pesquisado.

É possível observar também nessa atividade a questão pontuada por Tewell (2015, tradução nossa), quando o autor expõe que os bibliotecários podem incentivar os alunos a se envolverem com e agirem sobre as estruturas de poder que sustentam

a produção e disseminação da informação, com uma reflexão crítica acerca da sua natureza, do seu contexto social e o impacto que terá na sociedade, seja de forma cultural, política ou econômica.

No que se refere à Palestra O Pequeno Príncipe, o entrevistado B complementa que ele não discute somente a história da humanidade “*mas a questão de ela poder ser repetida, e a gente reflete sobre, aí é proposital né, [...] sobre o real sentido da vida. O príncipe está em busca desse sentido da vida: como? por que que eu estou neste planeta? e ele sai em busca, então ele encontra o planeta da autoridade, que é o do rei, e ele começa a questionar a autoridade; aí o do vício, o do trabalho, o da vaidade... aí eu faço uma associação com os likes e dislikes, porque o vaidoso ele sempre tirava o chapéu quando aplaudiam ele, e a gente fica superfeliz quando ganha like lá no Instagram. Então nesse sentido eu faço sem a fala, **buscando que eles percebam e eles já dialoguem comigo... é uma palestra, mas ela é interativa [...]**”.*

E continua: *E muitos participantes, os adolescentes eram mais passivos, mas alguns deles se destacavam nesse sentido: ‘ah, professor, eu gostei tanto que eu queria comprar esse livro para ler’, outros né acabaram, depois de um sarau nas escolas [...] falando [...] que a partir da leitura do O Pequeno Príncipe eles viram que aquele personagem bêbado, que bebia para esquecer, ele bebia para esquecer que tinha vergonha porque ele bebia, e que ali ele estava enrolado num planeta que era o vício dele, então ele vivia no planeta vício. Então eles começaram a fazer essas ligações com o dia a dia, com a vivência, com a sociedade, com a realidade né. O acendedor de lampião, que acendia e apaga porque alguém mandou, mas ele morava no planeta sozinho, então quem que mandava nele? era a regra que estava dentro da cabeça, que habitava nele [...]*”.

A partir do exposto pelo entrevistado B, infere-se que a mediação cultural aconteceu e que a descrição dessa atividade se liga a todas as etapas da mediação cultural – antes, durante e depois - especialmente às etapas “durante” e “depois”, conforme explicitadas por Wendell (2013).

Percebeu-se que houve um *encontro* dos estudantes com a obra O Pequeno Príncipe, ocorreu uma *apropriação* dela às suas histórias, bem como uma *reflexão* acerca dela e do que ela lhes trouxe ou apresentou (etapa durante). Concomitantemente, percebeu-se uma *reverberação* da obra na vida dos estudantes por meio da apresentação “de um sarau nas escolas”, uma *internalização* mediante as sensações e reflexões a partir dela, do mesmo modo que o *reconhecimento* dela,

questões essas que culminaram no sarau (etapa depois). Depreende-se que houve, também, a etapa “antes” referente aos itens *mobilização* e *sensibilização*, pois os entrevistados afirmaram anteriormente que todas as atividades culturais são divulgadas, e a obra sensibiliza pela sua própria força. Unicamente, não foi possível identificar pela fala do bibliotecário o item *preparação*.

A palestra mencionada também promoveu uma reflexão crítica ao trabalhar elementos que ideologia capitalista dominante repassa acerca do trabalho, por exemplo. É como Almeida Júnior (1997, p. 98) exemplifica ao citar a antiga frase que diz que “o trabalho enobrece”, ao que o autor discute: “Quem ainda aceita essa frase? Ela está completamente errada; o trabalho não enobrece, o trabalho cansa. [...] a quem interessa a veiculação de que o trabalho enobrece? Àqueles que são os donos dos meios de produção, os patrões [...]”.

Ao mesmo tempo, essa palestra interativa ao promover o diálogo, viabilizou a discussão e a reflexão, o que se harmoniza com o que preconizam Vicentini e Verástegui (2015) quando discorrem que o diálogo e a problematização são essenciais para o exercício da emancipação e da transformação social, abrindo caminhos e possibilidades para o indivíduo conhecer e exercer a sua liberdade.

Dentro das ações mencionadas pelos entrevistados foi possível perceber como a CCI, que de acordo com Bezerra e Schneider (2022) é uma ação libertadora presente em práticas informacionais mediada por uma consciência crítica, está também atrelada às finalidades das atividades promovidas, pois como afirma o entrevistado B essas três atividades culturais supracitadas têm a intenção da reflexão e da crítica: “[...] **não só social, mas a crítica pessoal**. ‘Como eu estou lidando com aquilo?’ E que a literatura também é uma informação. Ela carrega muito da informação, que tem um pouco da verossimilhança da nossa realidade, às vezes não é a minha realidade, mas pode ser a tua, e a metáfora, trabalhando **para que a gente reflita nas questões sociais, então é proposital, é bem proposital**”. É nesse sentido que Bezerra, Schneider e Brisola (2017, p. 14) comentam que a “[...] quando pensamos em competência crítica em informação pensamos em uma sociedade mais independente, mais participativa, que não seja objeto de outras sociedades nem de uma ínfima parte de si mesma”.

Observa-se que a Biblioteca e o SBPSC procuram promover atividades com foco no desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico, constituindo-se como biblioteca-ação cultural, e Flusser (1980) afirma que uma biblioteca-ação cultural deve

promover atividades que propiciem acesso crítico à informação. O entrevistado A destaca a Oficina Leitores & Escritores: interações como tendo esse foco a partir da leitura de textos: “[...] *que surge o pensamento crítico, essa foi a mais importante assim que eu acho que a gente realizou, fiquei muito feliz em fazer e estar com a psicanalista [...]*”, e continua: “[...] *os escritores vão chamar os leitores para gente ler, discutir e conversar, formar também leitores para identificar os textos, ler um texto crítico, ver o que está escrito [...]*”.

Infere-se pela fala do bibliotecário A que uma das formas de desenvolver o pensamento crítico é a partir da leitura e discussão a respeito de determinado assunto. Entende-se que esse “clube da leitura” foi uma das formas de buscar a emancipação e protagonismo dos sujeitos, dado que a leitura e o diálogo existentes possibilitaram uma reflexão ativa acerca de si, dos outros e com os outros, pois é dizendo a palavra que os homens transformam o mundo, de acordo com Freire (2013). Nesse sentido, Freire (2013, p. 87) reflete que o diálogo, a conversa, a discussão são momentos importantes do desenvolvimento da consciência humana, pois são ocasiões em que os sujeitos se reúnem para refletir acerca da realidade. Para esse educador, “[...] o diálogo é uma exigência existencial [...] ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias [...]”. Igualmente, Vicentini e Verástegui (2015) afirmam que o diálogo estimula uma reflexão ativa com relação a outros indivíduos, então ele é fundamentalmente social e exige um pensamento crítico.

Todos esses relatos harmonizam também com o que preconizam Rasteli e Caldas (2019, p. 10) quando afirmam que “o bibliotecário é, portanto, um mediador social que realiza uma ação substantiva e transformadora e não uma ação meramente instrumental e neutra”, dado que o bibliotecário B medeia essas quatro atividades (Oficina Escrita Criativa, Palestra O Pequeno Príncipe, Biblioterapia e Biblioteca Humana), com seus respectivos públicos, de modo a fazê-los pensar em questões sociais e trazê-las para o seu próprio texto ou para a partilha em grupo, o que constitui um processo ativo e relacionado com a realidade dos participantes. Isso também coaduna com o pensamento de Bortolin e Almeida Júnior (2008), quando afirmam que o mediador tem a possibilidade de interferir no cotidiano do sujeito, estimulando a sua vontade e a sua necessidade de busca de informação, para que ao construir o seu conhecimento, construa também a sua vida.

Verificou-se também pelas descrições dos bibliotecários A e B que eles desempenharam algumas das atribuições citadas por Wendell (2013), sendo elas: em todas as atividades o público-alvo foi mobilizado mediante contato direto, redes sociais e canais oficiais de comunicação; os bibliotecários desenvolveram atividades artístico-pedagógicas com os mais variados tipos de públicos e nos mais diferentes espaços; além de prepararem e integrarem a equipe do projeto (artística, técnica, comunicação etc.) para que todos compreendessem e atuassem conjuntamente.

Observa-se que cinco atividades culturais, dentre as 12 citadas, foram planejadas e oferecidas à comunidade pelos bibliotecários com foco no desenvolvimento reflexivo e crítico dos sujeitos, sendo elas: Oficina Escrita Criativa, Palestra O Pequeno Príncipe, Biblioterapia, Biblioteca Humana e a Oficina Leitores & Escritores: interações. Dessas cinco atividades, quatro são consideradas como tendo em vista a Colnfo e fazem uso da mediação cultural: Oficina Escrita Criativa, Palestra O Pequeno Príncipe, Biblioterapia e Biblioteca Humana.

Em síntese, tem-se o Quadro 5 para melhor visualização dessas atividades, conforme Questões 4a - 4c do Formulário de Entrevista (APÊNDICE B).

**Quadro 5 – Foco das atividades culturais**

MEDIÇÃO CULTURAL	COINFO	CCI
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oficina Escrita Criativa;</li> <li>- Palestra O Pequeno Príncipe;</li> <li>- Biblioterapia;</li> <li>- Biblioteca Humana.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oficina Escrita Criativa;</li> <li>- Palestra O Pequeno Príncipe;</li> <li>- Biblioterapia;</li> <li>- Biblioteca Humana.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oficina Leitores &amp; Escritores: interações;</li> <li>- Oficina Escrita Criativa;</li> <li>- Palestra O Pequeno Príncipe;</li> <li>- Biblioterapia;</li> <li>- Biblioteca Humana.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Pelos resultados apresentados é perceptível que existe a tendência para trabalhar questões referentes à mediação cultural e à CCI em algumas das atividades propostas, todavia, percebe-se que essa tendência não é de todo modo consciente. Pelos relatos colhidos nas entrevistas não foi possível identificar a presença das estratégias de mediação cultural em nenhuma atividade, e nem a utilização de todas as etapas da mediação cultural, ambas propostas por Wendell (2013), as quais muito têm a contribuir para o desenvolvimento da ação e mediação culturais.

Dessa forma, sugere-se que os bibliotecários possam buscar mais

conhecimento no tocante às questões da mediação cultural, suas etapas e estratégias e pensar em ações mais direcionadas à mediação cultural e à CCI, com a finalidade de atingirem um maior número de pessoas e contribuírem para um melhor entendimento da ação pelos sujeitos, pois como argumentam Rasteli e Caldas (2019, p. 2), “as bibliotecas podem ser participantes no processo de transformação de suas comunidades, onde a leitura, a escrita e demais atividades culturais despontariam as consciências críticas perante as estruturas de dominação”.

Ressalta-se que para que isso ocorra, os próprios bibliotecários também têm que desenvolver o pensamento crítico e as formas de mediação que promoverão o desenvolvimento da CCI, mas isso não é algo fácil, visto que ainda há fragilidade na formação do profissional quando muitos cursos ainda estão enraizados nas vertentes tecnicistas e abordam pouco, ou não tanto como deveriam, preceitos da mediação cultural e da CCI.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face das reflexões apresentadas baseadas na construção do referencial teórico, é possível realizar considerações acerca do tema de pesquisa, a qual, de maneira geral, propôs-se a averiguar os centros culturais como locais de mediação cultural, com promoção de ações culturais, que visem ao desenvolvimento da competência crítica em informação nos sujeitos participantes.

No que se refere à competência crítica em informação (CCI) e à sua associação com a competência em informação (ColInfo), foi possível entender essa relação de maneira complementar, uma vez que a CCI veio acrescentar à ColInfo, pois a CCI não é somente uma crítica às normas e aos padrões da ColInfo, muitas vezes instrumentalizadores e “mecânicos”, mas tem seu foco no que diz respeito às questões de pensamento reflexivo e crítico acerca da informação dentro do regime de informação em que os indivíduos vivem, o que não se apresenta expressivo na ColInfo.

Além disso, é possível afirmar que a CCI se compromete a participar da luta contra as estruturas de poder que controlam a produção e a disseminação dominante da informação, as quais podem impedir o empoderamento e a emancipação social dos indivíduos - duas ações importantes para a promoção da justiça social. Essa finalidade da CCI é talvez a principal diferença em relação à ColInfo institucional, a qual é voltada para a obtenção de ganhos pessoais e de vantagens competitivas no mercado de trabalho; na ColInfo falta compromisso social, falta preocupação com a justiça social, com a coletividade; é muito pensada para a questão mercadológica, de vantagem competitiva.

Proferir quanto à CCI e à ColInfo aparenta, à primeira vista, ocasionar mais discussões do que concordâncias, entretanto ambas são inseparáveis para o ensino e para o entendimento precisos quanto ao conjunto de habilidades indispensáveis para a sobrevivência dos sujeitos em uma sociedade pautada no acesso e no uso da informação, ou seja, essas duas dimensões juntas propiciam um melhor desenvolvimento da competência em informação em sua totalidade.

Ao disseminarem a ColInfo e a CCI nas atividades que são desenvolvidas nos centros de cultura, os bibliotecários auxiliam os seus usuários a se tornarem cidadãos autônomos e ativos na busca, na reflexão e no uso da informação, questionando-a em relação a si e ao mundo que o cerca, dentro do seu contexto social, político e econômico, consciente de sua atuação.

Acredita-se que o estudo contribuiu sobretudo, para a análise no que concerne à práxis da CCI pelos bibliotecários a partir de ações culturais em centros de cultura e para mostrar a importância de tais instituições realizarem ações para desenvolver a CCI nos sujeitos.

A CCI, ao fazer uso da Teoria Crítica e da Pedagogia Crítica, vem para acrescentar à ColInfo, trazendo o elemento “criticidade” como unidade integrante da análise da informação, com vistas a um uso e disseminação da informação para a transformação social, a fim de poder contribuir para a emancipação do sujeito de sua servidão informacional. Por meio da CCI e da ColInfo, é possível o ser humano compreender melhor a realidade em que vive, apropriar-se dela e agir sobre ela para transformá-la - o que é possível a partir de uma melhor compreensão acerca da cultura em que o indivíduo está inserido.

É possível entender a cultura como um processo constante de construção social da realidade, no qual os indivíduos criam e recriam o próprio mundo e o do outro, em relações mediadas de diversas formas e por vários dispositivos, ou seja, é uma construção coletiva em que cada um influencia e é influenciado. Dessa maneira, o entendimento no que se refere à cultura é condição para compreender a CCI como promotora daquilo que o sujeito quer que a sociedade seja a partir de suas ações, uma vez que a cultura só existe por causa dele e para ele.

Evidencia-se que a pesquisa contribui, também, para as discussões das principais áreas abordadas nas seções teóricas - CCI, ColInfo, mediação cultural e centros culturais - e na ampliação das relações entre elas.

Dessa forma, é perceptível que os centros culturais sejam importantes ferramentas para disseminação da informação e da cultura, dado que elas coexistem e se retroalimentam como espaços para interação e inclusão social. Em paralelo, é possível compreender a importância da atuação bibliotecária em tais espaços para contribuir à mediação da informação e da cultura e ao desenvolvimento da CCI por meio de diversas atividades.

Com base nos dados obtidos e com o referencial teórico, foi possível perceber que a Biblioteca de Arte e Cultura do CIC tem a tendência em trabalhar e conduzir as atividades às questões da CCI e do pensamento crítico, concomitantemente em que é uma biblioteca-ação cultural, que se preocupa com a democratização da cultura e com o desenvolvimento da ColInfo e da CCI do seu público.

Em relação à interação e à comunicação entre os setores do CIC, ficou evidente

que elas não ocorrem, então, em vista disso, infere-se que o CIC precisa estimular os seus servidores a compartilharem informações e a desenvolverem parcerias entre si para que haja maior engajamento e oferta de atividades em parceria, a fim de que possa alcançar um público diferente e maior.

A pesquisa apontou também que o CIC não integra as comunidades locais mais desassistidas, como os moradores dos morros e os detentos da Penitenciária de Florianópolis que ficam ao lado do Centro, por exemplo. Isso mostra que faltam projetos de acolhimento e compartilhamento de saberes comunitários, ou seja, faltam políticas públicas para alcançar essas comunidades.

O estudo observou que a mediação cultural promovida pelos bibliotecários do CIC contribui para o desenvolvimento da CCI nos sujeitos que participam das ações. Constatou-se que o CIC, representado na pesquisa pela Biblioteca de Arte e Cultura, desenvolve ações que contribuem para a promoção da CCI também, uma vez que foram utilizadas, em algumas atividades, obras críticas, leituras que “desestruturam”, que mexem com os pensamentos dos sujeitos participantes. Dessa maneira, infere-se que os bibliotecários participantes da pesquisa não são neutros, mas possuem uma visão crítica do mundo a sua volta.

O estudo verificou que os elementos desenvolvidos nas ações culturais propiciam compreender aspectos relacionados às particularidades da CCI, dessa maneira todos os objetivos propostos na pesquisa foram alcançados, pois foi possível averiguar que a mediação cultural promovida pelos bibliotecários do CIC contribui para a CCI na comunidade em que ele se insere.

O estudo mostrou que os bibliotecários do CIC têm feito dele um instrumento para contribuir ao desenvolvimento da CCI do seu público ao oferecerem atividades culturais que proporcionam a reflexão e a ação por meio de oficinas de leitura, de escrita e de biblioterapia, bem como por projetos envolvendo experiências de vida, como o projeto Biblioteca Humana. Mediante essas atividades, foi possível trabalhar as relações de pensamento crítico nos sujeitos participantes ao ser oferecido a eles a oportunidade de lerem, escreverem, observarem, conhecerem, argumentarem e internalizarem experiências que, na maioria das vezes, não vivenciam no cotidiano ou que, talvez, simplesmente não param para refletir.

Por conseguinte, compreende-se que a pesquisa não esgota o tema versado, pelo contrário, instiga novas perspectivas e investigações, principalmente no que se alude à prática da competência crítica em informação, em especial em centros de

cultura. Almeja-se que a CCI seja perscrutada em outros ambientes culturais, a fim de que prossiga em discussões que promovam o enriquecimento e fortalecimento da temática, singularmente no que tange à sua práxis, pois esta é a verdadeira transformadora da realidade.

Diante disso, sugere-se que haja uma reflexão por parte da academia, especialmente no que diz respeito aos currículos ligados aos cursos de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia, referente à existência de disciplinas que embasem o desenvolvimento do futuro profissional que lida com a informação quanto à práxis do pensamento reflexivo e crítico e à mediação cultural, visto que a pesquisa mostrou um déficit de entendimento e engajamento desses assuntos na prática dos profissionais. Da mesma forma, propõe-se que novas pesquisas sejam feitas no que concerne à atuação do bibliotecário-mediador como agente cultural que estabelece relações com um público, local e acervo diferenciados, a fim de que suas práticas possam ser melhor desenvolvidas e mais assertivas.

Recomenda-se que mais estudos sejam feitos quanto aos centros culturais brasileiros, já que a literatura, e da mesma forma os autores, são poucos na área comparados ao universo gigantesco de centros de cultura que existem no país. Com igualdade, propõe-se que a mediação cultural seja perscrutada semelhantemente à mediação da informação e que sejam elaboradas, pela Ciência da Informação, estratégias que auxiliem o profissional a utilizá-la em suas ações culturais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Biblioteca pública: ingênua, astuta e crítica. **Revista Eletrônica da Associação dos Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação do Distrito Federal - ABDF**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 48-67, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- ARNALDO, J. El 'efecto Beaubourg': el 31 de enero de 1977 abrió sus puertas el Centro Pompidou, un ingenio convertido en modelo para museos de todo el mundo. **El País**, Barcelona, 2 feb. 2017. Disponível em: [https://elpais.com/cultura/2017/01/30/babelia/1485774420\\_800534.html?rel=buscador\\_noticias](https://elpais.com/cultura/2017/01/30/babelia/1485774420_800534.html?rel=buscador_noticias). Acesso em: 1 fev. 2023.
- ASSOCIATION OF COLLEGE & RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Presidential Committee on Information Literacy**: Final Report. Chicago: ACRL, 1989. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- ASSOCIATION OF COLLEGE & RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Information literacy competency standards for higher education**. Chicago: ALA, 2000. Disponível em: <https://alair.ala.org/bitstream/handle/11213/7668/ACRL%20Information%20Literacy%20Competency%20Standards%20for%20Higher%20Education.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Framework for Information Literacy for Higher Education**. Chicago: ACRL, 2016. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, J. M. Cultura, memória e identidade: contribuição ao debate. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p. 31-36, dez. 1999. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1696/1817>. Acesso em: 25 abr. 2021.

BEZERRA, A. C. Vigilância e cultura algorítmica no novo regime global de mediação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 4, p. 68-81, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/zxgymJJ9DrB6xCKWtRfNHwq/?lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2022.

BEZERRA, A. C. Contribuição da teoria crítica aos estudos sobre regime de informação e competência crítica em informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/103164#:~:text=BEZERRA%2C%20A.%20C.%20Contribui%C3%A7%C3%A3o%20da%20teoria,.11959%2Fbrapci%2F103164>. Acesso em: 18 jan. 2022.

BEZERRA, A. C. Competência crítica em informação. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. **Competência crítica em informação**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019a. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Compet%C3%Aancia\\_cr%C3%ADtica\\_em\\_informa%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Compet%C3%Aancia_cr%C3%ADtica_em_informa%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 10 jan. 2022.

BEZERRA, A. C. Teoria Crítica da Informação: proposta teórico-metodológica de integração entre os conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. *In*: BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R. M.; SALDANHA, G. S. **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2019b. Disponível em: [https://www.garamond.com.br/wp-content/uploads/2020/06/iKr%C3%ADtika\\_Livro.pdf?thwepof\\_product\\_fields](https://www.garamond.com.br/wp-content/uploads/2020/06/iKr%C3%ADtika_Livro.pdf?thwepof_product_fields). Acesso em: 30 ago. 2020.

BEZERRA, A. C. **Competência Crítica em Informação**. Rio de Janeiro, jun. 2020. YouTube: webconceb. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=S4jUU\\_1OdA](https://www.youtube.com/watch?v=S4jUU_1OdA). Acesso em: 25 ago. 2020.

BEZERRA, A. C.; BELONI, A. Os sentidos da “crítica” nos estudos de competência em informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 208-228, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/82243>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BEZERRA, A. C.; SCHEIDER, M.; SALDANHA, G. S. Competência crítica em informação como crítica à competência em informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 5-22, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/47337/27363>. Acesso em: 30 ago. 2020.

BEZERRA, A. C.; CAVALCANTE, L. de. F. B. Mediação cultural da informação para o reencantamento do mundo. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 25, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72831>. Acesso em: 26 jul. 2021.

BEZERRA, A. C.; SANCHES, T. Copyright infringement: between ethical use and

legal use of information. *In*: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL ISKO, 15., 2018, Porto. **Anais** [...]. Porto: Universidade de Lisboa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/35247>. Acesso em: 20 set. 2022.

BEZERRA, A. C.; SCHEIDER, M. Teoria, consciência e práxis: a mediação dialética da crítica. *In*: BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M. (org.). **Competência crítica em informação**: teoria, consciência e práxis. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1200>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; BRISOLA, A. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. **Informação & Sociedade**: Estudos, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 7-16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/31114>. Acesso em: 8 fev. 2023.

BORTOLIN, S.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. Mediação da informação e da leitura. *In*: SILVA, T. E. (Org.). **Interdisciplinaridade e Transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008, p. 67-85.

BOTELHO, I. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 73-83, abr./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/cf96yZJdTvZbrz8pbDQnDqk/?lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2022.

BRISOLA, A. C. C. A. S.; RAMOS JUNIOR, M. A. C. O bibliotecário como um fator estratégico de marketing e de aprimoramento da competência crítica em informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1324/1163>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CANEDO, D. “Cultura é o que?”: reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBa, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2022.

CARDOSO, A. M.; NOGUEIRA, M. C. D. Projeto de implementação do Centro de Cultura de Belo Horizonte. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 203-216, jul./dez. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38283/29821>. Acesso em: 2 jun. 2022.

CARNEIRO, T. W. A. **Um centro cultural em Taquaralto**. 2019. 149 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1718>. Acesso em: 10 maio 2022.

CIVALLERO, E. Bibliotecas y sociedades originarias en América Latina: ideas básicas y caminos a futuro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 87-102, abr./jun. 2019. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/118739>. Acesso em: 26 jul. 2022.

CURVELLO, J. J. A. **Comunicação interna e cultura organizacional**. Brasília: Casa das Musas, 2012.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo. **Hermés**, Paris, n. 19, p. 4-37, 2003. Disponível em:  
[https://www.brapci.inf.br/repositorio/2018/01/pdf\\_cd350de355\\_0000028818.pdf](https://www.brapci.inf.br/repositorio/2018/01/pdf_cd350de355_0000028818.pdf). Acesso em: 10 dez. 2022.

DOHERTY, J. J; KETCHNER, K. Empowering the intentional learner: a critical theory for information literacy instruction. **Library Philosophy and Practice**, Nebraska, v. 8, n. 1, 2005. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/28106825\\_Empowering\\_the\\_Intentional\\_Learner\\_A\\_Critical\\_Theory\\_for\\_Information\\_Literacy\\_Instruction](https://www.researchgate.net/publication/28106825_Empowering_the_Intentional_Learner_A_Critical_Theory_for_Information_Literacy_Instruction). Acesso em: 10 jan. 2022.

DOYLE, A. Ideologia e Competência Crítica em Informação: um olhar para movimentos de biblioteconomia crítica. **Folha de Rosto**: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Juazeiro do Norte, v. 4, n. 1, p. 25-33, jan./jun. 2018. Disponível em:  
<https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/274>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DOYLE, A.; BRISOLA, A. C. Dois dedos de prosa sobre competência crítica em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 77-100, abr./jun. 2022. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/pci/a/VFxTpMQ4sjD9qZWdVk5zxNc/>. Acesso em: 8 fev. 2023.

DUDZIAK, E. A. **Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2001. Disponível em:  
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DUDZIAK, E. A. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.32, n.1, p.23-35, jan./abr. 2003. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ci/a/xDBTqDKvmcsvMnmwLWprjmG/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DUDZIAK, E. A. Information literacy as an emancipatory process directed to social inclusion in a knowledge society. *In*: IFLA GENERAL CONFERENCE AND COUNCIL WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS, 72., 2006, Seoul. **Proceedings** [...]. Seoul: IFLA, 2006. Disponível em:  
<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.150.9399&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

DUDZIAK, E. A. Bibliotecário como agente multiplicador da competência informacional e midiática. *In*: BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G. **Competência em informação**: de reflexões às lições aprendidas. São Paulo: FEBAB, 2013. Disponível

em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4556>. Acesso em: 20 mar. 2022.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Oxford: Blackwell Publishers Limited, 2000.

ELMBORG, J. Critical information literacy: implications for instructional practice. **The journal of academic librarianship**, [S. l.], v. 32, n. 2, p. 192-199, mar. 2006.

Disponível em:

[https://www.academia.edu/2608643/Critical\\_information\\_literacy\\_Implications\\_for\\_instructional\\_practice](https://www.academia.edu/2608643/Critical_information_literacy_Implications_for_instructional_practice). Acesso em: 26 jul. 2021.

FARIAS, C. M.; VITORINO, E. V. Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 2-16, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/6LsLsXSgddQkrshmcq9jQtM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FEITOSA, L. T. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 98-117, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/3064/2695>. Acesso em: 27 jun. 2021.

FLORIA, B. El diseñador del Beaubourg defiende que la arquitectura no imite a la historia. **El País**, Barcelona, 10 jul. 1987. Disponível em: [https://elpais.com/diario/1987/07/11/cultura/552952808\\_850215.html?rel=buscador\\_noticias](https://elpais.com/diario/1987/07/11/cultura/552952808_850215.html?rel=buscador_noticias). Acesso em: 1 fev. 2023.

FLUSSER, V. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 9, n. 2, p. 131-138, set. 1980. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76090>. Acesso em: 10 jan. 2023.

FLUSSER, V. O bibliotecário animador: considerações sobre sua formação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 11, n. 2, p. 230-236, 1982. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76090>. Acesso em: 10 jan. 2023.

FLUSSER, V. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36443>. Acesso em: 27 dez. 2022.

FORD, K. A burca vermelha de iansã: processo de mediação e questões de gênero. In: SALCEDO, D. A. (org.). **Mediação cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

FOURCADE, M. **Lexique**: La médiation culturelle et ses mots-clés. Québec: Culture pour tous, 2014. Disponível em: [https://www.culturepourtous.ca/professionnels-de-la-culture/mediation-culturelle/wp-content/uploads/sites/6/2015/05/lexique\\_mediation-culturelle.pdf](https://www.culturepourtous.ca/professionnels-de-la-culture/mediation-culturelle/wp-content/uploads/sites/6/2015/05/lexique_mediation-culturelle.pdf). Acesso em: 25 jan. 2023.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**: e outros escritos. 5. ed. Rio de Janeiro:

Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, H. M. R.; JANISSEK, R. **Análise léxica e análise de conteúdo**: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos. Porto Alegre, RS: Sphinx-Sagra, 2000. Disponível em: <https://docplayer.com.br/3397833-Freitas-janissek-analise-lexica-e-analise-de-conteudo-p-1.html>. Acesso em: 28 jul. 2022.

FROHMANN, B. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. **Connecteness: Information, Systems, People, Organizations**, [S. l.], 1995. Disponível em: [https://www.academia.edu/14044809/Taking\\_information\\_policy\\_beyond\\_information\\_science\\_applying\\_the\\_actor\\_network\\_theory](https://www.academia.edu/14044809/Taking_information_policy_beyond_information_science_applying_the_actor_network_theory). Acesso em: 31 maio 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, H. F. Mediação da informação e protagonismo social: relações com a vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. *In*: GOMES, H. F.; NOVO, H. F. (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017.

GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1–23, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047/32516>. Acesso em: 17 nov. 2022.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/fqMHsc5GNhFTqczMMnNkvDS/?lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2022.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ COLLADO, C.; BAPTISTA LUCIO, M. del P. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica. *In*: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). Faróis da Sociedade da Informação: declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida. Haia: IFLA, 2005. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/wsis/Documents/beaconinfsoc-pt.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2022.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). Recomendações da IFLA sobre a literacia informacional e mediática. Haia: IFLA, 2011. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/information-literacy/publications/media-info-lit-recommend-pt.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2022.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). The Moscow declaration on media and information literacy. Moscow: IFLA, 2012. Disponível em: <https://cdn.ifla.org/wp-content/uploads/files/assets/information-literacy/publications/moscow-declaration-on-mil-en.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2022.

JACOBS, H. L. M. Information literacy and reflective pedagogical praxis. **The Journal of Academic Librarianship**, [S. l.], v. 34, n. 3, p. 256-262, 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/72789763.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 26. reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MARTELETO, R. M. O lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos. *In*: LARA, M. L. G, FUJINO, A. NORONHA, D. P. (org.) **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/Infoeducacao.pdf>. Acesso: 15 abr. 2021.

MARTI, O. El Beaubourg cumple treinta años: museo y centro de creación El Centro Pompidou ha cambiado la relación del público con la cultura. **El País**, Barcelona, 28 jan. 2007. Disponível em: [https://elpais.com/diario/2007/01/29/cultura/1170025206\\_850215.html?event=go&event\\_log=go&prod=REGCRARTCULT&o=cerrcult](https://elpais.com/diario/2007/01/29/cultura/1170025206_850215.html?event=go&event_log=go&prod=REGCRARTCULT&o=cerrcult). Acesso em: 1 fev. 2023.

MARTINS, A. A. L. **Mediação**: reflexões no campo da Ciência da Informação. 2010. 253 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECID-88MHR9>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MEDIAR. *In*: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/mediar>. Acesso em: 20 dez. 2021.

MELO, D. A.; ALVES, E. C.; BRASILEIRO, F. S. A competência crítica em informação e o enfrentamento às desigualdades de gênero. *In*: BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M. (org.). **Competência crítica em informação**: teoria, consciência e práxis. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1200>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MENDONÇA, I. L.; FEITOSA, L. T.; DUMONT, L. M. M. Por uma relação cultural com a informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], ANCIB, v. 12, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/498/480>. Acesso em: 26 jul.

2021.

MILANESI, L. **Centro de cultura**: forma e função. São Paulo: Hucitec, 1990.

MILANESI, L. **A casa da invenção**. 3. ed. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

MILANESI, L. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

MILANESI, L. **A casa da invenção**: biblioteca, centro de cultura. 4. ed. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 2003.

MIRANDA, A. M. M. Educação e competência crítica em informação: análise a partir da pedagogia histórico-crítica. *In*: BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M. (org.). **Competência crítica em informação**: teoria, consciência e práxis. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1200>. Acesso em: 20 mar. 2022.

NASCIMENTO, A. C. G.; SALCEDO, D. A. A música como ação cultural e transformação social para crianças autistas. *In*: SALCEDO, D. A. (org.). **Mediação cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

NEVES, R. R. Centro cultural: a cultura à promoção da arquitetura. **Revista Especialize On-Line IPOG**, Goiânia, v. 1, n. 5, p. 1-11, jul. 2013. Disponível em: <https://doczz.com.br/doc/191671/centro-cultural--a-cultura-%C3%A0-promo%C3%A7%C3%A3o-da-arquitetura>. Acesso em: 27 abr. 2021.

NUNES, J. V.; CAVALCANTE, L. E. Por uma epistême mediacional na Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais** [...]. Marília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/104395>. Acesso em: 26 jul. 2021.

PASCHOAL, S. B. N. **Mediação cultural dialógica com crianças e adolescentes**: oficinas de leitura e singularização. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-28102010-103831/publico/1736191.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2022.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. *In*: LARA, M. L. G, FUJINO, A. NORONHA, D. P. (org.) **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/Infoeducacao.pdf>. Acesso: 15 abr. 2021.

PERUFO, D. M.; CAVALLI, V. A obra cinematográfica como formadora de sentidos: uma análise do filme Memórias de uma Gueixa. **Revista Geminis**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 317-388, 2010. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/25/23>. Acesso

em: 2 jun. 2022.

RAMÍREZ RONCANCIO, N. L. **Desenvolvimento do pensamento reflexivo: avaliação da qualidade da argumentação em situação de debate crítico.** 2012. 194 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19133>. Acesso em: 15 fev. 2023.

RAMOS, L. B. **O centro cultural como equipamento disseminador de informação: um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto.** 2007. 243 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VALA-74QJRP/1/mestrado\\_luciene\\_borges\\_ramos.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VALA-74QJRP/1/mestrado_luciene_borges_ramos.pdf). Acesso em: 25 mar. 2021.

RASTELI, A.; CALDAS, R. F. Percepções sobre a mediação cultural em bibliotecas na literatura nacional e estrangeira. **Transinformação**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 151-161, maio/ago. 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862017000200151&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862017000200151&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 15 abr. 2021.

RASTELI, A.; CALDAS, R. F. Mediação cultural e bibliotecas: perspectivas conceituais na Ciência da Informação no Brasil. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 24, n. 54, p. 1-13, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2019v24n54p1#:~:text=Apresenta%20as%20perspectivas%20conceituais%20sobre,Ci%C3%Aancia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil.&text=Preende%20e%20colaborar%20e%20fomentar,da%20Biblioteconomia%20em%20%C3%A2mbito%20brasileiro>. Acesso em: 15 abr. 2021.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SEALE, M. The neoliberal library. *In*: GREGORY, L.; HIGGINS, S. **Information literacy and social justice: radical professional praxis.** Califórnia: Library Juice Press, 2013. Disponível em: [http://eprints.rclis.org/20497/1/mseale\\_neoliberal\\_library.pdf](http://eprints.rclis.org/20497/1/mseale_neoliberal_library.pdf). Acesso em: 14 jan. 2022.

SCHNEIDER, M. Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. *In*: BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; PIMENTA, R. M.; SALDANHA, G. S. **iKritika: estudos críticos em informação.** Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2019b. Disponível em: [https://www.garamond.com.br/wp-content/uploads/2020/06/iKr%C3%ADtika\\_Livro.pdf?thwepof\\_product\\_fields](https://www.garamond.com.br/wp-content/uploads/2020/06/iKr%C3%ADtika_Livro.pdf?thwepof_product_fields). Acesso em: 30 ago. 2020.

SILVA, A. F. R. **Correspondentes internacionais: um diálogo entre culturas.** 2005. 77 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, Juiz de Fora. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/ASilva1.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2022.

SILVA, M. C. S. **Centro cultural**: construção e reconstrução de conceitos. 1995. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 1995. Disponível em:

[https://www.academia.edu/41638196/CENTRO\\_CULTURAL\\_Constru%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_reconstru%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_conceitos](https://www.academia.edu/41638196/CENTRO_CULTURAL_Constru%C3%A7%C3%A3o_e_reconstru%C3%A7%C3%A3o_de_conceitos). Acesso em: 31 maio 2022.

SILVA, R. C. M. Cultura, memória e protagonismo social em museologia. *In*: GOMES, H. F.; NOVO, H. F. (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017.

SIMMONS, M. H. Librarians as disciplinary discourse mediators: using genre theory to move toward critical information literacy. **Libraries and the Academy**, Baltimore, v. 5, n. 3, p. 297-311, jul. 2005. Disponível em: [https://scholarworks.sjsu.edu/slis\\_pub/66/](https://scholarworks.sjsu.edu/slis_pub/66/). Acesso em: 26 jul. 2021.

TEIXEIRA COELHO. **Usos da cultura**: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

TEIXEIRA COELHO. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

TEWELL, E. A decade of critical information literacy: a review of the literature. **Communications in Information Literacy**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 24-43, 2015. Disponível em: <https://pdxscholar.library.pdx.edu/comminfolit/vol9/iss1/2/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

VICENTINI, D.; VERASTEGUI, R. L. A. A Pedagogia Crítica no Brasil: a perspectiva de Paulo Freire. *In*: SEMANA DA EDUCAÇÃO: DESAFIOS ATUAIS PARA A EDUCAÇÃO, 16., 2015, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/PERSPECTIVAS%20FILOSOFICAS/A%20PEDAGOGIA%20CRITICA%20NO%20BRASIL%20A%20PERSPECTIVA%20DE%20PAULO%20FREIRE.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

VITORINO, E. V. Competência informacional do profissional da informação bibliotecário: construção social da realidade. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 24, p. 59-71, 2º sem. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007v12n24p59/410>. Acesso em: 20 ago. 2020.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional - bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n.3, p.130-141, set./dez., 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/NvH6pxqHKCtpWMw6SQR7c8J/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 20 ago. 2020.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1328/1507>. Acesso em: 20 ago. 2020.

VITORINO, E. V.; LUCCA, D. M. (org.). **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho, RO: Edufro, 2020.

WENDELL, N. **Estratégias de mediação cultural para formação do público**. Bahia: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2013. Disponível em: [http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/arquivos/File/imagenswordpress/2014/09/estrategias-de-mediacao-cultural\\_ney-wendell\\_8-9.pdf](http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/arquivos/File/imagenswordpress/2014/09/estrategias-de-mediacao-cultural_ney-wendell_8-9.pdf). Acesso em: 24 jan. 2023.

ZURKOWSKI, P. G. **The information service environment relationships and priorities, related paper N° 5**. Washington, DC, National Program for Library and Information Services, 1974. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED100391>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ZURKOWSKY, P. G. **Information literacy and the new era of enlightenment**. YouTube: LILAC Conference, maio 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8DXnUvseNTs&feature=youtu.be>. Acesso em: 20 mar. 2022.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A**

Carta de apresentação da pesquisa

**Carta de Apresentação da Pesquisa**

**Universidade Estadual de Londrina  
Centro de Educação, Comunicação e Artes  
Departamento de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da informação**

Prezado Diretor,

Eu, Barbara Lipinski, sou responsável pela pesquisa **MEDIAÇÃO CULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO: UM ESTUDO DO CENTRO INTEGRADO DE CULTURA (CIC) DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS/SC** cujo objetivo consiste em analisar como a mediação cultural promovida pelos bibliotecários do Centro Integrado de Cultura (CIC) do município de Florianópolis contribui para o desenvolvimento da competência crítica em informação na comunidade em que está inserido, com vistas a contribuir com a construção de base teórica àqueles interessados em desenvolver ações e práticas nessa direção. Essa pesquisa tem por finalidade a produção de uma Dissertação de Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, situada na Cidade de Londrina, Estado do Paraná. Orienta esta pesquisa a professora doutora Luciane de Fátima Beckman Cavalcante, docente no Programa de Pós-Graduação citado. Neste sentido, como instrumentos de coleta de dados serão utilizados um formulário estruturado, contendo questões abertas e fechadas e questões dependentes para a compreensão do perfil do sujeito participante, assim como a entrevista. Garante-se que as informações fornecidas serão utilizadas de forma confidencial, bem como serão mantidas em sigilo a identidade do entrevistado e da Instituição. Da mesma forma, o participante tem total liberdade para desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem acarretar prejuízo ou sanção.

**Barbara Lipinski**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

**APÊNDICE B**  
Formulário de Entrevista Semiestruturada

**1) Dados gerais dos entrevistados:**

- a) Nome:
- b) Idade:
- c) Formação acadêmica/ano de conclusão:
- d) Cargo/Função:
- e) Setor de atuação:
- f) Tempo de atuação no CIC:
- g) Como você veio atuar no CIC? Qual a sua história com este espaço?

**2) Dados acerca do Centro Integrado de Cultura (CIC):**

- a) Como funciona a estrutura organizacional do CIC?
- b) Quais são os espaços que o CIC possui?
- c) Quais são as atividades culturais que o CIC oferece?
- d) Qual a periodicidade de oferta dessas atividades?
- e) Na sua opinião, qual a relevância das atividades do CIC para o seu público e para a comunidade de Florianópolis?

**3) Dados acerca do setor de atuação:**

- a) Descreva as atividades oferecidas pelo seu setor de atuação.
- b) Qual a periodicidade de oferta dessas atividades?
- c) Qual o público-alvo de cada atividade?
- d) Qual a média de participantes dessas atividades?
- e) Como se dá a relação das atividades que seu setor desenvolve com os demais setores?
- f) Na sua opinião, qual a relevância das atividades do seu setor de atuação para o seu público e a comunidade de Florianópolis?

**4) Dados acerca da Mediação Cultural, da Competência em Informação e da Competência Crítica em Informação:**

- a) Qual a relação entre as atividades que você promove e a cultura local ou a cultura do público a qual elas se destinam? Explique.

- b) Em que medida as atividades que você promove são pensadas tendo em vista o desenvolvimento da Competência em Informação do público-alvo? Quais são essas atividades? Descreva-as, destacando os objetivos de cada uma.
- c) Já ofereceu e/ou oferece atividades para a comunidade com foco no desenvolvimento do pensamento crítico, do protagonismo social, do empoderamento, da consciência social, do respeito e engajamento em problemas sociais (como desigualdade, racismo, sexismo etc.)? Se sim, quais? Descreva-as, destacando os objetivos de cada uma.

## APÊNDICE C

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

*“Mediação cultural para o desenvolvimento da competência crítica em informação: um estudo do Centro Integrado de Cultura (CIC) do município de Florianópolis”*

Prezado(a),

Você é convidado(a) a participar da pesquisa **“Mediação cultural para o desenvolvimento da competência crítica em informação: um estudo do Centro Integrado de Cultura (CIC) do município de Florianópolis”**, desenvolvida por Barbara Lipinski, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI/UEL), sob a orientação da professora doutora Luciane de Fátima Beckman Cavalcante.

O objetivo da pesquisa é analisar se a mediação cultural promovida pelos bibliotecários do Centro Integrado de Cultura (CIC) do município de Florianópolis contribui para a competência crítica em informação na comunidade em que ele se insere.

Sua participação é totalmente voluntária, podendo recusar-se a participar ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

Sua participação consistirá em responder a perguntas de um roteiro de entrevista/formulário semiestruturado à pesquisadora. A entrevista somente será gravada se houver autorização do entrevistado(a). O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 30 minutos. A entrevista será transcrita e armazenada em arquivo digital, mas somente a pesquisadora terá acesso a ela.

As informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação.

Os benefícios (diretos ou indiretos) relacionados à sua colaboração nesta pesquisa são: auxiliar no desenvolvimento da pesquisa científica; atribuir mais significado e visibilidade aos centros culturais e ao trabalho do bibliotecário; e refletir no tocante ao potencial impacto social e cultural da informação no desenvolvimento crítico do sujeito, das práticas informacionais dos centros como promotoras da construção individual e coletiva da competência crítica em informação.

Você poderá solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos. Os resultados serão divulgados em palestras, eventos, artigos científicos e na dissertação.

Quanto aos riscos, a pesquisadora está consciente e de acordo com a resolução

466/2012 e a complementar 510/2016, de que a pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente assim, ainda que remota, existe a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano. Nesse sentido, pode haver risco de constrangimento durante a entrevista ou uma observação - risco de dano emocional. Desta forma, a pesquisadora se compromete em tomar providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar desconfortos ou riscos e, caso ocorram, providenciará o necessário para o atendimento do participante e está à disposição para ser contatada por e-mail e telefone conforme segue: **Barbara Lipinski, Rua São Paulo, número 2.899, Floresta, Joinville/SC; telefone (48) 99134-8424; e-mail babilipinski@hotmail.com.** Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina**, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone (43) 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

---

Assinatura da Pesquisadora  
**Barbara Lipinski**  
**RG: 5.591.135 – SSP/SC**

Este Termo é redigido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Eu, \_\_\_\_\_  
(nome por extenso), RG \_\_\_\_\_, declaro que fui devidamente esclarecido(a) acerca dos procedimentos da pesquisa acima descrita e concordo em participar.

---

Assinatura do Participante

Londrina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.